

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS: LÍNGUÍSTICA

**COMPREENSÃO LEITORA E CONSCIÊNCIA TEXTUAL: UM
ESTUDO SOBRE UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA
PACIENTES PSIQUIÁTRICOS INTERNADOS.**

Dissertação de Mestrado

PATRICIA DE ANDRADE NEVES

Professor Orientador: Dr(a). Vera Wannmacher Pereira

Porto Alegre
2017

PATRICIA DE ANDRADE NEVES

**COMPREENSÃO LEITORA E CONSCIÊNCIA TEXTUAL: UM
ESTUDO SOBRE UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA
PACIENTES PSIQUIÁTRICOS INTERNADOS.**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção
do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação
da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Professor Orientador: Dr(a). Vera Wannmacher Pereira

Porto Alegre
2017

PATRICIA DE ANDRADE NEVES

COMPREENSÃO LEITORA E CONSCIÊNCIA TEXTUAL: UM ESTUDO SOBRE UMA
PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA PACIENTES PSIQUIÁTRICOS INTERNADOS.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção
do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação
da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Vera Wannmacher Pereira – PUCRS

Prof. Dr. Ivan Carlos Antonello – PUCRS

Prof. Dr. Ronei Guaresi – UESB

Dedico este trabalho a todos aqueles que são os meus companheiros nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas foram importantes e fundamentais para a concretização desta pesquisa de Mestrado, cada uma a sua maneira, com a sua contribuição. Entre tantas pessoas que participaram deste processo destaco:

- meus pais e meus avós, por terem me proporcionado boa educação e bons valores, me direcionando na vida pessoal e profissional;

- meus amigos, pelo apoio, pela amizade e pela compreensão da minha ausência por dedicar-me ao curso;

- colegas do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, pelo apoio e pela colaboração em vários momentos do curso;

- professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, pelo conhecimento compartilhado;

- Prof^a. Dr (a). Vera Wannmacher Pereira, pela orientação, pelo direcionamento e pelo conhecimento compartilhados comigo durante a pesquisa.

RESUMO

O presente estudo está inserido na área de Psicolinguística e visa organizar atividades de leitura com foco na compreensão leitora e na consciência textual, no que se refere à coerência – manutenção e progressão temática, sugeridas a pacientes psiquiátricos internados. São utilizados nessas atividades textos literários (crônicas) de estrutura narrativa dominante. Segundo Seitz (2006), ao se praticar a leitura em ambiente hospitalar a internação torna-se menos dolorosa e agressiva, pois o paciente verbaliza seus problemas e reduz a ansiedade, a monotonia e o medo decorrentes da internação. Para Onocko Campos et al. (2013), textos com sequências narrativas dominantes são vistos como sendo adequados a serem trabalhados com pacientes psiquiátricos internados, por estarem atrelados à noção de temporalidade, que envolve personagens e enredo, ocorrendo dessa forma a verossimilhança. Através do entendimento dos pressupostos teóricos, das percepções dosicineiros, que atuam no projeto de leitura na ala psiquiátrica, do grupo de profissionais de saúde, que atuam também nesse espaço, dos profissionais da Psicolinguística e das constatações obtidas pelos dados é mostrado o papel, a viabilidade, os novos direcionamentos linguísticos e a boa aceitação das atividades sugeridas na promoção do bem-estar dos pacientes psiquiátricos internados.

Palavras-chave: atividades de leitura; bem-estar; crônicas; pacientes da ala psiquiátrica.

ABSTRACT

This current research is inserted in the area of Psycholinguistics and aimed to organize reading activities, focusing in reading comprehension and textual awareness, in what it refers to coherence – maintenance and thematic progression, suggested to psychiatric inpatients. Literary texts (chronicles) with narrative sequences are used in these activities. Seitz (2006) says that reading in a hospital environment helps to keep the hospital internment less painful and aggressive, because the patient can verbalize his problems, besides it the patient feels less anxiety, monotony and fear that come from internment hospital. According to Onocko Campos et al (2013), narrative sequences texts are showed as appropriate texts to be used in activities with psychiatric inpatients, because on those kinds of texts there are chronological time, characters and plot, these aspects show the textual verisimilitude. Through the understanding of these theories, the perceptions of the applicators, that work on the reading project in the psychiatric ward, the health professionals, which also work in this place, the Psycholinguistics professionals and from the findings obtained by the data it is shown the purpose, the feasibility, the new linguistic directions and the good acceptance of these suggested activities in the promotion of the psychiatric inpatients well-being.

Keywords: chronicles; psychiatric ward patients; reading activities; well – being.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Percepções gerais das atividades de leitura sugeridas para serem aplicadas na ala psiquiátrica.

Quadro 2: Utilização da intenção teórica, abordada na pesquisa, nas atividades propostas.

Quadro 3: Trabalho com a consciência textual (protocolo verbal) nas propostas sugeridas.

Quadro 4: Trabalho com a progressão temática nas propostas sugeridas.

Quadro 5: Trabalho com a manutenção temática nas propostas sugeridas.

Quadro 6: Utilização das sequências narrativas dominantes nas propostas sugeridas.

Quadro 7: Sugestões para as atividades de compreensão leitora e consciência textual (manutenção e progressão temática) para pacientes psiquiátricos internados.

Quadro 8: Percepções gerais das atividades de leitura sugeridas para serem aplicadas na ala psiquiátrica.

Quadro 9: Percepções obtidas das atividades de leitura sugeridas.

Quadro 10: Percepções obtidas dos pacientes que frequentam as atividades de leitura.

Quadro 11: Percepções das atividades sugeridas estarem de acordo com o público a quem elas se destinam.

Quadro 12: Percepções de uma possível melhora no paciente que frequenta as oficinas de leitura.

Quadro 13: Apoio das atividades propostas ao sarau literário que ocorre mensalmente na internação psiquiátrica.

Quadro 14: Sugestões para um melhor desenvolvimento das atividades de leitura que ocorrem na internação psiquiátrica.

Quadro 15: Relevância das atividades sugeridas para a recuperação da saúde dos pacientes.

Quadro 16: Percepções gerais das atividades de leitura sugeridas para serem aplicadas na ala psiquiátrica.

Quadro 17: Percepções obtidas das atividades de leitura sugeridas.

Quadro 18: Ajuda na promoção do bem-estar dos pacientes através das atividades sugeridas.

Quadro 19: Adequação das atividades a proposta do projeto.

Quadro 20: Trabalho com as regras de consciência textual nas oficinas do projeto.

Quadro 21: Relevância do trabalho com as regras da consciência textual (progressão e manutenção temática) nas oficinas do projeto.

Quadro 22: Trabalho e relevância do texto crônica de sequências narrativas dominantes nas oficinas do projeto.

Quadro 23: Sugestões para as atividades de compreensão leitora e consciência textual em crônicas de sequências narrativas dominantes.

Quadro 24: Relevância das atividades propostas para a recuperação da saúde dos pacientes.

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice I – Questionário para os oficinairos que atuam no projeto.....	99
Apêndice II – Questionário para o grupo de profissionais de saúde da ala psiquiátrica.....	102
Apêndice III – Questionário para o grupo de profissionais da Psicolinguística e interfaces..	105
Apêndice IV – Atividades sugeridas para os pacientes da ala psiquiátrica.....	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
1.1 LEITURA E BEM-ESTAR	14
1.1.1 O ato de ler e a compreensão leitora.....	14
1.1.2 O humor e o bem-estar	17
1.1.3 O bem-estar através da leitura	18
1.1.4 Leitura em ambiente hospitalar	21
1.2 PACIENTES PSIQUIÁTRICOS INTERNADOS	24
1.3 CRÔNICA NARRATIVA.....	26
1.4 ESTUDOS DA CONSCIÊNCIA	28
1.4.1 Consciência humana	28
1.4.2 Consciência textual.....	30
1.4.2.1 Coerência textual: manutenção e progressão temática	31
2 PROBLEMA	35
2.1 OBJETIVOS	35
2.1.1 Objetivo geral	35
2.1.2 Objetivos específicos	35
2.2 QUESTÕES DE PESQUISA	36
3 METODOLOGIA	36
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	36
3.2 SUJEITOS	37
3.3 COLETA DE DADOS	37
3.3.1 Local da pesquisa.....	37
3.3.2 Instrumentos	38
3.3.3 Procedimentos	39
3.4 ATIVIDADES	40

3.4.1 Proposta I	40
3.4.1.1 Análise do texto	40
3.4.1.2 Atividades	41
3.4.2 Proposta II	42
3.4.2.1 Análise do texto	42
3.4.2.2 Atividades	43
3.4.3 Proposta III	43
3.4.3.1 Análise do texto	43
3.4.3.2 Atividades	45
3.4.4 Proposta IV	47
3.4.4.1 Análise do texto	47
3.4.4.2 Atividades	48
3.4.5 Proposta V	49
3.4.5.1 Análise do texto	49
3.4.5.2 Atividades	50
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	50
4.1 Avaliação das propostas pelos profissionais da Psicolinguística e interfaces	50
4.2 Avaliação das propostas pelo grupo de profissionais de saúde (atuantes na ala psiquiátrica)	66
4.3 Avaliação das propostas pelos oficinairos (atuantes no projeto de leitura da ala psiquiátrica)	75
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	88
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICES	99

INTRODUÇÃO

Há 17 anos, em um hospital de Porto Alegre na internação infantil, foi dado início ao projeto *Literatura Infantil e Medicina Pediátrica*. Tal projeto, desenvolvido na ala pediátrica, foi sofrendo alterações e há dois anos foi ampliado para atender os pacientes adultos do sexto andar desse hospital em Porto Alegre, especificamente da ala psiquiátrica. Proporcionou, dessa forma, a interface entre a Faculdade de Letras e a Psiquiatria do hospital, por meio da leitura, trabalhando sempre com o lúdico, a fim de proporcionar o bem-estar dos pacientes que lá estão internados.

Diversas abordagens sobre a função terapêutica da leitura dentro de instituições de saúde aparecem no meio acadêmico. O ato de ler implica uma interpretação, sendo terapêutico, pois além de o leitor compreender o que está escrito ele também se compreende. Seitz (2006), em seu estudo, relata que a prática da leitura em ambiente hospitalar torna a internação menos dolorosa e agressiva, pois o paciente consegue verbalizar melhor os seus problemas e fazer a ligação com o mundo externo (fora da internação), além de reduzir a ansiedade, a monotonia e o medo decorrentes da internação. A autora também ressalta que a prática da leitura ajuda o paciente a desligar-se dos problemas, das angústias e incertezas, resultando em um alívio das tensões emocionais.

O paciente quando está internado possui certa dificuldade de se readaptar ao mundo externo (fora da internação) após a sua alta, ainda mais se tratando de pacientes com transtornos psíquicos. Através da prática da leitura ocorre a representação, mesmo que de forma fictícia, da realidade externa, auxiliando o paciente no processo de readaptação à vida real.

Mesmo com tantas pesquisas relacionadas à leitura em um ambiente hospitalar, pouco se veem pesquisas nesse assunto desenvolvidas por pesquisadores formados em Letras. A grande maioria das pesquisas é realizada por psicólogos, médicos e bibliotecários, além de não haver muitas pesquisas para pacientes psiquiátricos internados especificamente. As pesquisas com leitura em ambiente hospitalar podem abordar a literatura em geral, sem a especificidade de um determinado gênero e tipo textual e de determinadas características a serem trabalhadas. Os fenômenos linguísticos elucidados sob a teoria da Psicolinguística são necessários, pois assim as atividades de leitura têm um direcionamento e um embasamento teórico específico. Cada teoria linguística atinge um determinado objetivo na compreensão

leitora. A escolha do tipo textual e do gênero textual também cumpre diferentes objetivos nas atividades de leitura.

Faz-se necessário refletir sobre novas interfaces do curso de Letras com outras áreas e tirar proveito dos conceitos e descobertas para atingir novos objetivos de pesquisa.

Sendo assim, é apresentada na presente pesquisa a organização de atividades de leitura com foco na compreensão leitora e na consciência textual, no que se refere à coerência-manutenção/progressão temática. Tais atividades são destinadas a pacientes psiquiátricos internados, investigando, através de uma pesquisa de cunho qualitativo, a pertinência dessas atividades ao referencial teórico e metodológico, considerando o objetivo de desenvolvimento do bem-estar dos pacientes. Essas atividades de compreensão leitora e consciência textual focalizam, especificamente, textos de estrutura narrativa dominante (crônicas).

Para isso, inicialmente é apresentado o embasamento teórico contendo os elementos fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa. Posteriormente são sugeridas atividades com textos de estrutura narrativa dominante (crônicas), objetivando a compreensão leitora e a consciência textual e especificando alguns dos elementos constituintes desta (a progressão e a manutenção temática). Como instrumentos são aplicados questionários para osicineiros do projeto de extensão de leitura na ala psiquiátrica, para o grupo de profissionais de saúde, que também atuam nesse espaço e para os profissionais da Psicolinguística, a fim de serem observadas as percepções em relação às atividades sugeridas. Seguindo com a análise e confronto dos dados coletados com os fundamentos teóricos. Por fim, dadas as seguintes conclusões, pode-se verificar a viabilidade das atividades sugeridas e os aspectos que devem ser mantidos e modificados para uma possível aplicação futura com os pacientes psiquiátricos internados.

Dessa forma, são apresentadas, nos pressupostos teóricos que norteiam essa pesquisa, algumas noções fundamentais sobre a compreensão leitora de textos de estrutura narrativa dominante (crônicas), enfatizando a consciência textual nos aspectos da progressão e manutenção temática, com base, entre outros autores, em Gombert (1992), Adam (2011), Van Dijk (1988, 2003, 2006 e 2008), Charolles (1978), Pereira (2013), Marcuschi (2002), Jorge de Sá (1985), Antônio Cândido (1992), Afrânio Coutinho (1997) e Massaud Moisés (1978). Também são abordados conceitos importantes sobre a consciência em Dehaene (2009,2012), entre outros; sobre a leitura em ambiente hospitalar, entre outros autores, em Seitz (2006), Antonello (2013), Caldin (2001); e por fim algumas noções sobre pacientes psiquiátricos ancoradas em Maia (2012) e Alvarenga (2008), entre outros.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Noções fundamentais são apresentadas para a realização dessa pesquisa, tendo-se dessa forma o embasamento teórico para a realização do estudo proposto. É apresentada uma revisão breve das principais referências encontradas na literatura, sobre os aspectos que são mais significativos relacionados às questões pertinentes: aos textos de estrutura narrativa dominante; à compreensão leitora sob o viés da consciência textual com ênfase na progressão e na manutenção temática; e à prática de leitura em ambiente hospitalar, enfatizando os pacientes psiquiátricos internados. São apresentadas, inicialmente, questões envolvendo a relação entre a prática da leitura e o bem-estar, posteriormente, a definição e a caracterização de pacientes psiquiátricos internados, em seguida é abordado o gênero crônica de sequência narrativa dominante, e para finalizar são focalizadas definições de coerência e de consciência textual.

1.1 LEITURA E BEM-ESTAR

1.1.1 O ato de ler e a compreensão leitora

A prática da leitura se adaptou ao sistema cerebral, tal prática foi aprendida pelo ser humano, pois o cérebro humano, diferente do cérebro dos animais, possui uma grande plasticidade e pode se adaptar a essa nova capacidade (o ato de ler) que não é inata ao ser humano. Os genes humanos não evoluíram para permitir ao homem a habilidade de ler, mas sim a escrita que evoluiu e se adequou aos limites cerebrais. O cérebro decodifica ativamente a identificação das letras e das palavras, acrescentando a informação ao sinal visual. Sendo assim, todas as pessoas ativam a mesma região cerebral no ato da leitura, todas leem com a mesma área cerebral. A cultura evoluiu para ser apreendida pelo cérebro, e dentre as evoluções culturais, o ato de ler foi uma dessas aprendizagens (DEHAENE, 2012).

As Neurociências propiciaram grandes descobertas sobre a leitura, uma delas diz respeito às partes cerebrais e suas funções no ato de ler. Por exemplo, na região occipital ocorre o processamento dos sinais luminosos que são captados pela região central da retina, e na região occípito-temporal ventral esquerda ocorre o reconhecimento da palavra escrita. (DEHAENE, 2009).

Segundo Lent (2002), a decodificação é uma etapa essencial para a leitura, em que o estímulo que passa pelos olhos chega ao córtex cerebral de forma bilateral, porém decodificar

não quer dizer compreender. As sacadas oculares fazem parte do processo de decodificação, quando os olhos se fixam, em uma determinada parte do texto, eles podem reconhecer uma ou duas palavras. Progressivamente o sistema visual reconhece os grafemas, sílabas, prefixos, sufixos e os radicais. Dessa forma, duas rotas fazem parte desse processo: a rota fonológica (que converte as letras em sons) e a rota lexical (que acessa o dicionário mental e promove o significado das palavras), sendo assim, todos os sistemas de escrita possuem uma oscilação entre a escrita dos significados e a dos fonemas.

A representação mental dos sentidos se dá após o processamento de cada palavra. Newmann (2004) afirma que a compreensão leitora ocorre cooperativamente nos dois hemisférios cerebrais: o esquerdo envolve principalmente o processamento lexical/semântico e sintático e o direito envolve a integração das informações textuais com o conhecimento de mundo, contribuindo com as inferências e a compreensão da linguagem figurada.

Dehaene (2012) afirma que a aprendizagem da leitura possui três etapas: a primeira etapa é chamada de pictórica ou logográfica, em que a criança consegue reconhecer algumas palavras pela sua forma visual; a segunda etapa seria a fonológica, em que ocorre a associação das letras com as suas respectivas pronúncias; o terceiro nível é a etapa ortográfica, essa se caracteriza por um paralelismo crescente no reconhecimento das palavras. Sendo assim, a leitura modifica as conexões cerebrais, pois, à medida que a leitura melhora, a região occípito-temporal esquerda tem a sua ativação aumentada. As duas regiões cerebrais do hemisfério esquerdo associadas ao tratamento fonológico, o sulco temporal superior e o córtex pré-frontal inferior, aumentam de forma progressiva, na proporção em que a consciência fonêmica aumenta. O aumento da capacidade da memória também é um efeito da alfabetização, mesmo naqueles que aprenderam a ler só na vida adulta, além disso, todas as pessoas ativam a mesma região cerebral ao se tornarem leitoras.

Para Goodman (1976), a leitura é um jogo psicolinguístico de adivinhação/predição que relaciona o pensamento e a linguagem de forma articulada. “A busca de significado é a característica mais importante do processo de leitura”, pois há uma construção e uma reconstrução de diversos significados no ato de ler, na adaptação e na acomodação de uma nova informação ao significado que está sendo formado. Dessa forma, o ato de ler é ativo e dinâmico, já que o leitor se utiliza desse jogo psicolinguístico de predição para obter a compreensão leitora. A predição, segundo Pereira (2002), tem a possibilidade de ocorrer em diversos níveis constituintes da língua, como por exemplo: fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático e textual.

Segundo Silva (2006), a leitura possui quatro ciclos: ciclo ótico; ciclo perceptual; ciclo gramatical e ciclo do sentido. Os ciclos ocorrem à medida que a leitura progride, cada ciclo segue e precede o outro até que o ato de ler tenha chegado ao fim. A compreensão leitora ocorre através das pistas fornecidas pelo escritor do texto, ocorrendo assim uma cooperação entre leitor e autor e sendo a tríade: escritor, texto e leitor, essencial para a eficácia da compreensão leitora (GOODMAN, 1990). Ainda segundo o mesmo autor (1991), durante a leitura há a construção do sentido do texto através da relação entre o leitor e o texto, da representação da realidade, do compartilhamento de conhecimentos, de aspectos gramaticais como sintaxe e léxico, de conceitos e do contexto social. Abordando o contexto social, para Kleiman (1992), o ato de ler é social, pois tanto o leitor quanto o autor interagem segundo determinados objetivos e necessidades que são estabelecidos socialmente.

Smith (1999) afirma que a leitura é realizada através do conhecimento prévio, com uma atitude reflexiva do leitor para que ocorra a compreensão leitora. A leitura possui quatro características fundamentais que vão além da decodificação da palavra: é objetiva (as intenções do leitor); seletiva (o que é realmente relevante para o leitor segundo seus objetivos); antecipatória (são as expectativas através dos objetivos do leitor) e possui compreensão (sendo essa a base da leitura). Dessa forma, o ato de ler envolve diversos aspectos além da simples decodificação de palavras, sendo um ato muito mais complexo do que se pode imaginar, pois envolve duas combinações que resultam na interação entre o texto e o leitor: uma informação visual (advém da escrita e contribui com 25% para a compreensão leitora) e não visual (advém do conhecimento prévio do leitor) (SMITH, 2003). O autor (2003) define a compreensão leitora como a relação entre o conhecimento, as intenções e as expectativas existentes no leitor.

Halliday e Hasan (1976, p.1) afirmam que o texto é “uma passagem falada ou escrita que forma um todo unificado”. Para Kleiman (1992), o texto é composto por vários elementos de significação e as categorias lexicais, estruturais, semânticas e sintáticas proporcionam a materialização desses elementos, obtendo, dessa forma, uma unidade semântica.

A leitura consiste em transformar uma sequência de letras/palavras/frases em uma realidade analógica/pensamento. Assim, a compreensão leitora é a relação entre o pensamento e a linguagem. O sentido do texto se constrói através dos dados que são captados pelos olhos e esses são transferidos para o cérebro. O processamento desses dados inicia-se no cérebro, juntamente com os dados previamente armazenados. Através da conexão de um dado (input) com outro dado que já estava armazenado, há a ativação desse novo dado. A cada nova conexão, há um novo aprendizado. Sendo assim, a cada novo conhecimento armazenado há a

constituição do conhecimento prévio para o resto do texto ser processado (POERSCH, 2001).

Kato (1985) afirma que há dois tipos de processamento de leitura: o processamento *top-down* (leitura descendente, do todo para as partes) e o processamento *bottom-up* (leitura ascendente, das partes para o todo). O leitor que se utiliza mais do processamento *top-down* possui uma leitura mais fluente e veloz, lançando mão de forma mais efetiva do conhecimento prévio. Já o leitor que se utiliza mais do processamento *bottom-up* pouco lê as entrelinhas, faz uma leitura mais minuciosa e centrada nos dados fornecidos pelo texto, sendo esse leitor vagaroso e menos fluente na leitura. O leitor maduro utiliza ambos os processos, controlando seu comportamento perante a leitura de forma consciente.

Dentre as estratégias cognitivas e metacognitivas (comportamentos conscientes e inconscientes/automáticos do leitor) de leitura, Kato (1985) afirma que nestas há o esclarecimento dos propósitos de leitura, identificação dos aspectos não importantes das mensagens, distribuição da atenção (acarretando em maior concentração do leitor), monitoração das atividades (para que ocorra a verificação da compreensão leitora e a revisão do atingimento dos objetivos), adoção de ações corretivas na presença de falhas na compreensão e prevenção contra distrações e truncamentos. Essas estratégias fazem parte da metacognição (nível consciente do leitor).

Ainda conforme Kato (2007), o ato de ler as palavras se dá como um todo, não apenas letra por letra ou sílaba por sílaba. O leitor proficiente processa a leitura em blocos, esse processamento ocorre de três formas: através de uma resposta obtida instantaneamente por um estímulo de um item já existente no acervo de palavras e blocos armazenados em sua forma e/ou conteúdo na memória permanente; por meio de resposta instantânea por um estímulo de um item já existente no estado de consciência; em forma e/ou conteúdo na memória em médio prazo; ou através da síntese e análise dos elementos que compõem o bloco.

1.1.2 O humor e o bem-estar

Wooten (2005) afirma que o riso é uma resposta comportamental ao humor, através do sorriso há uma união total do corpo. Para o autor há três teorias sobre o humor: teoria da superioridade (o riso vem através do sentimento de ser superior ao outro); teoria da incongruência (um conflito ocasiona o riso); teoria da liberação (o riso como alívio das tensões e conflito sociais). O humor segundo Freud (1928) era uma das maneiras de defesa psicológica mais saudável.

Relacionando o humor com o riso e o cérebro, Wild (2003) relata que as correlações neurológicas do riso e do humor dependem de dois caminhos neuronais independentes de forma parcial. Um emocional e involuntário, envolvendo a amígdala, as áreas hipotalâmicas e as subtalâmicas e o dorso cerebral. O outro seria voluntário, integrante da área opercular frontal, conduzido através do córtex motor e trato piramidal e direcionando-se para o tronco cerebral ventral. As regiões cerebrais ativadas dependem do tipo de humor e do tipo de transmissão, portanto, áreas como o córtex frontal direito, o córtex pré-frontal medial, regiões temporais e o cerebelo têm as suas ativações variadas. O efeito terapêutico do riso é afirmado por Berk (1988) ao descrever que quando rimos ocorre a produção de endorfinas (diminuindo ou prevenindo a dor), a diminuição da pressão sanguínea, a diminuição de doenças cardíacas e a diminuição dos hormônios do estresse

Certos estudos mostram que o bem-estar pode ser influenciado pela personalidade, sendo essa inata e um dos fatores mais substanciais a influenciar essa sensação. (GARCIA E ERLANDSSON, 2011; LUCAS E DIENER, 2009). Por exemplo, se uma pessoa possui uma personalidade extrovertida, maior é o afeto positivo provocado, e como consequência maior é a sensação de bem-estar. Segundo Diener, Suh e Oishi (1997), a realização e a socialização humana levam a situações sociais e de conquistas mais positivas, o que consequentemente aumenta também essa sensação, já que pessoas que são sociáveis e possuem maior realização em seus objetivos de vida podem receber maiores esforços positivos e, dessa forma, obterem um bem-estar maior. Uma pessoa otimista ao focar na resolução dos problemas cria uma expectativa de resultados favoráveis à vida, e tal postura também pode elevar essa sensação (SCHEIVER E CARVER, 2005). Segundo Diener et al. (1997), a forma como cada pessoa pensa e vê o mundo também influencia no bem-estar.

1.1.3 O bem-estar através da leitura

Relacionando o bem-estar à literatura, afirma-se que esta relação tem sido usada ao longo dos anos para dispersar a dor ao se utilizar da imaginação durante a leitura. Hasse (2004, p.17) descreve a utilização das histórias ao longo da história da humanidade:

As histórias têm sido usadas através da história da humanidade para ajudar pessoas a se expressarem criando um senso de identidade, promovendo o crescimento pessoal, e favorecendo o bem-estar físico. As histórias podem surgir de vários contextos, incluindo o grupo cultural, a família e o indivíduo. Psicólogos, profissionais da saúde e outros têm recomendado e usado livros para ajudar pessoas a superar seus problemas. Contudo, muitas pessoas usam livros de auto-ajuda para lidar com assuntos relacionados com crescimento e desenvolvimento, assim como professores e bibliotecários usam a leitura para conduzir alunos na resolução de crises pessoais.

Seitz (2006) afirma que através de atividades que envolvam a leitura pode ocorrer o combate às patologias emocionais que atingem as pessoas, pois elas promovem prazer, conforto e contribuem para o bem-estar físico e mental. Silva e Pinheiro (2008) alegam que o ato de ler pode ocasionar grandes mudanças nas vidas e no meio em que vivem as pessoas. Ou seja, a leitura possui um papel transformador na vida de quem lê.

Explicitando um pouco mais o ato de ler, afirma-se que a prática da leitura envolve alguns componentes como: a catarse (provocação de emoções e paixões através de textos literários), o humor (transformação do objeto de dor em objeto de prazer), a identificação (desenvolvimento da personalidade), a introjeção (encontro no outro de suas próprias qualidades), a projeção (localização nas personagens de ideias, sentimentos e intenções) e a introspeção (reflexão sobre seus próprios sentimentos). Esses componentes descritos resultam no valor terapêutico da leitura (CALDIN, 2001). Para enfatizar a afirmação anterior de que a leitura tem um papel transformador e que pode auxiliar na promoção do bem-estar do indivíduo em diversos aspectos, cita-se o estudo de Brito (2010, p.10) em que ato de ler é caracterizado como:

[...] atividade prazerosa e poderosa, pois desenvolve uma enorme capacidade de criar, traz conhecimentos, promovendo uma nova visão de mundo. O leitor estabelece uma relação dinâmica entre a fantasia, encontrada nos universos dos livros e a realidade encontrada em seu meio social. A criatividade, a imaginação e o raciocínio se sobrepõem diante deste magnífico cenário, criando um palco de possibilidades.

Atividades que envolvam a leitura, segundo Pinto (2005), podem ser aplicadas a qualquer grupo e faixa etária e alcançar bons resultados, os livros podem ser utilizados para fins terapêuticos. Dessa forma, a leitura bem dirigida e com textos previamente selecionados pode ajudar na promoção do bem-estar. Segundo Caldin (2001), um trabalho com leitura dirigida e com discussão em grupo acaba favorecendo na interação entre as pessoas, e dessa forma as pessoas acabam compartilhando seus sentimentos e vendo a solução para os seus problemas. Para Abramovich (1997, p.17), a leitura de uma história pode proporcionar diversas experiências:

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica.... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. Sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

A prática da contação de histórias também pode trazer o bem-estar para pessoas de todas as faixas etárias. Quando a pessoa escuta o que lhe é contado/lido, a criatividade e a imaginação são aguçadas, para certos indivíduos, de forma maior do que se fosse feita uma leitura silenciosa e individual, já que o contador também se utiliza da dramatização. Ao tratar de atividades de contação de histórias, Sisto (2001, p.35) afirma que,

É pensando na duração do evento, nos tipos de contos, no local, que se percebe toda a dimensão do trabalho. Uma história tem que durar o tempo da liberdade do ouvinte de ser co-autor da história narrada, recebendo a experiência viva e criando na imaginação o que foi apenas sugerido pelo narrador.

Também sobre a contação de histórias, Sisto (2001, p.35) afirma:

Quando se conta uma história começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico. A palavra, com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional, capaz de levar o ouvinte a uma suspensão temporal.

Ao definir um conceito muito utilizado por bibliotecários e psicólogos para a função terapêutica da leitura, Ferreira (2003, p.38) afirma que a biblioterapia é um “processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal”. Paiva (2008) afirma que a biblioterapia é um processo de interação que se utiliza além da leitura, também de outras atividades lúdicas como coadjuvantes, inclusive em tratamentos de doenças físicas e mentais. Esse método pode ser aplicado em diversas áreas como, por exemplo: a educação, a saúde e a reabilitação de indivíduos em diversas faixas etárias.

Segundo Morandi Balcunas (2008), através da leitura há a reflexão e a transformação de quem lê em relação a si mesmo e ao mundo, sendo essa uma ferramenta terapêutica. Um maior equilíbrio do estado emocional do leitor pode ser também alcançado se esse se identifica com alguma personagem da trama. Ao se apreciar um livro literário há a identificação do leitor com o conteúdo textual, podendo desencadear na liberação de sentimentos contidos (ALMEIDA, 2010). Abordando a leitura como uma atividade de lazer, Fernandes (2007) afirma que essa possui três funções: descanso, divertimento e desenvolvimento da pessoa humana. Sendo assim, Caldin (2001, p.05), ao abordar a função terapêutica da leitura e o que ela produz no leitor, afirma:

A leitura implica uma interpretação – que é em si mesma uma terapia, posto que evoca a ideia de liberdade- pois permite a atribuição de vários sentidos ao texto. O leitor rejeita o que lhe desgosta e valoriza o que lhe apraz, dando vida e movimento às palavras, numa contestação ao caminho já traçado e numa busca de novos

caminhos. A biblioterapia contempla não apenas a leitura, mas também o comentário que lhe é adicional. Assim, as palavras se seguem umas às outras – texto escrito e oralidade, o dito e o desdito, a afirmação e a negação, o fazer e o desfazer, o ler e o falar – em uma imbricação que conduz à reflexão, ao encontro das múltiplas verdades, em que o curar se configura como o abrir-se a uma outra dimensão.

1.1.4 Leitura em ambiente hospitalar

As atividades de leitura não são exclusivamente para ambientes formais educacionais, elas também podem fazer parte de outros contextos trazendo diversos benefícios, além daqueles encontrados em locais de ensino tradicionais, como a sala de aula por exemplo. Sendo assim, Brito (2010, p.12) descreve a leitura:

[...] Lemos para obter informações, para receber instruções, para obter e aprofundar conhecimentos, para passatempo, por prazer, por gosto, para estabelecer comunicação com outrem, para melhor compreender o meio em que vivemos, para encontrar, à distância, com quem trocar ideias sobre tudo aquilo que pensamos do mundo exterior e interior. Nesse sentido, a leitura tem uma função ao mesmo tempo social e individual.

A leitura também pode ter uma função terapêutica, e atualmente há diversos estudos sobre os benefícios terapêuticos da leitura. Os gregos já utilizavam a leitura como forma de tratamento médico e espiritual, pois concebiam as suas bibliotecas como “a medicina da alma” (ALVES, 1982, p.13). Dessa forma, a leitura pode ser coadjuvante no tratamento para problemas emocionais. Ao ler, a pessoa pode se distanciar das dificuldades vividas e se transportar para o que está lendo. Para aqueles que passam por um momento de internação, a leitura pode amenizar os sentimentos de angústia, de ansiedade, de tristeza, de medo e de outras reações devido à doença, levando o paciente a um bem-estar físico e mental (ALVES, 1982).

Para Orsini (1982, p. 141), através da leitura pode-se ter lazer com funções terapêuticas, e essas funções podem ter fins como: diagnóstico, tratamento, prevenção de males e de problemas pessoais, tendo em vista o equilíbrio emocional.

[...] uma vez que ocorre uma fuga, uma evasão, isto é, a criação de um universo independente da rotina cotidiana. Nessa escapada, há como que um mergulho em um mundo cheio de aventura, romance, fantasia, etc. Nesse sentido, podemos afirmar que uma das funções da literatura é a de aliviar as tensões da vida diária.

A leitura, por ser uma prática também terapêutica, pode ser desenvolvida em hospitais com pacientes internados e que necessitam de bem-estar psicológico, aliviando os sofrimentos advindos da internação. Para uma maior definição dessa afirmação, há, segundo o Glosario ALA (1988, p.250), a explanação do que seria uma biblioteca hospitalar:

[...] é a biblioteca mantida em ambiente hospitalar, ou alguma outra instituição que tenha pessoas a seu cuidado devido a problemas físicos ou mentais, com a finalidade de proporcionar material educativo, recreativo e terapêutico que ajude à reabilitação dos pacientes ou a adaptação desses a sua condição ou enfermidade. (tradução nossa)

Antonello (2013) afirma que a prática de contação de histórias auxilia o leitor a atingir o bem-estar e o alívio do estresse ao estimular a produção de endorfinas. Ao praticar a leitura em grupo há a expressão dos receios, das angústias e dos anseios dos que estão envolvidos, promovendo, dessa forma, uma maior interação. O mesmo autor (2013) afirma que algumas vezes a doença infantiliza o paciente, no entanto, ao se contar narrativas, personagens com trajetórias similares aos dos pacientes são apresentados. Dessa forma, estimulando os pacientes, pois no início do texto narrativo todos preveem que a trajetória da personagem vai seguir sempre a mesma sequência: obstáculos a vencer, clímax da luta contra os obstáculos e a resolução em um final feliz e de superação. Em relação ao período de internação e às atividades de leitura o presente autor afirma:

A hospitalização causa instabilidade e medo ao indivíduo, muitas vezes sentimentos intensos, que acabam por afetar a integridade física e emocional de doentes e seus familiares. O enfadonho período de internação hospitalar é um dos piores acontecimentos na vida de uma pessoa, seja ela criança ou adulto. Histórias inseridas nesse contexto podem aliviar a ansiedade, trazendo a chance de uma nova leitura da realidade (ANTONELLO, 2013, p.65).

Em relação à prática da leitura em ambiente hospitalar, outro autor destaca a seguinte afirmação: “A leitura de histórias, o acesso e o contato com os livros são elementos essenciais para a transformação de o ambiente hospitalar, possibilitando o aumento do convívio, a socialização e o desenvolvimento mais saudável.” (SANTANA, 2007, p.21). A prática da leitura em ambiente hospitalar colabora na reconstituição do espaço e do afeto que pareciam ter sido perdidos, tais aspectos são muito importantes para se preservar a saúde. Ter contato com a literatura é benéfico tanto para quem conta quanto para quem ouve, pois a prática da leitura auxilia numa maior aceitação da situação da enfermidade e tratamento pelos pacientes, sendo a leitura mais um estímulo para se chegar à cura (SANTANA, 2007). Em relação ao

cuidado que se deve ter com os textos utilizados em atividades de leitura em hospitais, afirma Sisto:

Neste ambiente e com este público tão específico, sabemos que a leitura pode ser uma alternativa lúdica, mas, ao mesmo tempo, a abordagem precisa ser muito cuidadosa. O espaço precisa atrair e, portanto, precisa de um tratamento diferenciado. A interação requer cuidados. A escolha dos livros e das histórias precisa ser previamente planejada. Ações que permitem aos mediadores da leitura um amplo aprendizado (SISTO, 2013, p.43).

A atividade literária, além de recuperar o valor terapêutico da palavra, ameniza a espera pela passagem do tempo, adianta as angústias e ajuda a suportar a dor e o futuro indefinido (SISTO, 2013). Segundo Goldin (2012), quando lemos uma história para alguém quebramos o tempo regular, promovendo uma serenidade e dando ao outro poder para que ele seja outro.

Em relação à prática da leitura, de acordo com Machado (2011), a pessoa que não lê acaba por permanecer na ignorância e não desenvolve a própria inteligência, perdendo a oportunidade de crescer o seu intelecto e expandir a sua inteligência. Também segundo a autora, que já desenvolveu leitura infanto-juvenil em ambiente hospitalar, ao ler histórias podemos revelar formas de enfrentar as adversidades ou ao menos distrair os pacientes, também ficará evidente que há alguém que presta atenção nesses pacientes de outra forma além da relação médico-paciente e enfermeiro-paciente. Não há maior enfrentamento do medo do que estar numa internação hospitalar. A autora afirma que:

Nem sempre a relação entre o que se lê e o que se vive precisa ser tão direta, transparente e evidente. Na verdade, não precisa mesmo, nem é disso que se trata quando falamos de literatura [...] em hospitais. Parte do ministério da arte – e da literatura em especial – é usar uma linguagem simbólica. Com isso, a literatura pode falar de várias coisas que, embora aparentemente não tenham muito a ver com situações que estão sendo concretamente experimentadas, dialogam com a mente e o coração de cada leitor (MACHADO, 2011, p.60-61).

Seitz (2005), ao realizar estudos de leitura com pacientes internados em clínica médica, constatou que ler é uma atividade de lazer e humaniza a internação. Para Pinto (2003, p.40), ao definir a terapia através dos livros / biblioterapia como um processo terapêutico, afirma:

Entendemos a Biblioterapia como uma atividade terapêutica que se utiliza de textos verbais e não-verbais, da produção textual, das formas de expressão e de outros objetos lúdicos como coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença, seja ela física e mental, ou ainda que estejam experimentando uma etapa particular ou específica em suas vidas (...).

Dentre as práticas com a leitura há a biblioterapia. Esta é um processo terapêutico baseado na literatura com técnicas individuais ou em grupo e que propiciam o bem-estar e amenizam as angústias. Segundo Pereira (1996), há a existência de três tipos de biblioterapia: Biblioterapia Institucional, Biblioterapia Clínica e Biblioterapia Desenvolvimental. A presente pesquisa aborda especificamente a Biblioterapia Clínica, sendo esta uma técnica que pode ajudar na recuperação do paciente e na diminuição da ociosidade. Beneduzi (2004) relata o quanto a implementação de bibliotecas dentro de um ambiente hospitalar é importante, pois estas contribuem para a socialização dos frequentadores através da informação e conhecimento que são divulgados pela leitura. Sendo assim, a biblioterapia é uma técnica que auxilia na recuperação dos mais diversos pacientes hospitalizados. Ferreira (2003, p.38) afirma que a leitura em ambiente hospitalar se caracteriza por:

Biblioterapia clínica é destinada às pessoas com sérios problemas de comportamento social, emocional, moral, etc. Sua aplicação tem sido predominantemente em instituições de saúde, como hospitais, clínicas, organizações de saúde mental, embora ocorra também em clínicas privadas.

Ainda abordando a Biblioterapia, tem-se o conceito desta segundo Hasse (2004, p.16):

A Biblioterapia como recurso psicoterapêutico foi se desenvolvendo basicamente em hospitais e clínicas de saúde mental que tinham como objetivo a cura e o restabelecimento de pessoas com sérios transtornos emocionais e de comportamento, caracterizando o seu caráter corretivo. Quando passou a ser aplicada junto a crianças, adolescentes e jovens, em outros ambientes, como nas escolas, bibliotecas e centros comunitários, ganhou um aspecto preventivo, passando a ser um trabalho multidisciplinar.

Abordando a biblioteca para pacientes internados, Gómez (1997) relata que esta prática pode auxiliar a eliminar ou a diminuir as barreiras geográficas, físicas, econômicas, sociais, culturais, melhorando o acesso à cultura e a informação dos pacientes que estão internados. Em relação ao enfrentamento da internação e aos motivos pelos quais é benéfica a implementação de uma biblioteca em internações hospitalares, Seitz (2008, p.158) faz a seguinte colocação:

Observa-se que os hospitais, na sua maioria, não oferecem nenhuma atividade e lazer aos seus pacientes. Desse modo, os pacientes ficam horas e horas inertes no leito olhando para o teto, mergulhados na sua dor, em seus pensamentos e preocupações. Por isso, deve-se proporcionar a esses pacientes algum tipo de lazer, respeitando as condições e preferências de cada um.

O ato de contar histórias pode amenizar as angústias psicológicas dos pacientes e possibilitar novos aprendizados. Ao abordar as emoções que são produzidas na contação de histórias, Silva (1997, p.11) afirma:

A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens; mas sem perder o senso crítico, que é estimulado pelos enredos.

1.2 PACIENTES PSIQUIÁTRICOS INTERNADOS

Ao relatar brevemente uma parte da história dos hospitais psiquiátricos, Pereira (1997) afirma que estes locais, até a metade do século XX, eram habitados não somente por pessoas com problemas mentais, mas também por pessoas marginalizadas socialmente. Dessa forma, as unidades de internação psiquiátrica eram depósitos de pessoas indesejadas para viver na sociedade da época. A partir dessa situação, houve uma reflexão sobre qual seria o verdadeiro papel de um hospital psiquiátrico, sendo, na verdade, o de ter a função de centros de tratamento e reabilitação. Vários movimentos surgiram para mudar o cenário da internação psiquiátrica, visando diminuir a incidência de internações e chegando à reforma psiquiátrica, que busca a não exclusão e o não enclausuramento por tempo indeterminado.

Especificando os pacientes psiquiátricos internados, temos primeiramente a definição e caracterização desses usuários segundo Pacheco (2003). Para o autor (2003), a indicação para um paciente psiquiátrico na (UIP) Unidade de Internação Psiquiátrica ocorre somente quando todos os recursos fora do hospital se esgotam, restando como última alternativa a internação. De acordo com o autor:

A UIP existe para resguardar pacientes afetados por alguma enfermidade mental que altere o psiquismo em seu juízo crítico, sua capacidade de controlar condutas, na iminência de expor o indivíduo a riscos de causar danos severos a si mesmo e/ou a outrem. Portanto, não é a doença que determina a indicação de internação e sim o tipo de alteração psíquica a que o paciente está submetido em virtude dela. Legalmente está previsto que a internação em qualquer de suas modalidades só será indicada quando recursos extra-hospitalares se mostrarem insuficientes. (PACHECO, 2003, p.107)

As doenças mentais são comportamentos, situações que se afastam do que é considerado dentro da normalidade e podem ter causas diversas como: causas somáticas, conflitos psicológicos advindos da infância, a não adaptação à resolução de problemas, entre outros (GLEITMAN et al., 2003). Os principais motivos, de acordo com Pacheco (2003), que levam um usuário a tornar-se um paciente psiquiátrico internado são: ato suicida; risco de suicídio ou autoagressão (pacientes com depressão ou esquizofrenia); risco de homicídio ou

de heteroagressão (pacientes com sintomas psicóticos – paranoicos); desorganização mental e/ou psicose produtiva com falta de cuidados mínimos e/ou agitação psicomotora e/ou exposição social (pacientes com psicose aguda ou crônica e pacientes com *delirium* ou demência); exaustão familiar decorrente de doença mental; perda da autonomia psíquica devido ao comportamento de busca e fissura por substâncias psicoativas (perda da competência mental devido à dependência química); sofrimento mental intenso com solicitação de hospitalização do paciente ou falta de suporte familiar (pacientes com quadros de ansiedade generalizada, fobias ou pânico); riscos de provocar iatrogenia ou exames/procedimentos invasivos desnecessários (pacientes com transtornos dissociativos, conversivos, de pânico, ou hipocondria).

As modalidades de internação em uma (UIP) Unidade de Internação Psiquiátrica são: voluntária (o paciente ou consente ou solicita a si mesmo), involuntária (sem o consentimento do paciente e a pedido de uma terceira pessoa) e compulsória (internação determinada pela justiça) (PACHECO, 2003). Sendo assim, não é possível obter uma homogeneização dos pacientes psiquiátricos internados em uma UIP, pois cada paciente terá as suas peculiaridades em relação aos motivos que o levaram à internação.

O manejo dos pacientes em uma UIP pode se dar através da “ambientoterapia”, ou seja, atividades individuais e /ou grupais, desenvolvendo atividades que antes estavam deterioradas nos pacientes. O convívio entre eles nessas atividades auxilia-os a desenvolver a autocrítica (PACHECO, 2003). As atividades de compreensão leitora e consciência textual desenvolvidas em grupo poderiam se enquadrar nesse tipo de manejo, pois em alguns casos os pacientes com problemas psiquiátricos têm grande dificuldade de se expressar e de sair do seu próprio mundo e, através dessas atividades, eles podem desenvolver essa aptidão, se abrir à comunicação com o outro pela prática da leitura em grupo, por exemplo, e ajudar na terapia. Quaknin (1996, p.155) afirma:

No diálogo biblioterapêutico, cada comentário sobre o texto acrescenta, inflete, opõe, introduz um jogo no sentido e um movimento na identidade. O livro abre para o “espaço potencial” de um jogo, que libertará o conjunto de bloqueios e imobilidades identitárias nos quais um homem pode ter-se deixado encerrar.

Segundo Mendonça (2005), quando uma pessoa que vivia em sociedade passa a fazer parte de uma internação psiquiátrica, há um processo de “descultramento”, já que todos os seus hábitos de vida são transformados, gerando diversos conflitos. Dessa forma, através de atividades diversas como a leitura em grupo, por exemplo, há a possibilidade de os pacientes se expressarem coletivamente de forma criativa e mudarem o seu cotidiano, flexibilizando a

internação de maneira saudável. A autora (2005) afirma que em atividades de leitura os pacientes se remetem ao passado, compartilham histórias de vida com os demais e motivam outros pacientes a expressarem também os seus relatos pessoais. Através dessa prática o paciente vai se socializando novamente, saindo da rotina imposta pela internação e ao mesmo tempo se reencontrando com o seu próprio eu. O paciente também experimenta aos poucos as práticas de cidadania e pode, assim, se reabilitar para o convívio em sociedade novamente.

1.3 CRÔNICA NARRATIVA

Segundo Marcuschi (2003), a expressão *tipo textual* designa uma série de constructos teóricos definidos por certas propriedades linguísticas, constituindo uma determinada sequência de enunciados dominantes e um conjunto de aspectos lexicais, de relações lógicas e de tempo verbal. Segundo o autor, a expressão *gênero textual* se refere a textos que fazem parte do nosso cotidiano de forma materializada e que apresentam características relacionadas ao conteúdo, às propriedades funcionais, ao estilo e à composição característica, como: crônica, fábula, música e textos não verbais.

A crônica é o gênero textual utilizado nesta pesquisa. Constituído por sequências narrativas dominantes, esse tipo de texto se caracteriza por tratar assuntos cotidianos e contemporâneos, com uma linguagem mais despojada e coloquial. Sendo assim, mais atrativa e de fácil compreensão para os pacientes psiquiátricos. A crônica também é considerada um gênero menor por se aproximar dos leitores, possuir uma linguagem mais natural, ajudar o leitor a estabelecer os cenários, os fatos e as pessoas, além de muitas vezes se utilizar do humor (CÂNDIDO, 1992). Essas características, apresentadas pelo autor sobre o gênero crônica, vão ao encontro dos objetivos apresentados pela pesquisa, de promover o bem-estar a pacientes psiquiátricos internados através da leitura.

Squire (2005), ao definir a narrativa, afirma que essa é composta por um conjunto de signos que podem se mover de forma temporal e que podem operar inclusive em imagens (texto não verbal). Dentre os aspectos da estrutura, são focalizadas na presente pesquisa as sequências narrativas dominantes. Essas sequências, por trabalharem de forma cronológica e lógica, podem possuir estruturas mais fáceis de serem compreendidas pelos pacientes psiquiátricos, pois esses possuem diversos níveis de escolaridade. Sendo assim, os textos narrativos são mais usuais, já que sempre estamos lidando com narrativas no nosso dia a dia, ao contar histórias, por exemplo. Esses textos auxiliam na temporalidade das ações, um aspecto que às vezes fica debilitado para o paciente que está internado há muito tempo.

Portanto, todas as narrativas possuem uma estrutura hierárquica com certo número de sequências, e para que haja no texto um alto grau de narrativização a trama deve ser constituída por cinco proposições essenciais, segundo Adam (2011): Pn1 - situação inicial (antecede o processo), Pn2 - nó (parte inicial do processo), Pn3 - avaliação (o percurso do processo), Pn4 - desenlace (final do processo) e Pn5 - situação final (após o processo). Se não houver essas cinco proposições na narrativa, essa é considerada com baixo grau de narrativização, resultando em apenas enumerações de ações. Duas proposições, segundo o autor (2011), são opcionais: Pn0 - abertura do texto (resumo ou prefácio) e Pn Ω - encerramento do texto.

Sendo assim, o que diferencia um período narrativo ou argumentativo para uma sequência narrativa dominante é o grau (ADAM, 2011). Considerando os conceitos de Adam (2011), a narrativa possui uma determinada estrutura envolvendo elementos como: narrador, enredo, espaço, tempo e personagens. Dessa forma, as sequências narrativas dominantes podem auxiliar na compreensão leitora, pois todo o texto narrativo necessita da ordem cronológica e lógica para ser coerente, além disso, deve haver uma mudança do estado inicial para o final, juntamente com o clímax da narrativa, ocasionando a conclusão do texto:

Vimos que o reagrupamento de proposições narrativas em tríades imbricadas constitui grupos de funções. São estes grupos de proposições organizadas em ciclos que forma as sequências narrativas. Para que um grupo de proposições narrativas forme uma sequência é preciso não somente que um mesmo ator as unifique atravessando-as, mas também que haja uma transformação (ADAM, 1985, p.54).

Conceituando mais as sequências narrativas dominantes, Adam (2011) afirma que essas são unidades textuais complexas, compostas por um número limitado de enunciados. Uma sequência é uma estrutura, uma rede relacional hierárquica e uma entidade autônoma de forma relativa com uma organização interna.

Van Dijk (2008) afirma que os textos possuem macroestruturas (coerência global do texto), microestruturas (contribuição dos significados locais para o global) e as superestruturas. Esses esquemas textuais que caracterizam um gênero textual de forma global são chamados de superestruturas. Estas possuem categorias com ordenações através de regras de combinação e transformação, sendo tais categorias obrigatórias e opcionais dependendo do tipo de texto (VAN DIJK, 1988). Ainda segundo o autor, há a manipulação da superestrutura de forma estratégica pelos usuários da língua quando há o fornecimento de pistas pelo contexto ou gênero textual. Quando o leitor reconhece a superestrutura de um determinado gênero textual, ele antecipa a organização global daquele texto, contribuindo dessa forma para

a compreensão leitora (VAN DIJK, 2006). Para Van Dijk (2003, p.54), “as superestruturas são esquemas para as formas convencionais dos textos, sendo que o conhecimento dessas formas facilita a geração, a recordação e a produção de macroestruturas”. O autor apresentou um esquema de estruturas narrativas através de um diagrama arbóreo, para a formação de algumas superestruturas. Sendo assim, toda a narrativa possui três macrocategorias fundamentais – a situação, a compilação e a resolução – e duas que são opcionais – a avaliação e a moral.

1.4 ESTUDOS DA CONSCIÊNCIA

1.4.1 Consciência humana

De acordo com Libet (1987), a consciência delimita diferentes aspectos cerebrais tanto em humanos como em animais. Estados comportamentais como: estar consciente, estar em coma, estar desperto ou estar adormecido, são aspectos aplicados à consciência. Ao se tentar definir a consciência de uma forma comportamental, originou-se o conceito de “awaranness”. Ou seja, sinais são mandados do ambiente para o organismo gerando atenção, e essa os processa coerentemente resultando em ações futuras para o mesmo ambiente. Com o passar dos anos, diversos trabalhos começaram a fazer a distinção entre essa consciência de forma comportamental e a consciência de forma geral, pois a consciência também inclui, além de tudo que ocorre com a consciência de forma comportamental, a “perspectiva da primeira pessoa” ou “o aspecto subjetivo” da consciência (CHALMERS, 1996).

Chalmers (1996) afirma que a consciência, segundo a Filosofia da Mente, é um tema ambíguo, possuindo diversos aspectos como: reagir, categorizar e discriminar estímulos que vêm do ambiente; integrar informação por um sistema cognitivo; relatar estados mentais ocorridos; acessar os próprios estados internos; focar na atenção; controlar deliberadamente o comportamento e diferenciar sono e vigília. Para o estudioso, nenhum desses aspectos, isolados ou em conjunto, podem caracterizar a consciência de fato, pois esses constituem apenas aspectos funcionais da experiência consciente. Há algumas teorias que são criticadas por Chalmers, por elas não descreverem de fato um embasamento consistente a respeito da consciência, sendo algumas delas a “Teoria Neurobiológica da Consciência” de Crick e Koch (1990), “Teoria do Espaço Global da Consciência” de Baars (1988) e o modelo das “Múltiplas Camadas” de Dennett (1991).

Através da “Teoria Neurobiológica da Consciência”, Crick e Koch (1990) relatam a descoberta de uma constante (entre 35 – 75 hertz) em algumas oscilações neurais no córtex

cerebral. Há a hipótese de que tais oscilações são responsáveis pela produção da consciência, já que ao se proceder a integração de variados segmentos de informação, há na mesma frequência a oscilação de grupos neurais. Com essa sincronização, a integração de informação possibilita identificar perceptualmente objetos fora do homem, sendo essa uma possível explicação para a natureza da consciência.

A “Teoria do Espaço Global da Consciência” de Baars (1988) defende que os conteúdos conscientes estão armazenados em um espaço global (processadores não conscientes se comunicam por intermédio de um processador central). Ou seja, segundo o autor, é mais eficaz realizar atividades inconscientemente. Por exemplo: caminhamos, lemos, nos relacionamos socialmente e podemos analisar frases de forma mais precisa quando realizamos essas atividades de forma inconsciente. Para o autor, os processos conscientes são capazes de serem relacionados entre si e possuem sensibilidade ao contexto; já os inconscientes são isolados de forma relativa e são autônomos. Os eventos conscientes são coerentes de forma densa, pois não se pode pensar em dois conceitos alternativos ao mesmo tempo, porém se pode pensar em dois conceitos contraditórios, um após o outro. Já com os eventos inconscientes, tais habilidades podem se tornar incompatíveis. Há também o fato de que os processos conscientes ocorrem de forma sucessiva, pois conscientemente ocorre a atenção seletiva, que delimita a quantidade de informações que podem ser processadas ao mesmo tempo. Já os processos inconscientes podem ocorrer paralelamente de forma eficaz, pois as habilidades adquiridas durante toda a vida estão automatizadas.

Para Luria (1979), a consciência e o mundo psicológico humano (fenômenos psíquicos) foram tratados durante muito tempo isoladamente dos fenômenos físicos, sendo esses acessíveis à explicação causal. Porém, em meados do século XIX o dualismo foi abandonado para que ocorresse uma disciplina científica e o subjetivismo na Psicologia fosse deixado de lado; a consciência agora era um produto da história social.

O autor, ao explicar a consciência humana, aponta três traços que fazem parte fundamentalmente da natureza humana: não está ligada necessariamente a questões biológicas, havendo outras necessidades, como as cognitivas e as comunicativas; a atividade consciente do homem não está obrigatoriamente relacionada com impressões advindas do meio ou experiência individual imediata, pois o homem tem uma reflexão bem mais profunda que o animal; e o último traço seria que, além de o comportamento humano ter em comum com o do animal os aspectos de programas hereditários de comportamento e resultados da experiência individual, o homem também assimila a maioria dos seus conhecimentos e

habilidades através da experiência humana que está acumulada na história social e é transmitida pelo processo de aprendizagem.

Abordando a história evolutiva da humanidade, para Luria (1979), as primeiras atividades humanas conscientes que se distinguem do animal se dão no trabalho social (pois há a utilização e a preparação dos instrumentos de trabalho) e na utilização da linguagem (sendo essa atividade também advinda através do trabalho). Já que houve a necessidade de se nomearem os objetos que eram utilizados, passar informações entre si, estabelecendo dessa forma o trabalho coletivo.

1.4.2 Consciência textual

A consciência metalinguística postulada por Gombert (1992) é um importante aspecto da compreensão leitora, sendo esta uma habilidade de se refletir conscientemente a respeito de aspectos primários das atividades linguísticas. Tal consciência está subdividida em diferentes tipos: consciência fonológica (habilidade de segmentar, analisar e manipular intencionalmente sons que compõem a fala); consciência morfológica (habilidade de refletir sobre os morfemas); consciência sintática (habilidade de refletir e manipular a estrutura gramatical e os elementos linguísticos das sentenças); consciência pragmática (habilidade de se refletir sobre o uso da língua) e consciência metatextual (habilidade de se refletir a respeito do texto). Dentre as habilidades metalinguísticas postuladas por Gombert (1992), o enfoque teórico desta pesquisa será a consciência metatextual que conforme o autor, tal habilidade volta a nossa atenção para o texto de forma consciente considerando aspectos como a estrutura (traços que definem o tipo textual), a coerência (relações do conteúdo), a coesão (contribuição para a amarração do texto) e a consciência procedimental (os procedimentos que o leitor se utiliza para compreender o texto). Segundo Gombert (1992), essa consciência trata o texto como objeto de análise em que o foco recai sobre o texto e não sobre os seus usos. Outros fenômenos da língua também fazem parte da consciência metatextual, como a capacidade de monitoramento da leitura, metacompreensão, escrita de textos, revisão e manipulação de partes do texto. A atividade metatextual tem um importante papel no monitoramento da escrita ao se usar estratégias para compor e revisar textos.

Ao serem desenvolvidos comportamentos metalinguísticos (o indivíduo julga de forma consciente e correta além de explicitar verbalmente quais critérios utilizou), a consciência metatextual também será desenvolvida. Pereira & Cabral (2012) afirmam que a consciência textual relaciona os aspectos internos do texto com o contexto, englobando a coerência (conteúdo do texto relacionado com a semântica e a pragmática), a coesão (elementos de

ligação entre as frases e parágrafos) e a estrutura (elementos que categorizam o texto como tal). Quando se reflete sobre a estrutura organizacional de um texto, para definir os gêneros textuais, por exemplo, há o acesso à consciência textual. Dentre os aspectos abordados na consciência textual, estão as regras de manutenção e progressão temática (componentes da coerência) que são os alicerces da presente pesquisa.

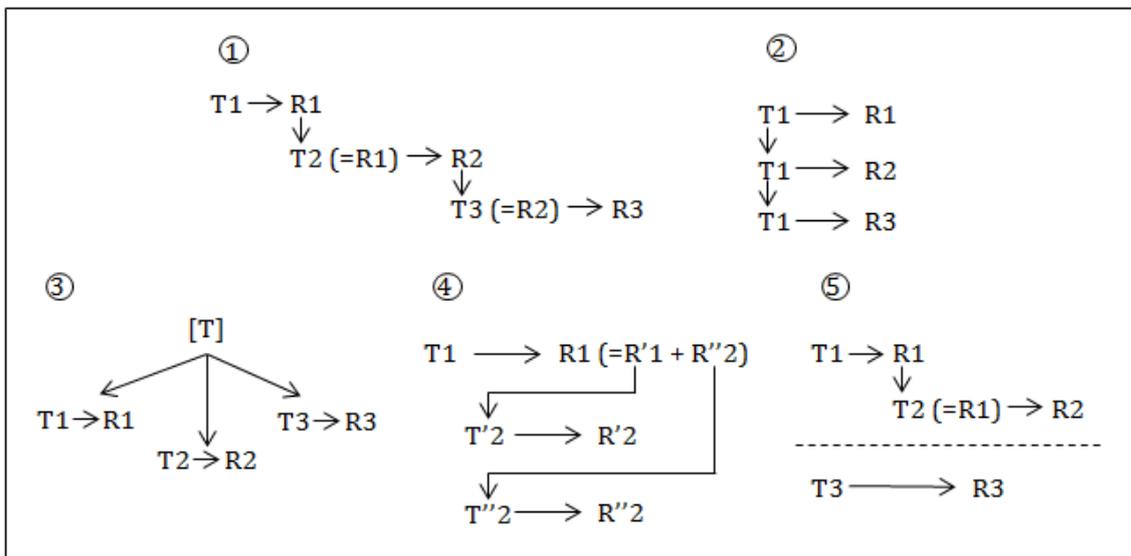
1.4.2.1 Coerência textual: manutenção e progressão temática

A coerência é uma das responsáveis pela textualidade (quando um texto é reconhecido) em dois níveis: o conceitual e o linguístico. Para alcançar a textualidade certas exigências, exigidas também pela coerência, devem ocorrer no texto. Gombert (1992), ao tratar da coerência, afirma que um texto coerente é aquele que possui ideias conectadas. Para a monitoração da coerência faz-se necessário detectar contradições no nível conceitual, ou seja, perceber as contradições através de novas informações ou informações que o sujeito já possui de forma explícita ou implícita no texto. É preciso comparar o que é fornecido pela mensagem do texto com os dados extralinguísticos. Dessa forma, a coerência não aparece de forma explícita no texto, ela é global e faz parte da macroestrutura textual (sentido do texto unificado e mantido e boa formação textual). Ferreira e Dias (2004) afirmam que através do processo inferencial o leitor interpreta e atribui coerência ao texto. Na leitura os sentidos são produzidos através da interação entre o leitor e o texto, e, como consequência da coerência, esses sentidos são organizados e relacionados com as partes textuais e o contexto.

Segundo Charolles (1978), a coerência realiza-se por meio de quatro metarregras: metarregra de manutenção temática (para que haja coerência é necessário que ocorra repetição, lançando mão de recursos como pronominalizações, definitivações, referencializações contextuais, substituições lexicais, recuperações pressuposicionais, retomadas de inferência...), metarregra de progressão temática (mesmo com o tema devendo ser mantido, a progressão deste se faz necessária, evitando que o texto seja repetitivo), metarregra de não contradição (não se pode introduzir uma nova informação ao desenvolvimento que seja contraditória à informação anterior, não ocorrendo dessa forma contradições temáticas ou linguísticas) e metarregra de relação (os fatos, as ações, os eventos ou estados devem possuir relação com o mundo). Dentre as metarregras propostas por Charolles (1978), a presente pesquisa tem como foco, nas atividades de compreensão leitora propostas, as metarregras de manutenção e progressão temática.

Um texto que se utiliza da progressão temática possui equilíbrio entre as novas informações que são introduzidas e a temática anterior, pois a continuidade temática deve ser mantida mesmo que novos tópicos sejam abordados na produção textual. Segundo os linguistas da *Escola Funcionalista de Praga*, para auxiliar na compreensão da progressão temática, o *tema* é a informação que já está contida no texto e o *rema* é a informação nova, tais características fazem parte do avanço/progressão textual.

Koch (2002) afirma que a progressão textual é composta de dois movimentos: prospecção (avanço do texto) e retroação (retomar informações já utilizadas no texto). Daněš (1974) classifica a progressão temática em cinco categorias: progressão linear, progressão do tema constante, progressão de temas derivados, progressão por subdivisão do rema e progressão com salto temático, conforme os esquemas a seguir:



Esquemas - Tipos de progressão temática. Esquemas 1 a 4 propostos por Daněš (1974) e 5, com base nesse autor, mas elaborado por Moreira (1991).

Na progressão linear (esquema 1) o tema torna-se o rema da frase seguinte e o rema desta o tema da seguinte. Sendo assim, T1 possui um rema (R1) e este é o tema do enunciado seguinte; T2 (que é igual a R1) possui uma nova informação, e essa se transformará no tema do enunciado subsequente. Para exemplificar esse tipo de progressão temática, Araújo (2012) utiliza um trecho do livro *A piabinha*: “Isso acontece quando ela se esquece e morde a isca. / Dentro da isca está o anzol/ atrás do anzol o nó/ atrás do nó a linha/ atrás da linha o caniço/ atrás do caniço enguiço”. No trecho pode-se perceber que os remas “isca”, “anzol”, “nó”, “linha” e “caniço” tornam-se temas dos enunciados posteriores.

Na progressão do tema constante (esquema 2) o mesmo tema é mantido sucessivamente nas frases do texto. Nesse esquema o T1 é mantido durante o texto e esse

introduz novos remas (R1, R2, R3), novas informações no decorrer dos enunciados subsequentes. Para exemplificar esse tipo de progressão temática, a parlenda “Uma pulga na balança/ Deu um pulo/E foi à França”, pode ser ilustrada, pois o tema de todos os enunciados, mesmo que de forma elíptica, é “pulga”.

Na progressão de temas derivados (esquema 3) parte-se de um tema geral (hipertema), em que subtemas são gerados. A partir dos subtemas derivados de T (T1, T2, T3, etc) novas informações são introduzidas. Com o objetivo de ilustrar essa progressão temática, Araújo (2012, p.2571) utiliza um trecho do livro *O caracol viajante*: “Rodolfo leva a casa nas costas. / A barriga vai no chão. / A cabeça vai no ar”. Nesse trecho o hipertema é “Rodolfo” e seus subtemas são respectivamente, “Rodolfo”, “a barriga (de Rodolfo)” e “a cabeça (de Rodolfo)”.

A progressão por subdivisão do rema (esquema 4) ocorre a partir da subdivisão do rema em novos temas e remas. Koch (2013) exemplifica esse tipo de progressão temática com o seguinte trecho: “O corpo humano divide-se em três partes: A cabeça é formada de crânio e face. O tronco compõe-se de tórax e abdômen. Os membros dividem-se em superiores e inferiores. ” Nesse trecho o tema “corpo humano” (T1) introduz o rema “três partes” (R1), esse por sua vez é subdividido em três sub-remas (R1’, R’’1 e R’’’1), utilizados como temas dos enunciados seguintes. O tema oriundo de R1’ é “cabeça”, o de R’’1 é “tronco” e o de R’’’1 é “membros”.

Por fim, há a progressão com salto temático (esquema 5) em que há a ocorrência da omissão de um segmento que compõem a linearidade da progressão temática. Tal segmento é deduzido através do contexto. Moreira (1991) exemplifica esse tipo de progressão a partir de um parágrafo de uma redação escolar: “Atualmente, um dos principais fatores que interferem no equilíbrio homem/meio ambiente é a poluição. Gases venenosos tornam irrespirável o ar das grandes cidades. ∅ ∅ ∅ As doenças das vias respiratórias contribuem para o aumento da mortalidade infantil, principalmente no inverno. ” Nesse trecho, o tema “um dos principais fatores” (T1) introduz o rema “poluição” (R1). R1 se torna o tema do enunciado seguinte por meio da expressão “gases venenosos” (T2), e este introduz a nova informação “tornam irrespirável o ar das grandes cidades” (R2). O enunciado seguinte, no entanto, não dá continuidade (pelo menos de forma explícita) ao tipo de sequência estabelecida até então. O novo tema “doenças das vias respiratórias” (T3), que introduz a informação “o aumento da mortalidade infantil” (R3), não provém de R2. Pode-se perceber que há um segmento omitido nessa progressão linear e que pode ser deduzido a partir do contexto: “o ar irrespirável das

grandes cidades” (tema originado a partir de R2) “leva a doenças das vias respiratórias” (rema que dá origem a T3).

Koch (2004) também afirma que a progressão temática pode variar conforme a tipologia textual, por exemplo: em textos descritivos há uma maior adequação da progressão do tema constante; em textos argumentativos ou expositivos o mais adequado é a progressão por subdivisão do rema. Em diversas tipologias textuais as mais adequadas são as progressões do tema constante e do salto temático. Porém, um mesmo texto pode ser composto por uma combinação desses diferentes tipos de progressão temática, principalmente se forem textos extensos (COMBETTES, 1983). A presente pesquisa se utiliza de crônicas, nas atividades sugeridas, com sequências narrativas dominantes, já descritas anteriormente conforme Adam (2001). Essas sequências possuem uma progressão temática caracterizada pela ordenação temporal; por esse motivo, ter conhecimento das partes da narrativa auxilia na construção de um texto coerente no aspecto da progressão temática, além de embasar as atividades sugeridas linguisticamente.

Para Sweiss & Lagos (1999), a quebra da progressão temática de um texto pode se dar através de alguns fatores, como por exemplo: excesso de informação explícita; excesso de informação nova; pouca ou nenhuma pista textual e introdução de uma informação nova de maneira abrupta. O sentido do texto é também construído através da utilização da progressão temática, pois há a articulação dos parágrafos em relação ao *tema* e ao *rema* de forma coerente.

2 PROBLEMA

A presente pesquisa, de natureza descritiva, que emerge dos questionamentos da pesquisadora a partir do projeto de extensão na ala psiquiátrica *ler, ouvir e contar histórias em um ambiente hospitalar: uma rede entre pacientes, familiares, profissionais de saúde e pesquisadores*, é orientada pela linha Teorias e Uso da Linguagem e fundamentada nos pressupostos teóricos da Psicolinguística. Tem-se como problema de pesquisa a proposta de atividades (e sua avaliação) de compreensão leitora e consciência textual (manutenção/progressão temática) em textos de sequências narrativas dominantes (crônicas) para pacientes psiquiátricos internados, que possam promover o bem-estar desses pacientes, explicitado, a seguir, através dos objetivos, das questões de pesquisa e da metodologia.

2.1 OBJETIVOS

Os objetivos são:

2.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é contribuir para os estudos da Psicolinguística, no que se refere à compreensão leitora e à consciência textual com foco na manutenção e na progressão temática em textos de estrutura narrativa dominante (crônicas) a serem sugeridos para a utilização com pacientes psiquiátricos internados.

2.1.2 Objetivos específicos

- a. Construir atividades de compreensão leitora e consciência textual, em textos de estrutura narrativa dominante (crônicas), com foco na progressão e manutenção temática, que possam promover bem-estar aos pacientes psiquiátricos internados.
- b. Verificar as percepções dos profissionais da Psicolinguística e interfaces sobre a adequação das atividades ao referencial teórico estabelecido.
- c. Verificar as percepções do grupo de profissionais da saúde (médicos psiquiatras e enfermeiros), sobre a adequação das atividades às características dos pacientes.
- d. Verificar as percepções dos oficinairos que atuam no projeto sobre a viabilidade de realização e aceitação das atividades.
- e. Verificar em que medida os profissionais da Psicolinguística e interfaces, o grupo de profissionais de saúde (médicos psiquiatras e enfermeiros), e os oficinairos avaliam essas atividades e acreditam que elas podem contribuir na promoção do bem-estar de pacientes psiquiátricos internados.

2.2 QUESTÕES DE PESQUISA

As questões norteadoras são:

- a. Como construir atividades de compreensão leitora e consciência textual, em textos de estrutura narrativa dominante (crônicas), com foco na progressão e na manutenção temática, que possam promover bem-estar aos pacientes psiquiátricos internados?
- b. Quais são as percepções dos profissionais da Psicolinguística e interfaces sobre a adequação das atividades ao referencial teórico estabelecido?
- c. Quais são as percepções do grupo de profissionais da saúde (médicos psiquiatras e enfermeiros) sobre a adequação das atividades às características dos pacientes?

- d. Quais são as percepções dos oficinairos que atuam no projeto sobre a viabilidade de realização e aceitação das atividades?
- e. Em que medida os profissionais da Psicolinguística e interfaces, o grupo de profissionais de saúde (médicos psiquiatras e enfermeiros) e os oficinairos avaliam essas atividades e acreditam que elas podem contribuir na promoção do bem-estar de pacientes psiquiátricos internados?

3 METODOLOGIA

Segue a metodologia:

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Orientado pela linha Teorias e Uso da Linguagem, a pesquisa tem como objetivo a proposta de atividades de compreensão leitora e consciência textual (manutenção/progressão temática) em textos de sequências narrativas dominantes (crônicas) para pacientes psiquiátricos internados, que possam promover o bem-estar desses pacientes. Realiza-se na interface da Psicolinguística com outras áreas de estudo (área da saúde).

São resultados esperados: o desenvolvimento de cinco atividades de compreensão leitora e consciência textual (progressão/manutenção temática) em textos com estrutura narrativa dominante (crônicas) para pacientes psiquiátricos internados; a obtenção das percepções das atividades sugeridas segundo o grupo de profissionais de saúde (médicos psiquiatras e enfermeiros), os oficinairos que atuam no projeto de extensão de leitura na ala psiquiátrica e os profissionais da Psicolinguística e interfaces. É uma pesquisa vinculada à promoção do bem-estar de pacientes psiquiátricos internados, em um hospital que atende tanto pelo SUS como particular e convênios, da capital do Rio Grande do Sul, idade entre 15 e 80 anos, através de atividades de compreensão leitora e consciência textual. A avaliação do alcance dos objetivos está baseada nos dados obtidos com a aplicação dos instrumentos de pesquisa.

3.2 SUJEITOS

Os participantes da pesquisa são os respondentes dos instrumentos de pesquisa: o grupo de profissionais de saúde (médicos psiquiatras e enfermeiros), os oficinairos que atuam no projeto de extensão de leitura na ala psiquiátrica e os profissionais da Psicolinguística e interfaces.

3.3 COLETA DE DADOS

Na seção coleta de dados são apresentados: o local da pesquisa, os instrumentos e os procedimentos.

3.3.1 Local da pesquisa

O projeto é realizado na ala psiquiátrica do hospital selecionado, em que é desenvolvido, entre outros projetos de extensão, o “Ler, ouvir e contar histórias em um ambiente hospitalar: uma rede entre pacientes, familiares, profissionais de saúde e pesquisadores”. Trata-se de um espaço em que há leitos, mesas, cadeiras, poltronas e uma estante com acervo de livros. Nesse espaço atua o corpo médico continuamente, e são realizadas as atividades de leitura pelo grupo de oficinairos. Desse modo, é lugar privilegiado para contato com os participantes.

3.3.2 Instrumentos

São três os instrumentos de avaliação: um questionário para verificação das percepções dos oficinairos que atuam no projeto de leitura na ala psiquiátrica; um questionário para verificação das percepções do grupo de profissionais de saúde (médicos psiquiatras e enfermeiros), que atuam também nesse espaço; e um questionário aplicado aos profissionais da Psicolinguística e interfaces para verificação das suas percepções em relação às atividades de compreensão leitora e consciência textual sugeridas.

Instrumento 1: Questionário oficinairos

O objetivo do questionário, aplicado aos oficinairos que atuam no projeto de extensão de leitura na ala psiquiátrica, é verificar a viabilidade das atividades propostas - se tais atividades trabalham com o lúdico e se podem, dessa forma, obter a aceitação dos pacientes, promovendo interesse e interação durante as atividades e auxiliando de forma recreativa no bem-estar dos pacientes psiquiátricos que lá estão internados.

Instrumento 2: Questionário grupo de profissionais de saúde

O objetivo do questionário, aplicado ao grupo de profissionais de saúde (médicos psiquiatras e enfermeiros) da ala psiquiátrica, é verificar as percepções que eles tiveram ao examinar as atividades propostas - se são adequadas às características dos pacientes e se

podem ser aplicadas a fim de auxiliar no bem-estar desses pacientes durante o momento da internação.

Instrumento 3: Questionário profissionais da Psicolinguística e interfaces

O objetivo do questionário, aplicado aos profissionais da Psicolinguística e interfaces, é verificar as percepções que eles tiveram ao examinar as atividades propostas, se essas estão adequadas ao referencial teórico estabelecido na presente pesquisa: compreensão leitora e consciência textual com foco na progressão e manutenção temática em textos com estruturas narrativas dominantes (crônicas).

3.3.3 Procedimentos

Primeiramente, foi feito um estudo das noções fundamentais dos principais representantes das pesquisas sobre atividades lúdicas de leitura, leitura em ambiente hospitalar, pacientes psiquiátricos internados, compreensão leitora, consciência textual (progressão e manutenção temática), textos com sequências narrativas dominantes, texto crônica, psicologia cognitiva e neurociência cognitiva. Em seguida, foram organizadas e elaboradas atividades de compreensão leitora e consciência textual, trabalhando o lúdico em textos de estrutura narrativa dominante, contemplando somente crônicas, cujo enfoque foi a progressão e a manutenção temática. Posteriormente, foram elaborados questionários, cujo objetivo foi fazer um levantamento das percepções que osicineiros, o grupo de profissionais de saúde e os profissionais da Psicolinguística e interfaces tiveram ao examinar as atividades propostas, cada um dos três questionários teve um enfoque específico.

Organizados os materiais, as atividades elaboradas pela pesquisadora foram apresentadas aosicineiros do projeto de extensão, ao grupo de profissionais de saúde e aos profissionais da Psicolinguística. Posteriormente, a pesquisadora obteve o número do parecer do comitê de ética 1.618.356, o CAAE 55926116.7.0000.5336 e o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos da pesquisa. Seguindo da aplicação dos questionários aosicineiros do projeto de extensão, ao grupo de profissionais de saúde e aos profissionais da

Psicolinguística a fim de se obter maiores dados em relação às atividades sugeridas para contribuir com a pesquisa.

Os dados coletados foram analisados tomando como base a *Análise Ideo-Central* de Texeira (2000), que consiste em uma análise temática que tem como objetivo evidenciar ideias centrais ou ideias-chave nos discursos. Essas ideias são obtidas através de respostas questão-por-questão. Por último, esses dados foram discutidos com base nos fundamentos teóricos de modo a avaliar o alcance dos objetivos citados.

No quadro a seguir apresentamos as etapas da pesquisa com suas respectivas descrições:

ETAPAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	
Etapas	Descrição
Aspectos teóricos	Estudo, realizado pela pesquisadora, dos principais autores e pesquisas relacionados ao tema.
Atividades	Elaboração das atividades sugeridas pela pesquisadora
Questionário I	Questionário aplicado aosicineiros que atuam no projeto de extensão de leitura na ala psiquiátrica.
Questionário II	Questionário aplicado ao grupo de profissionais de saúde (médicos psiquiatras e enfermeiros) que atua na ala psiquiátrica.
Questionário III	Questionário aplicado aos profissionais da psicolinguística.
Análise	Análise dos dados coletados e apresentação das contribuições teóricas.

Fonte: Elaborado pela autora

3.4 ATIVIDADES

As atividades contemplam cinco crônicas humorísticas de sequências narrativas dominantes. Todas as crônicas são organizadas a partir das proposições narrativas de Adam (2011) para a análise e a percepção da coerência textual. As cinco atividades visam à progressão e à manutenção temática, que se caracterizam tanto pela ordenação temporal, quanto por manter a ideia central do texto.

3.4.1 Proposta I

Tem-se a descrição da primeira proposta.

3.4.1.1 Análise do Texto

A crônica “Pneu Furado” de Luís Fernando Veríssimo está organizada da seguinte forma:

(Pn1) situação inicial	O carro estava encostado no meio-fio, com um pneu furado. De pé ao lado do carro, olhando desconsoladamente para o pneu, uma moça muito bonitinha.
(Pn2) nó	Tão bonitinha que atrás parou outro carro e dele desceu um homem dizendo "Pode deixar". Ele trocaria o pneu.
(Pn3) reação ou avaliação	- Você tem macaco? - perguntou o homem. - Não - respondeu a moça. - Tudo bem, eu tenho - disse o homem - Você tem estepe? - Não - disse a moça. - Vamos usar o meu - disse o homem. E pôs-se a trabalhar, trocando o pneu, sob o olhar da moça.
(Pn4) desenlace	Terminou no momento em que chegava o ônibus que a moça estava esperando. Ele ficou ali, suando, de boca aberta, vendo o ônibus se afastar.
(Pn5) situação final	Dali a pouco chegou o dono do carro. - Puxa, você trocou o pneu pra mim. Muito obrigado. - É. Eu... Eu não posso ver pneu furado. Tenho que trocar. - Coisa estranha. - É uma compulsão. Sei lá.

Resumidamente a crônica tem a seguinte divisão dos fatos: na situação inicial (Pn1) um carro com o pneu furado está encostado no meio-fio e uma moça está olhando para ele; no nó (Pn2) um moço para atrás do carro com o pneu furado e se oferece para trocá-lo; na reação (Pn3) o moço troca o pneu; no desenlace (Pn4) a moça, que estava olhando para o moço trocando o pneu furado, pega um ônibus e vai embora; e, por fim, na situação final (Pn5) o verdadeiro dono do carro aparece e agradece ao moço por ter trocado o pneu.

3.4.1.2 Atividades

A proposta I visa trabalhar a crônica “Pneu Furado” de Luís Fernando Veríssimo, possuindo estruturalmente a predominância das sequências narrativas dominantes. No formato do jogo dominó, os pacientes são solicitados a colocarem as peças encaixadas segundo as partes do texto e suas respectivas palavras-chave. Através da divisão do texto nas cinco proposições narrativas de Adam (2011) e relacionando-as com os blocos de palavras-chave respectivos, os pacientes conseguem visualizar como ocorrem a progressão e a manutenção temática textual, além de captar as ideias centrais de cada parte.

Para a outra parte do dominó, são colocadas as palavras-chave (substantivos concretos) correspondentes à ideia central de cada trecho da crônica segundo as sequências narrativas dominantes. Ao relacionar as palavras-chave às suas respectivas proposições, ocorre a percepção da progressão das ideias e dos fatos enquanto a trama da crônica vai se desenrolando. Também é solicitado aos pacientes, através de um protocolo verbal, feito oralmente, que eles verbalizem como pensaram para executar a atividade. Atividades que abrangem a progressão temática, a manutenção temática e o protocolo verbal trabalham a consciência textual.

3.4.2 Proposta II

Tem-se a descrição da segunda proposta.

3.4.2.1 Análise do Texto

A crônica “A Princesa e o Sapo” de Luís Fernando Veríssimo está organizada da seguinte forma:

(Pn0) abertura do texto	Era uma vez... numa terra muito distante...uma princesa linda, independente e cheia de auto-estima.
-------------------------------	---

(Pn1) situação inicial	Ela se deparou com uma rã enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo era relaxante e ecológico.
(Pn2) nó	Então, a rã pulou para o seu colo e disse:
(Pn3) reação ou avaliação	- Linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito. Uma bruxa má lançou-me um encanto e transformei-me nesta rã asquerosa. Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir lar feliz no teu lindo castelo. A tua mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavar as minhas roupas, criar os nossos filhos e seríamos felizes para sempre...
(Pn4) desenlace	Naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã sauté, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria, pensando consigo mesma:
(Pn5) situação final	- Eu, hein?... nem morta!

Resumidamente a crônica tem a seguinte divisão dos fatos: na abertura do texto (Pn0) há uma breve descrição da princesa; na situação inicial (Pn1) a princesa se depara com uma rã; no nó (Pn2) a rã senta no colo da princesa; na reação (Pn3) a rã dá vários motivos para conseguir um beijo da princesa; no desenlace (Pn4) a princesa está jantando e pensando em tudo que a rã tinha lhe dito; e, por fim, na situação final (Pn5) a princesa conclui que jamais beijaria a rã.

3.4.2.2 Atividades

É pedido ao paciente colocar a crônica “A Princesa e o Sapo” de Luís Fernando Veríssimo na ordem dos fatos, separadas em trechos conforme as seis preposições explanadas na teoria, auxiliando dessa forma na percepção em como se dá a construção de um texto narrativo coerente. Além dos seis trechos que compõem a crônica, outros dois trechos de textos com outra superestrutura estão embaralhados juntamente às partes do texto e não são ditos aos pacientes. Dessa forma, fica em evidência a estrutura de uma crônica narrativa, auxiliando os pacientes a perceberem a estruturação textual característica e como ocorre a manutenção do tema mesmo enquanto esse progride. Além da progressão e da manutenção temática, é solicitado, através de um protocolo verbal, feito oralmente, que os pacientes verbalizem como pensaram para executar a atividade. Tanto a progressão e a manutenção

temática quanto o protocolo verbal são aspectos da atividade que trabalham a consciência textual.

3.4.3 Proposta III

Tem-se a descrição da terceira proposta.

3.4.3.1 Análise do Texto

A crônica “Papagaio Congelado” de Ricardo Azevedo está organizada da seguinte forma:

(Pn1) situação inicial	Um dia, um sujeito ganhou de presente um papagaio.
(Pn2) nó	O bicho era uma praga. Não demorou muito, logo se espalhou pela casa. Atendia telefone. Gritava e falava sozinho nas horas mais inesperadas. Dava palpite nas conversas dos outros. Discutia futebol. Fumava charuto. Pedia café, tomava, cuspiam, arregalava os olhos, esparramava semente de girassol e cocô por todo lado, gargalhava e ainda gritava para o dono de casa: "Ô seu doutor, vê se não torra faz favor!".
(Pn3) reação ou avaliação	Uma noite, a família recebeu uma visita para jantar. O papagaio não gostou da cara do visitante e berrou: "Vai embora, ratazana!" e começou a falar cada palavrão cabeludo que dava medo. Depois que a visita foi embora, o dono da casa foi até o poleiro. Estava furioso: — Seu mal-educado, sem-vergonha de uma figa! Estou cheio! Agora você vai ver o que é bom pra tosse. Agarrou o papagaio pelo cangote e atirou dentro da geladeira: — Vai passar a noite aí de castigo! Depois, fechou a porta e foi dormir.
(Pn4) desenlace	No dia seguinte, saiu atrasado para o trabalho e esqueceu o coitado preso dentro da geladeira. Só foi lembrar do bicho à noite, quando voltou para casa. Foi correndo abrir a geladeira. O papagaio saiu trêmulo e cabisbaixo, com cara arrependida, cheio de pó gelado na cabeça. Ficou de joelhos. Botou as duas asas na cabeça. Rezou. Disse pelo amor de Deus.

	<p>Reconheceu que estava errado. Pediu perdão. Disse que nunca mais ia fazer aquilo. Jurou que nunca mais ia fazer coisa errada, que nunca mais ia atender telefone e interromper conversa, nem xingar nenhuma visita. Jurou que nunca mais ia dizer palavrão nem "vai embora, ratazana".</p>
(Pn5) situação final	<p>Depois, examinando o homem com os olhos arregalados, espiou dentro da geladeira e perguntou: — Queria saber só uma coisa: o que é que aquele franguinho pelado, deitado ali no prato, fez?</p>

Resumidamente a crônica tem a seguinte divisão dos fatos: na situação inicial (Pn1) um homem ganha um papagaio de presente; no nó (Pn2) o papagaio tem péssimo comportamento na nova casa; na reação (Pn3) o homem coloca o papagaio dentro da geladeira de castigo; no desenlace (Pn4) o homem sai para trabalhar e esquece o papagaio o dia inteiro na geladeira e depois o resgata; e, por fim, na situação final (Pn5) o papagaio assustado pergunta sobre o que o frango que estava na geladeira tinha feito de errado.

3.4.3.2 Atividades

É pedido aos pacientes relacionarem as partes da crônica “Papagaio Congelado” de Ricardo Azevedo (separadas conforme as cinco proposições de Adam) com as suas respectivas figuras (cinco figuras). Acredita-se que através de figuras a atividade pode ficar mais interativa e divertida, e de uma forma lúdica o paciente vai trabalhando a progressão temática do texto e a percepção da manutenção do tema central. Além disso, durante a execução da atividade é solicitado aos pacientes, através de um protocolo verbal oral, que relatem como pensaram para executar essa atividade. Ao se trabalhar a progressão temática, a manutenção temática e o protocolo verbal, a consciência textual é trabalhada. Para a elaboração das figuras, foi utilizado o programa *Pixton*, especializado em montar histórias em quadrinhos. Conforme o modelo a seguir:



Um dia, um sujeito ganhou de presente um papagaio.



O bicho era uma praga. Não demorou muito, logo se espalhou pela casa.
Atendia telefone.
Gritava e falava sozinho nas horas mais inesperadas.
Dava palpite nas conversas dos outros.
Discutia futebol.
Fumava charuto.
Pedia café, tomava, cuspiam, arregalava os olhos, esparramava semente de girassol e cocô por todo lado, gargalhava e ainda gritava para o dono de casa: "Ô seu doutor, vê se não torra faz favor!"



Uma noite, a família recebeu uma visita para jantar.
O papagaio não gostou da cara do visitante e berrou: "Vai embora, ratazana!" e começou a falar cada palavão cabeludo que dava medo.
Depois que a visita foi embora, o dono da casa foi até o poleiro.
Estava furioso:
— Seu mal-educado, sem-vergonha de uma figa! Estou cheio! Agora você vai ver o que é bom pra tosse.
Agarrou o papagaio pelo cangote e atirou dentro da geladeira:
— Vai passar a noite aí de castigo!

	<p>Depois, fechou a porta e foi dormir.</p>
	<p>No dia seguinte, saiu atrasado para o trabalho e esqueceu o coitado preso dentro da geladeira. Só foi lembrar do bicho à noite, quando voltou para casa. Foi correndo abrir a geladeira. O papagaio saiu trêmulo e cabisbaixo, com cara arrependida, cheio de pó gelado na cabeça. Ficou de joelhos. Botou as duas asas na cabeça. Rezou. Disse pelo amor de Deus. Reconheceu que estava errado. Pediu perdão. Disse que nunca mais ia fazer aquilo. Jurou que nunca mais ia fazer coisa errada, que nunca mais ia atender telefone e interromper conversa, nem xingar nenhuma visita. Jurou que nunca mais ia dizer palavrão nem "vai embora, ratazana".</p>
	<p>Depois, examinando o homem com os olhos arregalados, espiou dentro da geladeira e perguntou: — Queria saber só uma coisa: o que é que aquele franguinho pelado, deitado ali no prato, fez?</p>

3.4.4 Proposta IV

Tem-se a descrição da quarta proposta.

3.4.4.1 Análise do Texto

A crônica “Garoto linha-dura” de Stanislaw Ponte Preta está organizada da seguinte forma:

(Pn1) situação inicial	Deu-se que Pedrinho estava jogando bola no jardim e, ao emendar a bola de bico por cima do travessão, a dita foi de contra uma vidraça e despedaçou tudo. Pedrinho botou a bola debaixo do braço e sumiu até a hora do jantar, com medo de ser espinafreado pelo pai.
(Pn2) nó	<p>Quando o pai chegou, perguntou à mulher quem quebrara o vidro e a mulher disse que foi Pedrinho, mas que o menino estava com medo de ser castigado, razão pela qual ela temia que a criança não confessasse o seu crime.</p> <p>O pai chamou Pedrinho e perguntou: — Quem quebrou o vidro, meu filho?</p>
(Pn3) reação ou avaliação	<p>Pedrinho balançou a cabeça e respondeu que não tinha a mínima ideia. O pai achou que o menino estava ainda sob o impacto do nervosismo e resolveu deixar para depois.</p> <p>Na hora em que o jantar ia para a mesa, o pai tentou de novo: _ Pedrinho, quem foi que quebrou a vidraça, meu filho? – E, ante a negativa reiterada do filho, apelou: – Meu filhinho, pode dizer quem foi que eu prometo não castigar você.</p> <p>Diante disso, Pedrinho, com a maior cara-de-pau, pigarreou e lascou: _ Quem quebrou foi o garoto do vizinho. _ Você tem certeza? _ Juro.</p>
(Pn4) desenlace	<p>Aí o pai se queimou e disse que, acabado o jantar, os dois iriam ao vizinho esclarecer tudo. Pedrinho concordou que era a melhor solução e jantou sem dar a menor mostra de remorso. Apenas – quando o pai fez ameaça – Pedrinho pensou um pouquinho e depois concordou.</p> <p>Terminado o jantar o pai pegou o filho pela mão e – já chateadíssimo – rumou para a casa do vizinho. Foi aí que Pedrinho provou que tinha ideias revolucionárias. Virou-se para o pai e aconselhou:</p>
(Pn5) situação final	_ Papai, esse menino do vizinho é um subversivo desgraçado. Não pergunte nada a ele não. Quando ele vier atender a porta, o senhor vai logo tacando a mão nele.

Resumidamente a crônica tem a seguinte divisão dos fatos: na situação inicial (Pn1) Pedrinho estava jogando bola e quebrou a vidraça; no nó (Pn2) o pai de Pedrinho chega em casa e lhe pergunta quem tinha quebrado a vidraça; na reação (Pn3) Pedrinho afirma que foi o filho do vizinho quem quebrou a vidraça; no desenlace (Pn4) o pai de Pedrinho decide levá-lo até a casa do vizinho para esclarecer as coisas; e, por fim, na situação final (Pn5) Pedrinho aconselha o pai a não conversar com o filho do vizinho, mas já chegar batendo nele.

3.4.4.2 Atividades

A atividade solicita ao paciente através da crônica “Garoto linha-dura” de Stanislaw Ponte Preta as seguintes tarefas: os pacientes devem completar dois espaços que existem na crônica (P1- situação inicial e P5- situação final) com trechos de textos sugeridos que são dados, e depois eles têm que justificar verbalmente ao oficinairo como pensaram para chegar à resolução da atividade. Ao se retirarem duas partes específicas do texto e pedir para o paciente completar, o leitor compreende de que forma se estrutura cada parte e como uma pode ser consequência da outra em uma ordem cronológica, ficando em destaque a progressão temática textual. As partes dos textos sugeridas que foram misturadas às partes originais possuem algum elemento incoerente com o resto do texto e ajudam o paciente a perceber a manutenção do tema central da crônica. Através do protocolo verbal oral, pode-se perceber o processamento executado pelo leitor ao resolver a atividade. A consciência textual é trabalhada na progressão temática, na manutenção temática e no protocolo verbal.

3.4.5 Proposta V

Tem-se a descrição da quinta atividade.

3.4.5.1 Análise do Texto

A crônica “Fuga” de Fernando Sabino está organizada da seguinte forma:

(Pn1) situação inicial	<p>Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala, fazendo um barulho infernal.</p> <p>-Pára com esse barulho, meu filho - falou, sem se voltar.</p> <p>Com três anos já sabia reagir como homem ao impacto das grandes injustiças paternas: não estava fazendo barulho, estava só empurrando uma cadeira.</p> <p>- Pois então para de empurrar a cadeira.</p> <p>- Eu vou embora - foi a resposta.</p>
(Pn2) nó	<p>Distraído, o pai não reparou que ele juntava ação às palavras, no ato de juntar do chão suas coisinhas, enrolando-as num pedaço de pano. Era a sua</p>

	<p>bagagem: um caminhão de plástico com apenas três rodas, um resto de biscoito, uma chave (onde diabo meteram a chave da despensa - a mãe mais tarde irá dizer), metade de uma tesourinha enferrujada, sua única arma para a grande aventura, um botão amarrado num barbante. A calma que baixou então na sala era vagamente inquietante. De repente, o pai olhou ao redor e não viu o menino. Deu com a porta da rua aberta, correu até o portão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Viu um menino saindo desta casa? - gritou para o operário que descansava diante da obra do outro lado da rua, sentado no meio-fio. - Saiu agora mesmo com uma trouxinha - informou ele.
(Pn3) reação ou avaliação	<p>Correu até a esquina e teve tempo de vê-lo ao longe, caminhando cabisbaixo ao longo do muro. A trouxa, arrastada no chão, iam deixando pelo caminho alguns de seus pertences: o botão, o pedaço de biscoito e - saíra de casa prevenido - uma moeda de 1 cruzeiro. Chamou-o, mas ele apertou o passinho, abriu a correr em direção à Avenida, como disposto a atirar-se diante do ônibus que surgia à distância.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Meu filho, cuidado! <p>O ônibus deu uma freada brusca, uma guinada para a esquerda, os pneus cantaram no asfalto. O menino, assustado, arrepiou carreira. O pai precipitou-se e o arrebanhou com o braço como a um animalzinho:</p>
(Pn4) desenlace	<ul style="list-style-type: none"> - Que susto você me passou, meu filho - e apertava-o contra o peito, comovido. - Deixa eu descer, papai. Você está me machucando. <p>Irresoluto, o pai pensava agora se não seria o caso de lhe dar umas palmadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Machucando, é? Fazer uma coisa dessas com seu pai. - Me larga. Eu quero ir embora
(Pn5) situação final	<p>Trouxe-o para casa e o largou novamente na sala - tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, como ele fizera com a da despensa.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando. - Fico, mas vou empurrar esta cadeira. E o barulho recomeçou.

Resumidamente a crônica tem a seguinte divisão dos fatos: na situação inicial (Pn1) o pai estava tentando trabalhar enquanto o menino estava fazendo barulho empurrando a cadeira; no nó (Pn2) o menino junta suas coisas e sai para a rua por seu pai ter o repreendido; na reação (Pn3) o pai sai atrás do filho e o encontra; no desenlace (Pn4) o pai agarra o menino para levá-lo até em casa; na situação final (Pn5) o menino, agora em casa novamente, volta a fazer barulho empurrando a cadeira.

3.4.5.2 Atividades

A atividade trabalha com as seguintes etapas através da crônica “Fuga” de Fernando Sabino: primeiramente, os pacientes devem colocar a crônica na ordem cronológica dos fatos,

a crônica está dividida em cinco partes conforme as sequências narrativas; feito isso, os pacientes têm que elaborar cinco frases que resumam as cinco proposições do texto, as frases estão em palavras soltas para que eles possam montar, tornando, dessa forma, a atividade mais interativa. Ao colocarem em ordem as partes do texto, os pacientes podem perceber a progressão temática, e ao montarem as frases para cada proposição percebem que o tema central do texto é mantido (manutenção temática). O processamento utilizado pelo paciente ao executar a atividade é percebido através do protocolo verbal oral. A consciência textual é trabalhada nas atividades ao se trabalharem com a progressão temática, a manutenção temática e o protocolo verbal.

Sendo assim, conforme foi explanado no presente tópico, as crônicas foram divididas conforme as sequências narrativas de Adam (2011) e a partir dessa divisão, as propostas foram elaboradas. Através de atividades que utilizaram o lúdico e o humor, a compreensão leitora e a consciência textual com foco na coerência (progressão temática e manutenção temática) foram elementos linguísticos presentes em todas as propostas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Têm-se os resultados e a discussão.

4.1 AVALIAÇÃO DAS PROPOSTAS PELOS PROFISSIONAIS DA PSICOLINGUÍSTICA E INTERFACES.

Foram entrevistados sete profissionais da Psicolinguística e Interfaces. Seguem os depoimentos desses profissionais:

Quadro 1: Percepções gerais das atividades de leitura sugeridas para serem aplicadas na ala psiquiátrica.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	Acredito que as atividades foram bem elaboradas, pois há previsão de uma sequência que estabelece o cuidado com níveis de complexidade entre as tarefas propostas.	
P2	São atividades bem planejadas e	

	têm potencial para atingirem o propósito da pesquisa. No entanto, percebi que o convite para a proposta V não me parece tão motivador como os anteriores.
P3	Na Proposta I, qual a relação das adivinhas com a crônica “Pneu Furado”? Penso que poderias criar uma atividade de incentivo que tivesse a mesma temática da crônica. Alguma música, por exemplo, já que não trazes em nenhuma outra atividade.
P4	As atividades em si estão formuladas adequadamente à proposta de trabalho com a progressão temática, porém não tenho como julgar se essas atividades estão adequadas para os pacientes da ala psiquiátrica.
P5	As atividades promovem um interessante trabalho de percepção textual, bem como a interação com osicineiros e os demais pacientes internados. Apenas me questiono qual seria o papel dos demais gêneros discursivos apresentados aos pacientes, pois todas as atividades são centradas nas crônicas. Uma dúvida que tive é: como será trabalhada especificamente a compreensão leitora (pois me parece que eles sempre terão acesso ao texto inteiro somente ao final da atividade)? Ou a compreensão leitora a que tu te referes não é integral, senão das partes do texto a que eles têm acesso?
P6	As atividades elaboradas são muito interessantes no que diz respeito ao desenvolvimento da leitura e da compreensão leitora, pois priorizam exercícios que

As atividades sugeridas são bem elaboradas e interessantes.

	<p>envolvem aspectos de coerência dos textos, à medida que trabalha a progressão e a manutenção temática. Pelo fato de também instigar e desenvolver a consciência textual dos pacientes, as atividades podem servir como meio de aprimoramento da consciência linguística dos mesmos, já que propõem a reflexão acerca das etapas dos processos que envolvem a leitura e a compreensão dos diversos textos propostos. Além disso, as atividades contribuem para o trabalho em equipe, buscando fazer com que os pacientes interajam e, conseqüentemente, reflitam sobre as etapas das atividades, desfrutando de um momento de lazer e, ainda mais importante, desenvolvendo a compreensão leitora e consciência textual ao mesmo tempo.</p>
<p>P7</p>	<p>Os textos escolhidos são muito interessantes, chamam a atenção, são engraçados e de fácil compreensão. Alguns necessitam de inferências por parte do leitor, o que os faz serem mais interessantes ainda. Os convites para as atividades, realizados de forma lúdica e diversificadas traz um ar de divertimento às atividades, fazendo com que a leitura seja convidativa e agradável.</p>

Ao analisar as respostas dos profissionais da Psicolinguística e interfaces foi notado que todos relataram que as atividades são bem elaboradas e interessantes, pois trabalham com o humor, a interação dos pacientes, o desenvolvimento da consciência textual e da compreensão leitora. Quando as crônicas foram escolhidas, o elemento base para a escolha dos textos foi o humor, pois o riso é um elemento fundamental para a promoção do bem-estar. Outro aspecto muito importante foi que através das atividades sugeridas houvesse a proposta de interação entre os pacientes e pudessem de certa forma, recuperar a vida social e o trabalho

em equipe. Esses aspectos ficam defasados quando se está internado em uma unidade psiquiátrica, sendo o isolamento do paciente uma característica recorrente. Partindo desses pressupostos, com atividades que contivessem humor e interação, os elementos linguísticos foram introduzidos (compreensão leitora e consciência textual). Os pesquisados também relataram sobre a ludicidade presente nas atividades, o lúdico também foi uma característica tomada como primordial, distanciando as atividades de uma “aula” de língua portuguesa convencional, e as transformando em um jogo, em uma brincadeira descontraída. A afirmação de Berk (1988), de que através do riso ocorre a produção de endorfinas ocasionando a diminuição da dor, da pressão sanguínea, de doenças cardíacas e dos hormônios do estresse, vai ao encontro das propostas de atividades elaboradas, pois elas se utilizam do humor, podendo auxiliar na promoção do bem-estar de pacientes psiquiátricos internados.

Um dos pesquisados relatou que o convite para participar da proposta V não pareceu ser tão motivador quanto os demais convites das outras propostas, pois o convite seria através da declamação de pequenos versos relacionados à infância. Com a experiência obtida através do sarau literário, que ocorre mensalmente na internação psiquiátrica, foi percebido que os pacientes de uma maneira geral se interessam pela declamação de pequenos versos e inclusive se dispõem a recitá-los.

Outro pesquisado questionou sobre a relação entre as adivinhas populares com a crônica “Pneu Furado” na proposta I. Na verdade, ao elaborar essa proposta não foi pensado no convite tendo que possuir propositalmente uma relação com o texto, mas apenas em ser algo descontraído e que chamasse atenção dos pacientes, ainda mais por ser a primeira proposta de uma nova leva de atividades. A escolha pelas adivinhas populares também se deu pelo fato de o humor poder trazer bem-estar aos pacientes. O pesquisado também sugeriu uma música como convite para as atividades, alegando que essa técnica não apareceu como um dos convites, porém na proposta II o convite é feito através da música “A Rã” de Caetano Veloso.

Um dos pesquisados não tinha muito conhecimento sobre a realidade dos pacientes em uma ala psiquiátrica e não se achou apto a julgar as atividades além do viés psicolinguístico. Linguisticamente, esse pesquisado afirmou que as atividades trabalham satisfatoriamente com a progressão temática. Todas as crônicas narrativas são trabalhadas através de atividades que se utilizam da progressão e da manutenção temática. Jogo de dominó, jogo da memória, colocar as partes do texto em ordem, retirar partes do texto e sugerir possíveis encaixes, montar frases com palavras soltas que resumissem cada parte do texto, foram técnicas utilizadas para contemplar os tópicos linguísticos propostos.

Outro pesquisado questionou sobre a utilização de somente o gênero crônica nas atividades, e qual seria o papel dos demais gêneros discursivos. Todavia, essas atividades sugeridas são apenas um recorte de todos os gêneros que já são trabalhados na internação psiquiátrica. A crônica foi escolhida por ela ser, segundo Cândido (1992), um gênero que se aproxima dos leitores com uma linguagem mais natural e que muitas vezes se utiliza do humor. O pesquisado também questionou sobre a compreensão leitora, se essa é integral ou em partes. Na verdade, a compreensão leitora proposta nas atividades ocorre das partes para o todo, e para delinear a pesquisa foram escolhidos alguns aspectos da coerência: a progressão e a manutenção temática.

Através da coerência ocorre também a compreensão leitora, pois um texto coerente possui conexão de ideias, e a monitoração da coerência se faz implícita no texto (GOMBERT, 1992). Ferreira e Dias (2004) afirmam que o leitor interpreta e atribui coerência ao texto pelo processo inferencial. Os sentidos na leitura são produzidos através da interação entre o leitor e o texto, e a coerência organiza os sentidos e os relaciona com as partes textuais e o contexto.

Quadro 2: Utilização da intenção teórica, abordada na pesquisa, nas atividades sugeridas.

Código	Respostas	Ideias chave
P1	Sim. As atividades buscaram uma temática e procuraram desenvolvê-la de questões simples para outras mais complexas.	As atividades sugeridas possuem os elementos da intenção teórica.
P2	Sim. As atividades, embora distintas, evidenciam terem sido construídas sobre uma base comum – a compreensão leitora e a consciência textual.	
P3	Sim, possuem intenção teórica. Parece estar sempre em pano de fundo. Consigo observar essa	

	intenção no tipo de atividades escolhidas.
P4	As atividades sugeridas estão fortemente relacionadas à progressão e à manutenção temática, no entanto, não é possível ver com clareza a questão da compreensão leitora. Talvez fosse interessante propor, ao final de cada oficina, após a leitura do texto na íntegra, atividades específicas de compreensão para verificar o “nível” de compreensão dos textos pelos pacientes.
P5	De modo geral, parece-me que as atividades exploram mais a consciência textual do que a compreensão, uma vez que o foco está na localização da organização do texto, do encadeamento dos fatos e na dinâmica do que é narrado.
P6	Sim, as atividades possuem o propósito de testar a habilidade dos pacientes em ordenar um texto na sequência correta e em perceber a progressão da narrativa.
P7	Sim, pois o conjunto de atividades contempla todos esses pontos. A consciência textual é abordada de forma clara nas atividades, pois há perguntas específicas que solicitam que o participante explique como pensou para chegar à resposta.

Ao analisar as respostas dessa questão, os pesquisados em geral, exceto dois, afirmaram que as atividades sugeridas vão ao encontro das teorias utilizadas na pesquisa (compreensão leitora e consciência textual com ênfase na progressão e na manutenção temática). Enfatizando que todas as crônicas foram divididas segundo as pressuposições narrativas de Adam (2011). Sendo assim, a partir dessa divisão as atividades foram elaboradas e contemplaram a progressão e a manutenção temática. Esses aspectos são relevantes para a coerência, que, por sua vez, é relevante para a consciência textual, objetivando assim a compreensão leitora. Os debates sugeridos nas atividades também se utilizaram do protocolo

verbal (justificativa de como cada um pensou para chegar numa determinada resposta), sendo esse outro aspecto da consciência textual. Embasando as afirmações anteriores, segundo Gombert (1992), a consciência metalinguística é um importante aspecto da compreensão leitora, sendo essa uma habilidade de se refletir conscientemente a respeito dos aspectos primários das atividades linguísticas. A consciência textual (reflexão consciente sobre o texto) é um dos tipos de consciência metalinguística.

Quadro 3: Trabalho com a consciência textual (protocolo verbal) nas propostas sugeridas.

Código	Respostas	Ideias chave
P1	Principalmente as atividades que trazem como proposta a reorganização das histórias, pois o sujeito mostrará sua consciência textual nessa tarefa. Se não houver compreensão leitora, não haverá sequência lógica adequada.	As propostas sugeridas de uma maneira geral trabalham com a consciência textual.
P2	Todas as propostas cumprem o papel. Os participantes são chamados a demonstrarem seu nível de compreensão e de consciência textual por meio das atividades com as crônicas.	
P3	Propostas III e IV.	
P4	As propostas que envolvem protocolo verbal são, em geral, as mais utilizadas para a verificação da consciência textual. Todas as atividades sugeridas apresentaram propostas de trabalho com consciência textual, visto que perguntam COMO chegaram ao resultado obtido. Sendo assim, a resposta deverá envolver o procedimento, o raciocínio do paciente e, a partir disso, é possível analisar o conhecimento, a percepção e a consciência acerca dos elementos textuais desses participantes.	
P5	Parece-me que todas as propostas	

	trabalham a consciência textual uma vez que solicitam a atenção do paciente quanto à organização e à dinâmica total do texto: ordem dos fatos; suas amarras; manutenção do tema; e os aspectos novos que levam aos elementos surpresas e, conseqüentemente, ao efeito de sentido projetado: humor, reflexão.
P6	Todas as propostas abordam de forma evidente a consciência textual, já que propõem de forma explícita a reflexão sobre o processo realizado para chegar às respostas. Através de questões direcionadas, os participantes terão a oportunidade de refletir e, com isso, explicar verbalmente como pensaram para responder a cada uma das questões propostas.
P7	Propostas I, II e III – etapa 4; Propostas IV e V – etapa 3; pois todas essas etapas os pacientes devem explicar como chegaram às respostas.

Ao analisar as respostas dos pesquisados, a maioria afirmou que a consciência textual está presente em todas as propostas. Um pesquisado relatou que apenas nas propostas III e IV a consciência textual é trabalhada. Entretanto, em todas as propostas há o trabalho com a progressão e a manutenção temática, e tais aspectos da coerência fazem parte da consciência textual. Além de o protocolo verbal estar presente em todas as atividades, pois em todas elas há o momento em que os pacientes devem verbalizar como que pensaram para chegar a uma determinada resposta. Dessa forma, todas as propostas trabalham com a consciência textual, pois Gombert (1992) afirma que a consciência metatextual considera aspectos como a estrutura, a coerência, a coesão e a consciência procedimental.

Quadro 4: Trabalho com a progressão temática nas propostas sugeridas.

Código	Respostas	Ideias chave
P1	Sem resposta.	

		Todas as propostas de certa forma trabalham com a progressão temática.
P2	Todas, já que os participantes devem demonstrar a compreensão da orientação para a continuidade do texto.	
P3	Propostas I, V.	
P4	Todas as propostas de certa forma trabalham com a progressão temática. A primeira, por exemplo, embora trabalhe primeiramente com palavras-chave, leva a uma sequência de fatos. Esse trabalho indireto leva à verbalização acerca dos motivos que levaram à ordenação da crônica daquela forma, e assim estará abordando a progressão temática. As demais tarefas trabalham diretamente com a progressão temática, tendo em vista a questão da ordenação das partes do texto e a atenção a elementos que pertencem ou não à narrativa.	
P5	As Propostas de número I, II e IV, pois solicitam que o paciente identifique a ordem dos acontecimentos. Essa tarefa exige o entendimento dos elementos de manutenção e também dos novos, uma vez que todos contribuem para a dinâmica do que é narrado na crônica. A Proposta IV, especificamente, não solicita a ordem dos fatos, mas, ao pedir a introdução e a conclusão, de certo modo, requer que haja o entendimento do miolo do texto, levando o paciente a deduzir o início e o final pertinentes com o que ocorreu no texto.	

P6	Todas as propostas sugeridas trabalham a progressão temática, pois cada uma delas, de alguma forma, envolve a ordenação de acontecimentos de um texto, o que exige que o aluno entenda como a sequência dos fatos se dá. A Proposta IV não envolve a ordenação de acontecimentos especificamente, mas, para que o participante descubra qual é a situação inicial e qual é a final, ele precisa entender como acontece a progressão de ideias também.
P7	Propostas I, II e III – etapa 3; Proposta V – etapa 2, pois todas essas atividades trabalham com a ordem cronológica do texto, a progressão da narrativa.

Os pesquisados afirmaram que em pelo menos algumas propostas houve o trabalho com a progressão temática. No entanto, em todas as propostas a progressão temática foi trabalhada, pois todas as crônicas foram divididas conforme as sequências narrativas dominantes, e a partir dessa divisão foi feita a elaboração das tarefas, objetivando também a progressão do tema textual. As atividades trabalharam com: a ordenação das partes do texto, a relação das palavras – chave com as partes do texto, o encaixe da situação inicial e final no texto a partir de trechos da crônica e a relação de partes do texto com figuras. Dessa forma, todas essas atividades objetivaram também a progressão temática. Segundo Charolles (1978), a coerência realiza-se por meio de quatro metarregras, duas são as metarregras utilizadas em todas as atividades: metarregra de manutenção temática e metarregra de progressão temática. A progressão temática se dá através do *tema* que é a informação que já está contida no texto e do *rema* que é a informação nova.

Quadro 5: Trabalho com a manutenção temática nas propostas sugeridas.

Código	Respostas	Ideias chave
P1	Sem resposta.	

P2	A II e a IV, pois trabalham com trechos de textos não coerentes com a crônica. Ao perceberem a incoerência, os participantes demonstrariam conhecimento de manutenção temática, quer dizer, a inadequação de determinados trechos ao texto da crônica.	Todas as propostas de certa forma trabalham com a manutenção temática.
P3	Proposta II	
P4	À exceção da atividade com as palavras-chave, acredito que todas as outras envolvam diretamente o trabalho com a manutenção temática. Para que os participantes consigam ordenar as partes dos textos adequadamente, precisam reconhecer ou perceber os temas e remas para estabelecerem uma sequência lógica para a narrativa. Isso acontece também na atividade que envolve a escolha do(s) trecho(s) que se “encaixa(m)” na história.	
P5	Proposta III, pois solicita que o paciente perceba os tópicos integrados ao tema por meio da análise das figuras e do que elas contam.	
P6	As Propostas II, IV e V trabalham a manutenção temática especificamente.	
P7	Proposta III – etapa 2, pois o paciente deve relacionar figura com texto, mantendo ali a temática entre os dois.	

Os pesquisados, de um modo geral, afirmaram que a manutenção temática foi trabalhada em pelo menos uma das propostas. Na verdade, todas as propostas trabalharam com a manutenção temática na medida em que também trabalharam com a progressão temática, e objetivaram a coerência textual, pois um texto coerente precisa manter o seu tema principal e progredir através do desenrolar dos fatos. Segundo Charolles (1978), para que haja coerência textual é necessário que ocorra repetição, lançando mão de recursos como pronominalizações, definitivações, referenciações contextuais, substituições lexicais, recuperações

pressuposicionais e retomadas de inferência, todos esses fenômenos constituem a manutenção temática.

Quadro 6: Utilização das sequências narrativas dominantes nas propostas sugeridas.

Código	Respostas	Ideias chave
P1	<p>As questões 4, 5 e 6 do questionário, para mim, estão extremamente relacionadas, pois a leitura que fiz do material levou-me a pensar que todas as atividades foram planejadas com esta meta: determinar uma temática e seguir graus de desenvolvimento com elas.</p> <p>Acredito que o diferencial das tuas atividades está na diversificação de estímulos: anedotas (narrativas), imagens (quadrinhos), músicas.</p>	<p>Todos os textos são de sequências narrativas dominantes.</p>
P2	<p>Sim, por serem crônicas narrativas, de caráter figurativo.</p>	
P3	<p>Não sei responder.</p>	
P4	<p>Sim, pois se baseiam em ações em uma sequência temporal. Além disso, seguem a sequência proposta por Adam, com a apresentação da situação inicial, o nó, o desenlace e o fechamento.</p>	
P5	<p>Sim, uma vez que no tipo de crônica escolhida se sobressai o traço narrativo.</p>	
P6	<p>Sim, os textos escolhidos possuem sequências narrativas dominantes, pois todos eles envolvem o gênero crônica. Geralmente, esse gênero é composto por sequências narrativas, como pode ser observado nos textos selecionados para as atividades. Isso fica evidente na Proposta III, por exemplo, em que a crônica foi dividida conforme suas sequências narrativas para que essas fossem associadas às imagens correspondentes.</p>	
P7	<p>Não, uma crônica parece um</p>	

	conto, outra poesia, outra conto de fadas. São crônicas bem diversificadas, em formato e em conteúdo.
--	---

Os pesquisados, em sua maioria, afirmaram que todos os textos possuíam sequências narrativas dominantes. Todas as crônicas que foram escolhidas para a elaboração das atividades possuem caráter narrativo e foram divididas conforme as cinco proposições de Adam (2011). As narrativas possuem uma estrutura hierárquica constituída por cinco proposições essenciais, segundo Adam (2011): Pn1 - situação inicial (antecede o processo), Pn2 - nó (parte inicial do processo), Pn3 - avaliação (o percurso do processo), Pn4 - desenlace (final do processo) e Pn5 - situação final (após o processo).

Quadro 7: Sugestões para as atividades de compreensão leitora e consciência textual (manutenção e progressão temática) para pacientes psiquiátricos internados.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	Penso que uma possibilidade seria de trabalhar com a seguinte sequência: título – ilustração-texto. Outra, talvez, com histórias em quadrinhos (pequenas de três quadros): para organização lógica; para expressar por uma palavra ou frase a ação da personagem.	Sugestões para uma maior diversificação das atividades.
P2	Talvez uma maior diversidade na estrutura das oficinas, centrada na segmentação/ reconfiguração das crônicas. Apesar de a oficina acontecer uma vez por semana, pode parecer repetitiva para o mesmo público.	
P3	Gostei dos textos e da forma como foram explorados. Podes ainda trabalhar com dobraduras, nas atividades de estímulo para o texto. Não tenho outras sugestões no momento.	
P4	Proposta I: Em minha opinião, seria	

	<p>interessante fazer uma atividade-convite que pudesse servir como ponte para a atividade de “leitura”, uma preparação para a atividade seguinte.</p> <p>Proposta II: Novamente, minha sugestão é realizar uma atividade inicial que tenha ligação com a segunda. Para finalizar, minha sugestão seria a de reordenar as atividades, da mais fácil para a mais difícil. Exemplo de sequência:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Proposta I (apoio das palavras-chave) 2) Proposta III (apoio das imagens) 3) Proposta IV (somente dois elementos da narrativa; parte do texto como apoio) 4) Proposta II (ordenação do texto, com poucas frases) 5) Proposta V (atividade mais complexa, dois tipos de ordenação)
P5	<p>Uma prévia de discussão dos textos que não são específicos da atividade pode dar pistas sobre compreensão e consciência textual – quando, por exemplo, o oficinairo sinaliza os momentos em que há manutenção e progressão ou quando ele pergunta, oralmente, sobre o entendimento do texto.</p> <p>Outra sugestão seria apresentar um texto que não tenha progressão temática a fim de ver se eles percebem características de não manutenção de tema, erros na costura do texto e assim por diante.</p>
P6	<p>Outras atividades que envolvam referência e desenvolvimento de inferências também podem ser feitas, conforme os exemplos a seguir:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Atividade de referência Escolher um texto e

	<p>selecionar alguns dos elementos de coesão presentes nele. Depois, perguntar a que/quem se refere cada um dos elementos selecionados, de modo a constatar se o participante realmente compreendeu o texto, fazendo as conexões necessárias entre os elementos coesivos e os seus respectivos referentes.</p> <p>2) Atividade de inferência Escolher um texto que permita que o leitor imagine o que acontece após o final. Analisar cada resposta com o grupo de participantes para constatar se as sugestões apresentadas realmente poderiam ter acontecido ou não, de acordo com as informações apresentadas pelo texto originalmente. Refletir sobre as características do texto que levou cada participante à resposta indicada.</p> <p>3) Atividade de inferência Escolher um texto e lê-lo na íntegra com o grupo. Após a leitura, apresentar alguns acontecimentos, de forma isolada, que estavam presentes no texto. Para garantir a eficiência da atividade, apresentar também alguns acontecimentos que não estavam presentes no texto. A cada leitura de cada acontecimento, perguntar se esse estava presente no texto ou não, pedindo para que os participantes justifiquem as suas respostas. Assim, eles apontarão características do texto que os ajudaram a constatar se o acontecimento fazia parte ou não do desenvolvimento da história.</p>	
P7	Sem Sugestões	

Cada pesquisado, exceto um, deu a sua sugestão para contribuir com as atividades de leitura sugeridas. Um pesquisado sugeriu que, além do texto, a ilustração e o título fossem incluídos, e também sugeriu uma história em quadrinhos. Uma das atividades trabalhou com ilustrações, e uma das tarefas era ordenar logicamente os quadrinhos e a história, relacionando cada quadrinho com uma parte do texto através de um jogo da memória. A outra sugestão de também trabalhar com a tríade (título – ilustração- texto) é pertinente, e nenhuma atividade contemplou esse tipo de tarefa, podendo ser utilizada em atividades futuras. Outro pesquisado sugeriu uma maior diversificação na estrutura das oficinas, podendo as atividades parecerem repetitivas para o mesmo público. Todavia, essas atividades não foram sugeridas para contemplar a oficina que já ocorre na internação psiquiátrica como um todo, elas são apenas um recorte, de tantas outras possibilidades, para fins de pesquisa. Em uma situação de real aplicação pode sim ocorrer uma flexibilidade no cronograma, além de ser possível intercalar o gênero crônica com outros gêneros textuais. Um pesquisado sugeriu o trabalho com dobradura; essa sugestão é pertinente, pois há pacientes que gostam de trabalhos manuais, havendo a possibilidade de aliar esse tipo de trabalho com a leitura, auxiliando na promoção do bem-estar. Outro pesquisado sugeriu que as atividades-convite I e II tivessem uma relação com os respectivos textos das propostas I e I. Para a proposta I essa sugestão é pertinente, porém a escolha da música “A rã” de Caetano Veloso se deu pelo fato da crônica trabalhar com a história “A Princesa e o Sapo” de Luís Fernando Veríssimo, relacionando a música e a história de alguma forma sem que fosse uma música destinada ao público infantil, mas sim para o público adulto. Outra sugestão do pesquisado, foi a reordenação das propostas conforme o grau de dificuldade (do mais fácil para o mais difícil), na verdade, as atividades não foram elaboradas com um grau ascendente de dificuldade, mas sim graus de dificuldades diferentes, porém essa sugestão é pertinente numa situação de real aplicação. Um pesquisado sugeriu uma discussão prévia com outros textos que trabalhem a consciência textual e a compreensão leitora. Para uma situação real de aplicação essa sugestão tem pertinência, sendo inclusive uma espécie de “pré-teste” antes do trabalho com as cinco propostas de fato. Outra sugestão foi a utilização de um texto sem progressão temática, para verificar se os pacientes percebem essa ausência textual. Essa sugestão é pertinente e pode servir como ponto de partida para a elaboração de novas atividades. Outro pesquisado sugeriu o trabalho com os elementos da coesão, no entanto, para fins de pesquisa, o recorte linguístico utilizado foi o trabalho com os elementos da coerência. Essa sugestão fica pertinente para as atividades das oficinas regulares que já ocorrem na internação psiquiátrica. Outra sugestão foi trabalhar com atividades de inferência, essas sugestões têm pertinência e podem enriquecer as atividades

propostas no trabalho com compreensão leitora e consciência textual. Analisando todas as sugestões, algumas foram bem pertinentes, outras desfocaram da delimitação da pesquisa e se voltaram mais para as oficinas em andamento na internação psiquiátrica.

4.2 AVALIAÇÃO DAS PROPOSTAS PELO GRUPO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE (ATUANTES NA ALA PSIQUIÁTRICA)

Foram entrevistados quatro profissionais de saúde atuantes na internação psiquiátrica, dois médicos Psiquiatras e dois enfermeiros. Seguem os depoimentos desses profissionais:

Quadro 8: Percepções gerais das atividades de leitura sugeridas para serem aplicadas na ala psiquiátrica.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	Achei muito interessante a forma de chamá-los para as atividades, instigando a curiosidade e a vontade de participar. As atividades me pareceram muito produtivas utilizando o lúdico para auxiliar na memorização, interpretação de texto, compreensão dos fatos e até mesmo juízo crítico dos pacientes.	Atividades interessantes que promovem a interação entre os pacientes.
P2	As atividades parecem interessantes, pois podem estimular cognitivamente os pacientes, além de promover interação, contato social e tarefas de grupo, todas as atividades são importantes para a reabilitação de pacientes psiquiátricos internados.	
P3	Um trabalho essencial ao auxiliar no ambiente terapêutico da unidade, pois agrega os pacientes, incrementam as relações interpessoais, além de alimentar a mente dos pacientes com material enriquecedor, o que contribui para o seu desenvolvimento global.	
P4	Gostei muito das atividades de	

	leitura sugeridas, pois envolve alegria, descontração, interação. Além disso, são divertidas e, com certeza irão contribuir na recuperação dos pacientes.
--	---

Ao analisar as respostas do corpo médico houve uma unanimidade nas percepções positivas sobre as atividades sugeridas a serem aplicadas na ala psiquiátrica. As atividades foram vistas como sendo interativas, lúdicas, divertidas, descontraídas, instigantes, além de auxiliarem na melhora da memorização, do juízo crítico e das relações interpessoais dos pacientes. Ao elaborar as atividades foi pensado primordialmente que elas fossem descontraídas e chamassem a atenção dos pacientes, trazendo algo novo, inusitado, os tirando de uma certa monotonia e isolamento ocasionados pela internação. Além disso, as propostas de atividades propiciaram que haja um diálogo, uma interação, um trabalho em grupo e uma socialização entre os pacientes numa situação de real aplicação, já que nenhuma atividade propôs um trabalho individual, sempre foi proposto o trabalho em grupo, duplas ou trios. Nos estudos feitos para a pesquisa, foram relatados que através do humor, da interação e da leitura, há um auxílio na melhora do paciente como um todo. Para Santana (2007), através da leitura e do acesso aos livros o ambiente hospitalar pode ser transformado, aumentando o convívio e a socialização entre os pacientes. Sendo assim, as atividades, segundo o corpo médico, responderam aos objetivos propostos na pesquisa.

Quadro 9: Percepções obtidas das atividades de leitura sugeridas.

AS ATIVIDADES ESTÃO APTAS A SEREM UTILIZADAS COM OS PACIENTES PSQUIÁTRICO INTERNADOS.

Código	Respostas
P1	4(concordo parcialmente)
P2	5 (concordo plenamente)
P3	5 (concordo plenamente)
P4	5 (concordo plenamente)

Dos quatro entrevistados, três concordaram plenamente e um concordou parcialmente com a afirmação sobre as atividades estarem aptas a serem utilizadas com os pacientes

psiquiátricos internados. Sendo assim, segundo o corpo médico, numa situação de real aplicação as atividades elaboradas podem ser aplicadas.

AS ATIVIDADES PODEM OBTER RECEPTIVIDADE PELOS PACIENTES.

Código	Respostas
P1	5 (concordo plenamente)
P2	5 (concordo plenamente)
P3	5 (concordo plenamente)
P4	5 (concordo plenamente)

Todos os entrevistados concordaram plenamente com a afirmação sobre as atividades poderem obter a receptividade pelos pacientes. Portanto, segundo o corpo médico, as tarefas que as atividades propõem podem ser bem recebidas pelos pacientes.

AS ATIVIDADES DE LEITURA SUGERIDAS PODEM FUNCIONAR COMO COADJUVANTES NA PROMOÇÃO DO BEM-ESTAR DOS PACIENTES.

Código	Respostas
P1	5 (concordo plenamente)
P2	5 (concordo plenamente)
P3	5 (concordo plenamente)
P4	5 (concordo plenamente)

Todos os entrevistados concordaram plenamente com a afirmação sobre as atividades de leitura serem coadjuvantes na promoção do bem-estar dos pacientes. Sendo assim, as atividades atingiram, segundo o corpo médico, um dos objetivos específicos da pesquisa, que era a construção de atividades de compreensão leitora e consciência textual, em textos de estrutura narrativa dominante (crônicas), com foco na progressão e manutenção temática, que pudessem promover bem-estar aos pacientes psiquiátricos internados.

Quadro 10: Percepções obtidas dos pacientes que frequentam as atividades de leitura.

A FREQUÊNCIA DAS OFICINAS ESTÁ DE ACORDO COM AS NECESSIDADES DOS PACIENTES.

Código	Respostas
---------------	------------------

P1	5 (concordo plenamente)
P2	4(concordo parcialmente)
P3	5 (concordo plenamente)
P4	5 (concordo plenamente)

Dos quatro entrevistados, três concordaram plenamente e um concordou parcialmente com a afirmação sobre a frequência das oficinas está de acordo com as necessidades dos pacientes.

HÁ UMA BOA RECEPTIVIDADE DAS ATIVIDADES DE LEITURA PELOS PACIENTES.

Código	Respostas
P1	5 (concordo plenamente)
P2	4(concordo parcialmente)
P3	5 (concordo plenamente)
P4	5 (concordo plenamente)

Dos quatro entrevistados, três concordaram plenamente e um concordou parcialmente com a afirmação sobre haver uma boa receptividade das atividades de leitura regulares, que ocorrem na internação, pelos pacientes.

AS ATIVIDADES DE LEITURA CONTRIBUEM PARA A PROMOÇÃO DO BEM-ESTAR DOS PACIENTES.

Código	Respostas
P1	5 (concordo plenamente)
P2	4 (concordo plenamente)
P3	5 (concordo plenamente)
P4	5 (concordo plenamente)

Dos quatro entrevistados, três concordaram plenamente e um concordou parcialmente com a afirmação sobre as atividades de leitura regulares contribuírem para a promoção do bem-estar dos pacientes.

Quadro 11: Percepções das atividades sugeridas estarem de acordo com o público a quem elas se destinam.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	<p>Acredito que sim, embora em alguns dias específicos os pacientes estejam mais agitados ou se for algum dia com muitos pacientes novos, às vezes eles não se sentem à vontade para participar das atividades no início do seu período de internação, o que resolveria com uma flexibilidade no cronograma, caso tenha que passar alguma atividade a realizar-se nos dias subsequentes. Outra questão é que há alguns pacientes que não sabem ler ou têm alguma dificuldade, necessitando de auxílio dos demais. Isso na verdade envolveria mais o grupo, contribuindo para um melhor senso de coletividade, inclusão e empatia.</p>	<p>As atividades estão de acordo com o público.</p>
P2	<p>Me parece que algumas tarefas trazem textos mais simples, sendo que em alguns momentos temos um público mais sofisticado. Mas isso é dinâmico e depende do momento da internação. De maneira geral, os textos estão de acordo com o público.</p>	
P3	<p>Estão de pleno acordo, inclusive causou-nos surpresa observar pacientes psicóticos ou muito regredidos, não só aderirem às oficinas, como participarem em um nível acima do esperado.</p>	
P4	<p>Sim, estar internado em um hospital, e em especial em uma unidade psiquiátrica, gera muitos sentimentos, como ansiedade, tristeza, frustração, medo do desconhecido, entre outros. Essas atividades com certeza amenizarão estes sentimentos</p>	

O corpo médico relatou, no geral, que as atividades estavam de acordo com os pacientes psiquiátricos internados. Ler é uma atividade de lazer e humaniza a internação (SEITZ, 2005). Um dos entrevistados fez algumas ressalvas, como a agitação dos pacientes ou o ingresso de novos pacientes, podendo ocorrer uma flexibilidade no cronograma. Como a pesquisa apenas sugere atividades para esses pacientes, numa situação de real aplicação, pode sim ocorrer uma adaptação do cronograma conforme a disponibilidade da internação. Outras questões que foram levantadas pelos entrevistados foi o possível analfabetismo ou alto grau de escolaridade de algum paciente. Levando em consideração essas possibilidades, todas as etapas das atividades são feitas em grupo, e podem ser readaptáveis conforme o grau de escolaridade geral, para que assim todos os tipos de pacientes possam ser contemplados e se solidarizem entre eles na compreensão e na execução das atividades. Um dos entrevistados, além de ter afirmado que as atividades estavam de pleno acordo, também afirmou que pacientes psicóticos ou muito regredidos participam das oficinas regulares além do nível esperado. Essa afirmação confirma um dos objetivos da pesquisa, que é de proporcionar bem-estar a pacientes psiquiátricos internados através de atividades de leitura. Outro entrevistado afirmou que as atividades amenizam os sentimentos de ansiedade, de tristeza, de frustração, de medo, entre outros. Essa afirmação é confirmada pelos estudos de Santana (2007), pois para o autor o contato com literatura é benéfico para quem conta e para quem ouve, pois a prática da leitura auxilia numa maior aceitação da situação da enfermidade e tratamento pelos pacientes, sendo a leitura mais um estímulo para se chegar à cura.

Quadro 12: Percepções de uma possível melhora no paciente que frequenta as oficinas de leitura.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	Certamente sim, os pacientes sentem-se muito bem, percebendo que podem "produzir" algo que foge do foco da doença.	De uma forma geral há uma melhora no paciente que frequenta as atividades de leitura.
P2	O que observamos é o relato individual dos pacientes quanto às atividades. Eles sentem-se mais estimulados, mais vistos, mais cuidados. Isso contribui muito com a melhora de várias	

	patologias psiquiátricas, sendo uma ferramenta terapêutica.
P3	É difícil afirmar que o paciente melhora, mas é perfeitamente observável que faz bem ao paciente desfrutar dessas atividades, pois estimula o participar e o pensar. Pode-se dizer que melhora a qualidade de vida hospitalar do paciente.
P4	Sim, tenho relatos dos profissionais que trabalham ativamente na unidade psiquiátrica que as atividades de leitura tranquilizam os pacientes chegando a diminuir o número de medicamentos no dia da atividade.

O corpo médico, de uma maneira geral, afirmou que há uma melhora nos pacientes que frequentam as atividades de leitura. Dentre os motivos da melhora há: a produção por parte dos pacientes de algo que tira o foco da doença, pacientes mais estimulados, mais cuidados, maior tranquilidade e até redução de medicamentos no dia da atividade. Um dos entrevistados relatou que é difícil afirmar que o paciente melhora, mas que certamente há um aumento na qualidade de vida hospitalar do paciente. As atividades sugeridas tomaram como ponto de partida as oficinas regulares que já ocorrem na internação psiquiátrica, nessas oficinas há diversos relatos do corpo médico do quanto as atividades de leitura auxiliam na recuperação dos pacientes. Sendo assim, as atividades de leitura dessa pesquisa seguem a mesma proposta de auxílio na promoção do bem-estar desses pacientes, e, além disso, propõem um enfoque linguístico para um maior direcionamento das atividades, objetivando um maior bem-estar através da leitura. Dessa forma, o teórico Orsini (1982) embasa a pesquisa, pois, para o presente autor, a leitura promove lazer com funções terapêuticas, e essas funções podem ter fins como: diagnóstico, tratamento, prevenção de males e de problemas pessoais, tendo em vista o equilíbrio emocional.

Quadro 13: Apoio das atividades sugeridas ao sarau literário que ocorre mensalmente na internação psiquiátrica.

Código	Respostas	Ideias-chave
---------------	------------------	---------------------

P1	Com certeza, ajudariam como um “treino” para melhorar a inibição de alguns pacientes, principalmente em relação à leitura de textos em voz alta em frente aos demais.	As atividades sugeridas apoiam o sarau.
P2	Sem resposta	
P3	Certamente elas estimulam, enriquecem e preparam para o sarau.	
P4	Com certeza.	

A maioria dos entrevistados relatou que as atividades sugeridas apoiam o sarau que ocorre mensalmente na internação, pois elas seriam uma espécie de preparo para o dia do evento.

Quadro 14: Sugestões para um melhor desenvolvimento das atividades de leitura que ocorrem na internação psiquiátrica.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	Acho que seria mais interessante consultar os próprios participantes sobre sugestões em relação aos temas abordados ou tipo de atividades, possibilitando uma flexibilidade das atividades de acordo com perfil dos pacientes internados em determinado período.	Maior flexibilidade das atividades, divisão entre grupo controle e intervenção e ampliar o número de oficinairos.
P2	Sugiro a divisão entre um grupo intervenção e um grupo controle para a avaliação dos resultados.	
P3	No momento estamos plenamente satisfeitos e não tenho ainda sugestões.	
P4	Acredito que um desafio é ampliar o número de oficinairos de outros cursos para também vivenciarem essa experiência.	

Um dos pesquisados sugeriu consultar os pacientes sobre o que gostariam de atividades, dessa forma pode-se adaptar as atividades ao público internado. Essa sugestão é relevante

para a elaboração de atividades futuras, em especial em uma situação real de aplicação, em que pode ocorrer um estudo prévio com o público que está internado e flexibilizar as atividades segundo o perfil dos pacientes. Outro pesquisado sugeriu a divisão dos sujeitos em grupo intervenção (grupo experimental que está sendo submetido a alguma experiência) e grupo controle (indivíduo vivendo em seu habitat natural em condições normais). Essa sugestão também tem relevância em uma pesquisa que objetive a aplicação das atividades com os pacientes psiquiátricos internados. Um pesquisado está plenamente satisfeito e não tem sugestões. Por fim, há a sugestão da ampliação do número de oficinairos provenientes de outros cursos de graduação para as atividades. Essa sugestão diz respeito às oficinas regulares especificamente e não às atividades sugeridas da pesquisa. Sendo assim, todas as sugestões têm a sua relevância, porém umas se fizeram mais pertinentes em uma situação real de aplicação das atividades e outras nas oficinas que já ocorrem na internação. No momento da pesquisa o que há são sugestões de atividades de leitura para pacientes psiquiátricos internados.

Quadro 15: Relevância das atividades sugeridas para a recuperação da saúde dos pacientes.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	As atividades realizadas servem como lazer para os pacientes, mas também possuem um papel importante para os indivíduos que as realizam, eu vejo como sendo uma forma de conexão com o mundo e com suas vidas fora da Internação. É um momento para exercer o coletivo, mas também resgatar o singular.	As atividades são relevantes para a recuperação da saúde dos pacientes.
P2	Acho as atividades fundamentais e sugiro que entrem na rotina de intervenção clínica da unidade.	
P3	A unidade de psiquiatria tenta criar o que chamamos de ambiente terapêutico, no qual todas as atividades devem ter um cunho terapêutico, desde o acordar, tomar banho, conversar, interagir, até o ir dormir, precisa se desenvolver numa atmosfera acolhedora e que proporcione modelos saudáveis para o	

	paciente. Dentro deste contexto, considerando as dificuldades de criar um ambiente ideal numa ala hospitalar com as limitações de espaço e recursos, atividades como as de leitura desempenham relevância máxima na recuperação dos enfermos, agregando muita qualidade a ambientoterapia.
P4	As minhas expectativas são as melhores. As atividades sugeridas superam todas as expectativas. A relevância desse projeto é muito grande, pois já tem resultados verbalizados pelos pacientes e pelos profissionais de saúde que atuam na unidade psiquiátrica de que essas atividades têm contribuído para a recuperação dos pacientes.

O corpo médico afirmou que as atividades são relevantes para a recuperação da saúde dos pacientes. Vários motivos foram relatados como: uma conexão com o mundo fora da internação; o paciente exerce o coletivo e ao mesmo tempo o individual; as atividades auxiliam no ambiente terapêutico da internação e contribuem para a recuperação dos pacientes. Sendo assim, as atividades estão de acordo com o embasamento teórico proposto na pesquisa, em que a leitura pode ser coadjuvante no tratamento para problemas emocionais. O paciente durante a leitura pode se distanciar das dificuldades vividas e se transportar para o que está lendo. Para aqueles pacientes que passam por um momento de internação, a leitura pode amenizar os sentimentos de angústia, ansiedade, tristeza, medo e outras reações devido à doença, levando o paciente a um bem-estar físico e mental (ALVES, 1982).

4.3 AVALIAÇÃO DAS PROPOSTAS PELOS OFICINEIROS (ATUANTES NO PROJETO DA ALA PSIQUIÁTRICA)

Foram entrevistados quatroicineiros que executam as oficinas de leitura na ala psiquiátrica. Umicineiro é Doutorando em Letras e os outros trêsicineiros são Graduandos em Medicina. Seguem os depoimentos desses profissionais:

Quadro 16: Percepções gerais das atividades de leitura sugeridas para serem aplicadas na ala psiquiátrica.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	São atividades de fácil aplicação e acredito que seriam bem aceitas pelos pacientes.	<p>Atividades bem elaboradas, aplicáveis e bem aceitas pelos pacientes.</p>
P2	<p>Inicialmente, creio que todas as atividades serão bem recebidas pelos pacientes. Elas têm um caráter lúdico evidente e trabalham com a manutenção temática, bem como com a progressão temática como está proposto.</p> <p>O mesmo aspecto teórico é trabalhado em diferentes formas o que contribui para o desenvolvimento da consciência textual. Não ficou cansativo.</p> <p>Apenas em relação à atividade I, não está claro que no modelo de atividade o texto da coluna à direita encaixa nas palavras da coluna à esquerda. Achei as palavras um tanto vagas para o texto que acompanhava na coluna da direita. Mas creio que minha dificuldade esteja na falta de orientação clara sobre o modelo.</p>	
P3	<p>Observa-se que as atividades foram desenvolvidas de modo a trabalhar seja a linguagem verbal, seja a linguagem não verbal, além da interpretação e a reflexão. Além disso, busca-se explorar o conhecimento dos participantes, de modo a notar suas qualidades e debilidades quanto à linguagem, escrita e/ou ortografia.</p>	
P4	<p>Por meio da experiência adquirida durante a participação como aplicadora do Projeto de Leitura na Ala psiquiátrica, achei</p>	

	todas as atividades sugeridas muito bem elaboradas, criativas, práticas, envolventes e interessantes; são, com certeza, aplicáveis ao contexto do projeto.
--	--

Os entrevistados relataram que as atividades são bem elaboradas, possuem fácil aplicação, são criativas, interessantes e podem ser bem aceitas pelos pacientes. Além de as atividades serem lúdicas e trabalharem com a consciência textual de diversas maneiras.

Ao elaborar a proposta de atividades, foi pensado em trabalhar os tópicos linguísticos propostos de forma lúdica e atrativa aos pacientes, e que através da ludicidade das atividades pudesse ocorrer a promoção do bem-estar. Um dos entrevistados teve dificuldade no entendimento da Proposta I, ele relatou que não estava claro o encaixe das palavras da coluna à direita, nas partes do texto da coluna à esquerda, além do fato das palavras escolhidas da coluna à direita serem vagas. Na verdade, as atividades sugeridas foram elaboradas para serem feitas com o auxílio dosicineiros e, além disso, serem executadas em grupo, dupla ou trios. Sendo assim, o entendimento das atividades é feito coletivamente e com o direcionamento dosicineiros. Quanto à escolha das palavras para a coluna da direita, houve a preferência por substantivos concretos, facilitando também a compreensão pelo paciente. Para osicineiros, as atividades são também práticas, trabalham a linguagem verbal e não verbal, a interpretação textual e a reflexão. Para Caldin (2001), a leitura dirigida e com discussão em grupo acaba favorecendo a interação, e dessa forma, as pessoas acabam compartilhando seus sentimentos e vendo a solução para os seus próprios problemas.

Quadro 17: Percepções obtidas das atividades de leitura sugeridas.

AS ATIVIDADES PROMOVEM A INTERAÇÃO ENTRE OS PACIENTES.

Código	Respostas
P1	5 (concordo plenamente)
P2	5 (concordo plenamente)
P3	5 (concordo plenamente)
P4	5 (concordo plenamente)

Todos os entrevistados concordaram plenamente que as atividades promovem interação entre os pacientes. Como as atividades foram elaboradas para serem executadas em grupos, duplas ou trios, a interação dos pacientes era um dos enfoques.

AS ATIVIDADES TÊM CONDIÇÕES DE BOA ACEITAÇÃO PELOS PACIENTES.

Código	Respostas
P1	5 (concordo plenamente)
P2	5 (concordo plenamente)
P3	4(concordo parcialmente)
P4	5 (concordo plenamente)

Dos quatro entrevistados, três concordaram plenamente e um concordou parcialmente na condição de boa aceitação das atividades pelos pacientes. As atividades objetivaram o lúdico, através de jogos e do entretenimento, tendo como foco a boa aceitação dos pacientes.

AS ATIVIDADES SÃO ADEQUADAS PARA A APLICAÇÃO NAS OFICINAS.

Código	Respostas
P1	5 (concordo plenamente)
P2	5 (concordo plenamente)
P3	5 (concordo plenamente)
P4	5 (concordo plenamente)

Todos os entrevistados concordaram plenamente na adequação das atividades para a aplicação nas oficinas.

AS ATIVIDADES ESTÃO DENTRO DO PADRÃO DE POSSIBILIDADES DOS PACIENTES.

Código	Respostas
P1	5 (concordo plenamente)
P2	5 (concordo plenamente)
P3	4(concordo parcialmente)
P4	5 (concordo plenamente)

Dos quatro entrevistados, três concordaram plenamente e um concordou parcialmente que as atividades estão dentro do padrão de possibilidades dos pacientes. Conforme dito anteriormente, o fato das atividades sugerirem o trabalho com os pacientes de forma coletiva serve também de auxílio para aqueles que tenham uma maior dificuldade de entendimento.

Quadro 18: Ajuda na promoção do bem-estar dos pacientes através das atividades sugeridas.

Código	Respostas	Ideias-chave
---------------	------------------	---------------------

P1	Sim, pois os pacientes permanecem muito tempo ociosos na internação psiquiátrica. As atividades aproximam os pacientes, os fazem refletir e proporcionam um momento de relaxamento.	As atividades podem ajudar a promover o bem-estar dos pacientes.
P2	Sem sombra de dúvida, pois elas levam aos pacientes um pouco de entretenimento e ocupa o tempo dos internados.	
P3	Algumas atividades (jogos, brincadeiras) têm o intuito de fazê-los, de algum modo, distrair e esquecer que se encontram em uma internação. Outras atividades (textos reflexivos ou de autoconhecimento) acabam por explorar sentimentos, de modo a trabalhar superação, cooperação e cuidados.	
P4	Sim, elas podem ajudar no bem-estar dos pacientes à medida que, além de trazer o belo da literatura – que muito contribui para a recuperação mental e reintegração social dos pacientes – traz, aos participantes das atividades, ocupação saudável, envolvimento, reflexão e diversão – o que também, obviamente, influencia na melhora dos respectivos quadros clínicos.	

Todos os entrevistados relataram que as atividades podem ajudar a promover o bem-estar dos pacientes psiquiátricos internados, pois elas aproximam os pacientes, promovem a reflexão, o entretenimento, trabalham a superação, contribuem para a recuperação mental e a reintegração social. Esses aspectos influenciam na melhora do quadro clínico dos pacientes, sendo esse um dos objetivos ao ter elaborado essas atividades. Dessa forma, as atividades correspondem ao embasamento teórico proposto por Antonello (2013). O autor afirma que a prática de contação de histórias auxilia o leitor a atingir o bem-estar e alívio do estresse ao estimular a produção de endorfinas. Ao praticar a leitura em grupo, há a expressão dos

receios, das angústias e dos anseios dos que estão envolvidos, promovendo, dessa forma, uma maior interação entre os pacientes.

Quadro 19: Adequação das atividades a proposta do projeto.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	Sim, elas seguem a proposta de trabalhar textos tentando desenvolver o raciocínio, envolver e motivar os pacientes.	As atividades estão adequadas à proposta do projeto de leitura.
P2	Sim, elas propõem interação, discussão e reflexão em sua realização o que dá ao trabalho com leitura um caráter terapêutico.	
P3	Sim, uma vez que a estante de livros de inúmeros temas, gêneros e autores já instigam os pacientes à leitura. Ao trabalhar poemas, narrações, fábulas, entre outros, temos o intuito não só de desenvolver uma atividade, como também de incentivar a produção textual e leitura dos próprios pacientes.	
P4	Sim, elas estão adequadas. Crônicas, adivinhas, poesias... Enfim, todos os gêneros literários são trabalhados diariamente no projeto. A partir dos textos trazidos, fazem-se diversas abordagens acerca do que foi lido; essas abordagens podem ser mais reflexivas como também lúdicas, criativas, desafiadoras aos participantes (varia conforme a atividade preparada). Nesse sentido, a proposta de trazer os pacientes, de certa forma, como protagonistas, como autores que montam e decidem a ordem da história é, indubitavelmente, adequado e aplicável ao trabalho já realizado nesse espaço.	

Todos os entrevistados relataram que as atividades estão adequadas à proposta do projeto de leitura que já ocorre na ala psiquiátrica. Segundo os entrevistados, as atividades procuram

desenvolver o raciocínio, motivar e envolver os pacientes; promover a interação, a discussão e a reflexão com caráter terapêutico; incentivar a leitura e a produção textual. Ao elaborar as atividades, foi tomado como ponto de partida as que já ocorrem na internação psiquiátrica, justamente para que as novas atividades, mesmo com um viés linguístico diferente, pudessem ser adequadas à proposta do projeto. As atividades sugeridas estão embasadas, entre outros teóricos, em Medonça (2005). Segundo o autor, através de atividades diversas como a leitura em grupo, por exemplo, há a possibilidade de os pacientes se expressarem coletivamente de forma criativa e mudarem o seu cotidiano, flexibilizando, dessa forma, a internação de maneira saudável.

Quadro 20: Trabalho com as regras de consciência textual nas oficinas do projeto.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	Desenvolvemos diversos tipos de atividade na internação. Acredito que algumas das atividades trabalham as regras da consciência textual, trabalhando aspectos de associação. Contudo, grande parte das atividades são baseadas na simples leitura do texto e discussão mais aprofundada sobre o que compreenderam, qual parte mais gostaram, quais associações podem ser feitas com a vida pessoal.	As regras de consciência textual são trabalhadas nas atividades regulares das oficinas.
P2	Sim. Considerando que tanto a progressão quanto a manutenção são constituintes da coerência do texto, ainda que não sejam tratadas diretamente, elas estão implícitas no decorrer do processo da leitura.	
P3	As atividades sugeridas com crônicas são trabalhadas de acordo com o grupo de participantes que se encontram na internação. Elas são em geral trabalhadas, contudo costuma-se avaliar o interesse e os conhecimentos dos pacientes.	
P4	Sim, são trabalhadas. Porém, o	

	formato da atividade alterna (varia de um dia para o outro), adequando-se ao tipo de texto e a linguagem aplicados.
--	---

Os entrevistados relataram que, no geral, as regras de consciência textual são trabalhadas nas atividades regulares das oficinas explicitamente e implicitamente no decorrer do processo de leitura. Um dos entrevistados afirmou que é de costume avaliar o interesse e o conhecimento dos pacientes, e outro relatou que há uma variação no formato das atividades utilizadas na oficina. Pereira & Cabral (2012) afirmam que a consciência textual relaciona os aspectos internos do texto com o contexto, englobando a coerência (conteúdo do texto relacionado com a semântica e a pragmática), a coesão (elementos de ligação entre as frases e parágrafos) e a estrutura (elementos que categorizam o texto como tal), sendo assim a consciência textual se faz presente em grande parte das atividades aplicadas nas oficinas.

Quadro 21: Relevância do trabalho com as regras da consciência textual (progressão e manutenção temática) nas oficinas do projeto.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	Acredito que sim, pois podem auxiliar a desenvolver uma melhor organização de ideias, facilitando a compreensão textual.	Os oficinairos acreditam ser relevante trabalhar as regras de consciência textual.
P2	Sim, pois elas constituem a coerência textual, aspecto necessário para o trabalho com leitura em qualquer ambiente.	
P3	Seria importante trabalhar as regras de consciência textual, visto que se promoveria o conhecimento por meio de atividade dinâmica.	
P4	Sim, acho importante. Pois a partir da progressão do texto os participantes lembram e compartilham experiências próprias às quais o tema, geralmente, remete. Isso faz com que se mantenha a estrutura textual apresentada e, concomitantemente, traz-se à tona uma nova construção textual	

	a partir das reflexões e contribuições partilhadas por cada paciente.
--	---

Os entrevistados acreditam que há relevância em se trabalhar as regras de consciência textual nas oficinas que ocorrem na ala psiquiátrica. Vários são os motivos relatados para a consciência textual ser relevante, destacam-se: desenvolver melhor a organização das ideias, facilitar a compreensão textual e constituir a coerência textual. A atividade metatextual tem um importante papel no monitoramento da escrita ao se usar estratégias para compor e revisar os textos (GOMBERT, 1992). Sendo assim, é relevante trabalhar com a consciência textual nas oficinas desenvolvidas na internação.

Quadro 22: Trabalho e relevância do texto crônica de sequências narrativas dominantes nas oficinas do projeto.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	Não trabalhamos tanto com crônicas. Eu particularmente trabalhei bastante com fábulas e parábolas e obtive um retorno muito positivo na discussão com os pacientes. Acredito que o trabalho com crônicas seja relevante, pois a exposição a diversos gêneros literários pode contribuir para o maior interesse dos pacientes pela literatura.	O texto crônica está presente nas oficinas.
P2	O gênero está presente entre as atividades desenvolvidas na unidade e sua relevância se dá pela importância de se oferecer uma gama diversificada de gêneros textuais que ampliem o universo leitor dos pacientes.	
P3	As crônicas são trabalhadas de acordo com o grupo de participantes que se encontram na internação. Elas são, em geral, trabalhadas e promovem leitura, interpretações e releituras individuais de bastante importância.	
P4	Sim, o texto crônica é um dos	

	<p>tipos textuais trabalhados na ala psiquiátrica. Eu acho bastante relevante, pelo fato de ser um texto que traz consigo uma gama de aspectos importantes, aos quais ocorre uma aproximação de uma literatura mais metafórica a questões próprias do dia a dia, trazendo intrinsecamente consigo reflexões aplicáveis à vida de quem lê e rememora a história. Além disso, a crônica é um texto caracteristicamente acessível a públicos de todas as faixas etárias, o que permite uma abrangência maior de público.</p>	
--	---	--

Os entrevistados relataram que o texto crônica, com sequências narrativas dominantes, está presente nas oficinas. Um dos entrevistados afirmou que a crônica não é trabalhada com frequência nas oficinas, mas que seria importante utilizá-la, diversificando os gêneros textuais trabalhados. Outro entrevistado afirmou que a crônica promove leitura e releitura individual relevante. Já a crônica, para um dos entrevistados, é um gênero importante, pois é acessível e se aproxima das questões do dia a dia do leitor.

A crônica se caracteriza por tratar de assuntos cotidianos e contemporâneos, com uma linguagem mais despojada e coloquial. Sendo assim, relevante para o trabalho nas oficinas, pois é um texto atrativo e de fácil compreensão para os pacientes psiquiátricos. Além disso, são crônicas narrativas, e segundo Antonello (2013), ao se utilizar narrativas personagens com trajetórias similares aos dos pacientes são apresentados, estimulando-os, pois no início do texto narrativo todos preveem que a trajetória da personagem vai seguir sempre a mesma sequência: obstáculos a vencer, clímax da luta contra os obstáculos e a resolução em um final feliz e de superação. Dessa forma, há relevância em se trabalhar com crônicas narrativas na internação psiquiátrica.

Quadro 23: Sugestões para as atividades de compreensão leitora e consciência textual em crônicas de sequências narrativas dominantes.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	Quando trabalhamos compreensão textual geralmente montamos um roteiro de perguntas a serem realizadas a respeito do texto. Iniciamos perguntando se gostaram do texto e o que entenderam dele. Em seguida, tentamos abordar o texto envolvendo a questão pessoal, relacionando com questões cotidianas da vida de cada um. Acredito que funcione bem a aproximação do texto com a vida do paciente, o que torna a discussão mais interessante e não transmite a impressão de estarmos em uma sala de aula.	Maior aproximação do texto com a vida e acrescentar o desenvolvimento cênico/teatral.
P2	Neste exato momento, não me ocorre nenhuma diferente do que já foi proposto pelas cinco atividades.	
P3	Ter domínio de linguagem, afinidade com a literatura e a leitura são fundamentais para um bom desenvolvimento de atividades de compreensão e consciência textual em crônicas.	
P4	Achei bem elaborados todos os trabalhos. Talvez o que pudesse ser acrescentado é o envolvimento cênico/teatral dos participantes no final da história, fazendo com que eles se tornem verdadeiros protagonistas da atividade realizada.	

Dentre as sugestões dos entrevistados, sobre um melhor trabalho com as atividades sugeridas, houve a aproximação do texto com a vida do paciente, distanciando a oficina da impressão de uma aula “convencional”, domínio de linguagem e inclusão do envolvimento cênico/teatral nas atividades sugeridas. Na verdade, um dos propósitos para a escolha da crônica é justamente a aproximação desse gênero textual com o dia a dia das pessoas; já o lúdico presente em todas as atividades tem como um dos objetivos o distanciamento das oficinas de uma aula “convencional”; a sugestão de incluir algo cênico nas atividades pode ser considerada para propostas futuras, auxiliando ainda mais na interação dos pacientes. Sendo

assim, todas as sugestões são relevantes e podem auxiliar na adequação das atividades sugeridas, para futuramente serem aplicadas numa situação real de aplicação.

Quadro 24: Relevância das atividades sugeridas para a recuperação da saúde dos pacientes.

Código	Respostas	Ideias-chave
P1	De acordo com a minha experiência, as atividades possuem extrema importância na recuperação dos pacientes. Acredito que as atividades são um momento de lazer importante em uma ala fechada como a internação psiquiátrica, uma vez que os pacientes não têm acesso a diversos meios de comunicação. Além de promover a leitura e reflexão a respeito de diversas questões, as atividades permitem que os pacientes se conheçam e se entendam melhor uns aos outros, favorecendo a convivência no ambiente.	As atividades são relevantes para a recuperação do paciente.
P2	As atividades estão de acordo com a proposta do projeto. Há em sua natureza o convite à diversão, o que pode fazer com que os paciente se desliguem do problema que os levou até a unidade e possam por alguns instantes ter um pouco de encantamento através da leitura.	
P3	Acredito que os pacientes que se propõe a participar das atividades buscam momentos de distração, mas também um momento para compartilhar seus anseios, angustias ou obter conforto junto aos demais colegas. Esses sentimentos muitas vezes são despertados por poesias, canções e textos trabalhados, sendo possível, muitas vezes, ouvir dos participantes que a atividade foi útil por aflorar reflexões, pensamentos ou sentimentos.	
P4	Essas atividades são extremamente importantes para a	

	ressocialização dos pacientes e recuperação do estado mental saudável, à medida que os instigam a fazer algo diferente e criativo, associando literatura e diversão.	
--	--	--

Para todos os entrevistados as atividades sugeridas possuem relevância no auxílio da recuperação dos pacientes, pois elas promovem um momento de lazer; de leitura e reflexão sobre diversas questões; de desligamento dos problemas; de compartilhamento dos anseios e das angústias; de ressocialização do paciente e de recuperação do estado mental saudável. Todos esses relatos mostraram que as atividades sugeridas atingiram os objetivos propostos e estão adequadas ao referencial teórico utilizado na pesquisa. Segundo Mendonça (2005), há um processo de “desculturamento” no paciente psiquiátrico internado, já que todos os seus hábitos de vida são transformados, gerando diversos conflitos. Sendo assim, atividades de leitura fazem com que os pacientes se remetam ao passado, compartilhem histórias de vida e expressem também seus relatos pessoais. Através dessa prática, o paciente vai se socializando novamente, se reencontrando e experimentando aos poucos as práticas de cidadania e podendo, assim, se reabilitar para o convívio em sociedade novamente.

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

A presente pesquisa, orientada pela linha Teorias e Uso da Linguagem, teve como ponto de partida o projeto de extensão desenvolvido em uma internação psiquiátrica: *“Ler, ouvir e contar histórias em um ambiente hospitalar: uma rede entre pacientes, familiares, profissionais de saúde e pesquisadores”*. A partir desse projeto, a pesquisa almejou construir atividades de compreensão leitora e de consciência textual em textos de estrutura narrativa dominante (crônicas), com foco na progressão e na manutenção temática, que pudessem promover bem-estar aos pacientes psiquiátricos internados. Foi possível verificar as percepções dos profissionais da Psicolinguística, do grupo de profissionais da saúde e dos oficinairos que atuam no projeto de leitura desenvolvido na ala psiquiátrica. Além de verificar em que medida os profissionais da Psicolinguística e interfaces, o grupo de profissionais de saúde e os oficinairos avaliaram essas atividades e acreditaram que elas pudessem contribuir na promoção do bem-estar de pacientes psiquiátricos internados através da leitura.

Dentre os diversos teóricos utilizados na pesquisa, foram fundamentais para a construção e o embasamento teórico das atividades sugeridas na pesquisa os autores: Gombert (1992) embasando os estudos sobre a consciência metalinguística; Adam (2011) trazendo as sequências narrativas dominantes; Marcuschi (2003) com os estudos sobre tipo textual e gênero textual; Squire (2005) embasando a narrativa; Cândido (1992) embasando a crônica; Van Dijk (1988, 2003, 2006 e 2008) com as noções de superestrutura textual; Charolles (1978) com os estudos sobre coerência textual; Dehaene (2009, 2012) sobre as neurociências; Hasse (2004), Seitz (2006), Caldin (2001), Abramovich (1997), Sisto (2001) e Brito (2010) sobre o bem-estar e a leitura; Ferreira (2003) e Paiva (2008) sobre a biblioterapia; Antonello (2013), Santana (2007), Alves (1982) e Machado (2011) sobre a leitura em ambiente hospitalar; Pacheco (2003) e Mendonça (2005) com algumas noções sobre as características de pacientes psiquiátricos internados.

Como assinala Pacheco (2003), uma unidade de internação psiquiátrica existe para resguardar os pacientes que estão com alguma enfermidade mental que altere seu juízo crítico e sua capacidade no controle de condutas, podendo oferecer risco a si mesmo ou a outra pessoa. Mendonça (2005) afirma que os pacientes psiquiátricos internados perdem de certa forma a sua cultura devido à internação, pois todos os seus hábitos de vida são modificados. Dessa forma, os pacientes que estão em uma internação psiquiátrica precisam de um manejo específico através de atividades individuais ou grupais que possam auxiliar no seu reestabelecimento para o convívio em sociedade novamente.

As atividades de leitura, conforme preconiza Machado (2011), podem revelar novas maneiras dos pacientes enfrentarem as diversidades da internação, ou se distraírem, pois há

um diálogo através da literatura e do paciente. Alves (1982) afirma que a leitura pode auxiliar no tratamento de problemas emocionais, pois esta prática ameniza a angústia, a tristeza, a ansiedade, o medo, entre outros sentimentos.

Com o intuito de criar atividades de leitura que pudessem promover o bem-estar de pacientes psiquiátricos internados, resolveu-se utilizar crônicas de sequências narrativas dominantes. Respaldou-se a escolha do gênero textual crônica e do tipo textual narrativo pelo fato da crônica ser atrativa para os pacientes, já que possui uma linguagem mais coloquial, se utiliza muitas vezes do humor e trata de assuntos cotidianos (CÂNDIDO, 1992). Já a escolha pelo tipo narrativo se deu pelo fato de os pacientes já estarem acostumados a ouvir e a reproduzir narrativas em seu cotidiano, além de a narração possuir personagens que estimulam os pacientes, com trajetórias de vida que seguem sempre a mesma sequência: obstáculos a vencer, luta contra os obstáculos e a resolução dessa luta (ANTONELLO, 2013). Esta afirmação é respaldada pelos estudos de Squire (2005), pois as narrativas, por se apresentarem de maneira cronológica, são mais fáceis de serem compreendidas pelos pacientes com diversos graus de escolaridade, já que sempre lidamos com narrativas no nosso dia a dia. Adam (2011), com o estudo sobre as sequências narrativas dominantes, propôs que toda a narrativa deve ser constituída por cinco proposições essenciais: Pn1 - situação inicial (antecede o processo), Pn2 - nó (parte inicial do processo), Pn3 - avaliação (o percurso do processo), Pn4 - desenlace (final do processo) e Pn5 - situação final (após o processo).

As atividades de compreensão leitora e de consciência textual sugeridas foram embasadas linguisticamente através de diversas teorias. A consciência textual foi um dos aspectos abordados nas atividades, pois ela é responsável por voltar a atenção do leitor para o texto de forma consciente (GOMBERT, 1992). Dentre os aspectos da consciência textual, foi escolhida a coerência, pois através dela as ideias do texto são conectadas, sendo a coerência uma das responsáveis pela textualidade. Essa afirmação foi respaldada por Charolles (1978), nos seus estudos sobre a coerência textual, já que o autor lança mão de metarregras que constituem um texto coerente. Dentre as metarregras preconizadas por Charolles, o enfoque da pesquisa foi na metarregra de manutenção temática e de progressão temática, objetivando, assim, um recorte teórico e um direcionamento para as atividades sugeridas.

Concluída a revisão teórica, buscou-se construir as atividades de leitura e os questionários sobre as percepções dessas atividades. Os sujeitos respondentes dos questionários foram os profissionais da Psicolinguística e interfaces (verificando, segundo as suas percepções, se as atividades estavam adequadas ao referencial teórico estabelecido na pesquisa); o grupo de profissionais de saúde da ala psiquiátrica (verificando, segundo as suas

percepções, se as atividades eram adequadas às características dos pacientes e se podiam ser aplicadas a fim de auxiliar no bem-estar desses pacientes) e os oficinairos (verificando se as atividades podiam obter a aceitação dos pacientes e promover o interesse, a interação e o bem-estar deles durante as atividades). A partir das respostas obtidas, percebeu-se o que está de acordo com a proposta da pesquisa e o que pode ser melhorado ou modificado, objetivando assim um maior embasamento para uma possível situação de real aplicação no futuro.

As questões sobre as percepções gerais das atividades obtiveram muitas respostas positivas. Grande parte das respostas dos profissionais da Psicolinguística e interfaces consideraram as atividades sugeridas como sendo bem elaboradas, interessantes, humorísticas, interativas e que desenvolvem os tópicos linguísticos (consciência textual, progressão temática, manutenção temática, compreensão leitora, tipo narrativo e gênero crônica) propostos. O corpo médico foi unânime, para os médicos psiquiatras e os enfermeiros as atividades sugeridas são lúdicas, divertidas, descontraídas, aptas para a aplicação, auxiliam no bem-estar e podem obter uma boa receptividade pelos pacientes. Para eles as atividades de leitura regulares que ocorrem na internação psiquiátrica também auxiliam na melhora dos pacientes de uma forma geral. Sendo assim, atividades que trabalham com a leitura são relevantes para a recuperação da saúde de pacientes psiquiátricos. Os oficinairos relataram que as atividades podem ser bem aceitas pelos pacientes, são interativas, estão adequadas para as oficinas regulares que ocorrem na internação psiquiátrica, são aplicáveis, estão dentro do padrão de possibilidades dos pacientes, ajudam a promover o bem-estar, promovem a reflexão, trabalham a superação, trabalham com o lúdico e com a consciência textual de formas variadas. As atividades, segundo os oficinairos, também trabalharam com os tópicos linguísticos utilizados para embasá-las e são relevantes para as oficinas regulares que ocorrem na internação. Os oficinairos relataram que a crônica é um gênero textual presente nas oficinas, sendo importante a sua utilização nas atividades.

Todas as atividades objetivaram trabalhar com a compreensão leitora e a consciência textual (progressão e manutenção temática); além disso, foram escolhidas crônicas humorísticas narrativas, com assuntos leves e do cotidiano, para que a leitura pudesse ser mais atrativa, mais fácil, mais próxima da realidade dos pacientes e que promovessem o bem-estar durante a atividade. Além disso, levaram-se em consideração os diferentes níveis de escolaridade e proficiência leitora dos pacientes que se encontram na internação, para que as atividades pudessem contemplar a todos. Dessa forma, os objetivos de pesquisa sobre trabalhar com a consciência textual (progressão e manutenção temática), a compreensão

leitora e o bem-estar dos pacientes psiquiátricos internados foram atingidos através das atividades.

Dentre as sugestões comentadas, os profissionais da Psicolinguística e interfaces sugeriram que as atividades pudessem trabalhar com outros elementos além do texto, como história em quadrinhos e dobraduras. Além da diversificação dos gêneros textuais (utilizar outros além da crônica), entre outras sugestões mais e menos pertinentes para o momento da pesquisa. O corpo médico sugeriu a divisão dos pacientes, em uma situação real de aplicação, em grupo intervenção e grupo controle, e a adaptação das atividades ao público internado no momento de aplicá-las, lembrando que a presente pesquisa sugeriu atividades para pacientes psiquiátricos internados e não as aplicou. Já osicineiros sugeriram que as atividades de leitura tivessem uma maior aproximação com o dia a dia do paciente, se distanciassem de uma aula no formato escolar e utilizassem técnicas cênicas junto com a leitura. As sugestões em geral foram pertinentes para este trabalho, outras fugiram do foco da pesquisa. Alguns tópicos que foram sugeridos são mais aplicáveis para as oficinas que já ocorrem na internação e não para essas cinco atividades sugeridas especificamente. Por exemplo, diversificar os gêneros textuais, utilizar a referência nas atividades, dividir os pacientes em grupo controle e intervenção, adaptar as atividades aos pacientes que estão internados em um dado momento da internação e ampliar o número deicineiros do projeto regular que já ocorre na ala psiquiátrica. Sendo assim, tratando-se das cinco atividades sugeridas especificamente, foi necessário delimitar o gênero textual e o tipo textual na pesquisa, pois foi preciso que houvesse um direcionamento no referencial teórico para o embasamento dessas atividades.

Os resultados permitiram afirmar a importância da interface entre a Linguística com a área da saúde, para um direcionamento teórico das iniciativas de humanização hospitalar através da leitura. Nas pesquisas publicadas atualmente sobre leitura em ambiente hospitalar, a maioria dos pesquisadores são médicos, psicólogos ou bibliotecários, sendo assim, é importante o envolvimento de profissionais do curso de Letras nessas pesquisas para preencher as lacunas teóricas relacionadas à Linguística. Foi necessário que fosse feito um estudo prévio sobre o gênero textual, o tipo textual e os tópicos linguísticos que seriam trabalhados, antes da elaboração das atividades de leitura para os pacientes da ala psiquiátrica. Por outro lado, os profissionais de Letras também precisam dos conhecimentos advindos da área da saúde, já que se trata de um público novo, com novas necessidades, características e manejo, totalmente diferente dos alunos regulares de uma sala de aula, por exemplo. Esses fatores podem influenciar na receptividade e na compreensão das atividades pelos pacientes, resultado no sucesso ou no insucesso da prática de humanização hospitalar através da leitura.

Sendo assim, a interface entre essas áreas de conhecimento distintas podem ser promissoras para um bom direcionamento desse tipo de pesquisa.

A presente pesquisa foi também relevante para os estudos da Psicolinguística, já que contribuiu para novas interfaces, novos públicos e novos objetivos de pesquisa; direcionando os estudos sobre a consciência textual (progressão e manutenção temática) e a compreensão leitora para um novo propósito, a humanização hospitalar.

Através das constatações obtidas na presente pesquisa, com atividades sugeridas para pacientes psiquiátricos internados, pretendeu-se oportunizar novos direcionamentos linguísticos para esse tipo de trabalho desenvolvido na internação psiquiátrica. Além da possibilidade de ampliação de novas pesquisas na área da saúde objetivando a humanização hospitalar, com a utilização de teorias embasadas na Psicolinguística. Pretende-se aprofundar a presente pesquisa na tese de Doutorado, aplicando as atividades com os pacientes e ampliando os tópicos linguísticos propostos nesta dissertação. Sendo assim, o presente trabalho foi uma motivação para novas interfaces entre a Psicolinguística com outras áreas de estudo, especificamente a área da saúde, através de atividades de compreensão leitora e consciência textual para pacientes psiquiátricos internados.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fany. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ADAM, Jean Michel. *Le texte narratif*. Paris: Nathan, 1985.
- _____. *A Língua Textual*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALMEIDA, Wilson Castello de. *Além da catarse, além da integração, a catarse de integração*. Rev. bras. Psicodrama, São Paulo, v. 18, n. 2, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932010000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 nov. 2015.
- ALVES, Maria Helena Hees. *A aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social*. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 15, n.1/2, p.54-61, jan/jun. 1982.
- ANTONELLO, Ivan C.F. *Contar histórias e seu valor terapêutico*. In: Ketzer, S.M.;
- ARAÚJO, Everaldo Lima. *Progressão temática e legibilidade em histórias da literatura infantil*. In: Anais do XVI CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2012.
- AZEVEDO, Ricardo. *Papagaio congelado*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/papagaio-congelado-634312.shtml>>. Acesso em 10 abr.2016
- BENEDUZI, Andréa Campello. *Bibliotecas especiais: a biblioteca hospitalar como um repositório de saúde e bem-estar ao alcance do paciente*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18721>>. Acesso em 11 mar.2016.
- BERK, L. S., Tan, et al. *Humor associated laughter decreases cortisol and increases spontaneous lymphocyte blastogenesis*. Clin Res 36(3), 435A ,1988.
- BRITO, Danielle Santos de. *A importância da leitura na formação social do indivíduo*. Revela-Faculdade Dom Domênico, Guarujá, ano 4, n.8, jun/2010. Disponível em: < http://www.fals.com.br/revela12/artigo4_ed08.pdf > Acesso em 09 fev. 2016.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. *A leitura como função terapêutica: biblioterapia*. Encontros de n. 12, dez. 2001. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=11510>. Acesso em 11 nov. 2015.
- CÂNDIDO, Antônio (et. al). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CHALMERS, David.J. *The conscious mind*. New York: Oxford University Press, 1996.

CHAROLLES, Michel. *Introduction aux problèmes de la cohérence des textes*. Paris: Langue Française, 1978.

COMBETTES, Bernard. *Pour une grammaire textuelle. La progression thématique*. Paris: A. de Boeck & Ducolot, 1983.

CRICK, Francis; KOCH, Christof. *Towards a neurobiological theory of consciousness*. *Seminars in the Neurosciences*, v.2, p. 263-275, 1990. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>> Acesso em 05 mai. 2016.

DANES, Frantisek. *Functional sentence perspective and the organization of the text*. In: Danes, F. (Ed.), *Papers on Functional Sentence Perspective*. Academia Prague, p. 106 e 128, 1974.

DEHAENE, Stanislas. *Reading in the brain*. London: Penguin, 2009.

_____. *Os neurônios da leitura - como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Porto Alegre: Penso, 2012.

_____. *Your brain on books*. *Scientific American*, Nov. 2009. Disponível em: <<http://www.scientificamerican.com/article/your-brain-on-books/>>. Acesso em 23 mar.2016.

FERNANDES, Francisco Assis Martins. *Lazer, comunicação e cultura*. *Revista Ceciliana*, Santos, v. 8, n. 9, p. 31-40, 2007. Disponível em: <http://www.csolineunitau.com.br/comu/artigo9.html>. Acesso em 11 nov. 2015.

FERREIRA, Danielle Thiago. *Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal*. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 4, n. 2, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br/etd/biblioterapia.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2015.

FERREIRA, S.P.A; DIAS, M.B.B: *A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial*. *Psicologia em Estudo*, Maringá. v.9, n.3, p. 439-488, set. /dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a11>>. Acesso em 02 jun.2016.

FREUD, S. *Humour*. *International J Psychoanal* 9, 1-6 ,1928.

GLEITMAN, Henry; FRIDLUND, Alan J.; REISBERG, Daniel. *Psicologia*. 6ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GLOSARIO, ALA de. *Bibliotecología Y Ciencias de la Información*. Madrid: Díaz de Santos, 1988.

GOODMAN, Kenneth S. *Um jogo psicolinguístico de adivinhação*. In: SINGER, Harry; RUDELL, Robert B. *Theoretical models and processes of reading*. 2. ed. Newark: International Reading Association, 1976.

_____. *Language and literacy, the selected writings*. Boston: Routledge and Kegan Paul, cap.3, 1982.

_____. O processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: FERREIRO, Emília; PALÁCIO, Margarita Gomez. *Os processos de leitura e escrita, novas perspectivas*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1990.

_____. Unidade na leitura – um modelo psicolinguístico transacional. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 26, n. 4, p. 9-43, dez. 1991.

GOLDIN, Daniel. *Os dias e os livros: divagações sobre a hospitalidade da leitura*. Trad. Carmen Cacciacarro. São Paulo, Editora Pulo do Gato, 2012.

GOMBERT, Jean - Emile. *Metalinguistic development*. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf, 1992.

HALLIDAY, Michael. A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HASSE, Margareth. *Biblioterapia como texto: análise interpretativa do processo biblioterapêutico*. 153f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.

GÓMEZ HERNÁNDEZ, José Antonio. *Biblioteconomia Geral e Aplicada*. Conceitos Básicos de Gestão de Bibliotecas. Murcia: DM, 1997.

KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1985.

KETZER, Solange Medina; AMODEO, Maria Teresa; SISTO, Celso. *No mundo hospitalar, história também tem lugar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

_____; AMODEO, Maria Tereza. *Histórias para ouvir, criar e contar: inventar ajuda a curar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1992.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LENT, Roberto. *Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência*. São Paulo: Atheneu: FAPERJ 2001.

LIBET, Benjamin. Consciousness. In Adelman G. (Ed.) *Encyclopedia of Neuroscience*. Boston: Birkhauser, 1987.

MACHADO, Ana Maria. *Silenciosa Algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucena, 2003, p. 20-36

MENDONÇA, Teresa Cristina Paulino de. *As oficinas na saúde mental: relato de uma experiência na internação*. Psicologia Ciência e Profissão, n.4, p. 626-635. 2005.

MORANDI BALCUNAS, Valentina. *La logoterapia y La biblioterapia: descubriendo el sentido de la vida através de La lectura*. Montevideo: Instituto de Logoterapia del Uruguay “Viktor E. Frankl”, 2008.

MOREIRA, Terezinha Maria. *A progressão temática na redação escolar*. Campinas: Unicamp, 1991. (Dissertação de mestrado)

NASCIMENTO, Geovana Mascarenhas do; ROSEMBERG, Dulcinea Sarmiento . *A Biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados*. Inf. Inf., Londrina, v.1 2 n.1, j an./jun.2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1747>> Acesso em 02 nov. 2015.

NEWMAN, S. D.; JUST, M. A.; MASON, R. *Compreendendo o texto com o lado direito do cérebro: o que os estudos de neuroimagem funcional têm a dizer*. In: RODRIGUES, C.; TOMITICH, L. (Orgs.) *Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ONOCKO-Campos, Rosana Teresa, Palombini, Analice de Lima, Leal, Erotildes, Serpa Junior, Octavio Domont de, Baccari, Ivana Oliveira Preto, Ferrer, Ana Luiza, Diaz, Alberto Giovanello, & Xavier, Maria Angélica Zamora. (2013). *Narrativas no estudo das práticas em saúde mental: contribuições das perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamin e da antropologia médica*. Ciência & Saúde Coletiva, 18(10), 2847-2857. Disponível em : >[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013001000009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013001000009&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1413-81232013001000009)< Acesso em 15 out. 2015.

ORSINI, Maria Stella. *O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia*. Comunicação e Artes, n.11, p. 145-149.1982.

PACHECO, Marco Antônio et al. *Aspectos do funcionamento de uma unidade de internação psiquiátrica de um hospital geral*. Rev. psiquiatria. Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v.25, supl.1, p.106-114, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a11v25s1.pdf>>. Acesso em 10 nov. 2015.

PEREIRA, Maria Alice. *Representações sociais de pacientes psiquiátricos sobre a loucura, a internação e o sofrer psíquico: a triste passagem e a triste paisagem*. 289f. (Tese Doutorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto,1997.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. *Biblioterapia: Proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em Bibliotecas Públicas*. João Pessoa: Universitária, 1996.

PEREIRA, Vera Wannamacher. *Arrisque-se... faça seu jogo*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 47-63, 2002.

PEREIRA, Vera Wannmacher e CABRAL, Leonor Scliar. *Compreensão de textos e consciência textual: caminhos para o ensino nos anos iniciais*. Florianópolis: Insular, 2012.

PINTO, Virginia Bentes. *A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário*. Transinformação, Campinas, V.17, n. 1, p.31-43, 2005.

POERSCH, José Marcelino. *A leitura como fonte de saber linguístico: processos cognitivos*. Letras de Hoje, Porto Alegre, V.35, n. 3, p.401-401, 2001.

PRETA, S. P. *A palavra é... humor*. Contos selecionados por Ricardo Ramos. São Paulo: Scipione, 1989.

QUAKNIN, Marc – Alain. *Biblioterapia*. Trad. de Nicolás Niyemi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

RIBEIRO, Gizele. *Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos*. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 3, n. 2, p. 112-126, jan. /jun. 2006.

SABINO, Fernando. *Para gostar de ler, crônicas*. São Paulo: Ática, 1978.

SANTANA, João Carlos Batista. *A visão pediátrica sobre o projeto de literatura infantil no hospital São Lucas da PUCRS*. In: Ketzer, S.M.;

SEITZ, Eva Maria. *Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica*. Florianópolis: ACB, 2006.

SILVA, Emanuel Cardoso. *Prática de leitura: sentido e intertextualidade*. São Paulo: Unimarco, 1997.

SILVA, Maria Betty Coelho. *Contar histórias uma arte sem idade*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1997.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Chapecó: Argos, 2001.

SMITH, Frank. *Leitura significativa*, Trad. NEVES, Beatriz Affonso. 3. ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1999

_____. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 2003.

SQUIRE, Corinne. *Reading narratives*. Group Analysis, 38(1), 91-107, 2005.

SWEISS, Giovanni P; LAGOS, Paulina N. *En búsqueda de un modelo cognitivo/textual para la evaluación de texto escrito*. In SOLÍS, M.C. Procesos de comprensión y de producción de textos académicos: argumentativos y expositivos. Cali: Unesco, 1999. P. 83-115.

TEIXEIRA, Elizabeth. *Análise Ídeo - Central*. Belém, 2009. 1 folder.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *News as discourse*. Hillsdal, NJ: Erlbaum, 1988.

_____. *La ciencia del texto: um enfoque interdisciplinario*. Barcelona/Buenos Aires: Ediciones Paidós, 2003.

_____. *Discourse, Context and Cognition*. In *Discourse Studies*. Vol 8(1): 159-177. London: Sage, 2006a.

_____. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *A princesa e o sapo*. Disponível em: <http://keylapinheiro.blogspot.com.br/2012/04/interpretacao-e-compreensao-do-genero_15.html#!/tcmcbck>. Acesso em 10 mai.2016.

_____. *Pai não entende nada*. São Paulo: L&PM, 1991.

WILD, B., et al. *Neural correlates of laughter and humour*. *Brain* 126, 2121-2138 ,2003,

WOOTEN, P. *Humor, laughter, and play: maintaining balance in a serious world*. In B. Dossey, L. Keegan, & C. Guzzetta (Eds), *Holistic nursing: A handbook for practice*, 497-520, Boston: Jones & Bartlett ,2005.

APÊNDICE I
QUESTIONÁRIO OFICINEIROS QUE ATUAM NO PROJETO

Nome:

Formação:

1. Quais foram as suas percepções gerais em relação às atividades sugeridas para aplicação na ala psiquiátrica?

2. Em relação às atividades, elas podem ajudar a promover o bem-estar dos pacientes psiquiátricos internados? Em que aspectos?

3. Em relação às atividades, elas estão adequadas à proposta do projeto de extensão de leitura que já se encontra em desenvolvimento na ala psiquiátrica? Em que aspectos?

4. Quanto às suas percepções em relação às atividades propostas, sendo **5** (concordo plenamente), **4** (concordo parcialmente), **3** (indiferente), **2** (discordo parcialmente) e **1** (discordo plenamente):

a. As atividades promovem a interação entre os pacientes.

1 2 3 4 5

b. As atividades têm condições de boa aceitação pelos pacientes.

1 2 3 4 5

c. As atividades são adequadas para a aplicação nas oficinas.

1 2 3 4 5

d. As atividades estão dentro do padrão de possibilidades dos pacientes.

1 2 3 4 5

5. As regras da consciência textual que foram abordadas nas atividades sugeridas com crônicas (manutenção e progressão temática) são trabalhadas nas atividades regulares das oficinas do projeto de extensão? Justifique sua resposta.

6. Você acha relevante trabalhar as regras da consciência textual (progressão e manutenção temática) nas oficinas de leitura regulares da ala psiquiátrica? Justifique sua resposta.

7. O texto crônica, com sequências narrativas dominantes, é trabalhado nas oficinas regulares da ala psiquiátrica? Você acha relevante? Justifique sua resposta.

8. Quais sugestões você apresenta, para um melhor trabalho, ao elaborar atividades de compreensão leitora e consciência textual com essas regras (progressão e manutenção temática) em crônicas com sequências narrativas dominantes?

9. Qual a relevância das atividades sugeridas para a recuperação da saúde dos pacientes, considerando as suas experiências no projeto de leitura desenvolvido na ala psiquiátrica?

APÊNDICE II

**QUESTIONÁRIO GRUPO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE (MÉDICOS
PSIQUIATRAS E ENFERMEIROS) – ALA PSIQUIÁTRICA.**

Nome:

Atuação:

1. Quais são as suas percepções gerais sobre as atividades de leitura sugeridas para serem aplicadas na ala psiquiátrica?

2. Que percepções você obtém das atividades de leitura que foram sugeridas, sendo **1** (discordo plenamente), **2** (discordo parcialmente), **3** (indiferente), **4** (concordo parcialmente), **5** (concordo plenamente).

a) AS ATIVIDADES ESTÃO APTAS A SEREM UTILIZADAS COM OS PACIENTES PSIQUIÁTRICO INTERNADOS.

() **1** () **2** () **3** () **4** () **5**

b) AS ATIVIDADES PODEM OBTER RECEPÇÃO PELOS PACIENTES.

() **1** () **2** () **3** () **4** () **5**

c) AS ATIVIDADES DE LEITURA SUGERIDAS PODEM FUNCIONAR COMO COADJUVANTES NA PROMOÇÃO DO BEM-ESTAR DOS PACIENTES.

() **1** () **2** () **3** () **4** () **5**

3. Que percepções você obtém dos pacientes que frequentam as atividades de leitura, sendo **1** (discordo plenamente), **2** (discordo parcialmente), **3** (indiferente), **4** (concordo parcialmente), **5** (concordo plenamente).
- a. A FREQUÊNCIA DAS OFICINAS ESTÁ DE ACORDO COM AS NECESSIDADES DOS PACIENTES.
 1 **2** **3** **4** **5**
- b. HÁ UMA BOA RECEPTIVIDADE DAS ATIVIDADES DE LEITURA PELOS PACIENTES.
 1 **2** **3** **4** **5**
- c. AS ATIVIDADES DE LEITURA CONTRIBUEM PARA A PROMOÇÃO DO BEM-ESTAR DOS PACIENTES.
 1 **2** **3** **4** **5**
4. Segundo as suas percepções, as atividades sugeridas estão de acordo com o público (pacientes psiquiátricos internados) a quem elas se destinam? Justifique sua resposta.
-
-
-
-
5. Segundo as suas percepções, há uma melhora no paciente que frequenta as atividades de leitura comparado ao que não frequenta? Em que aspectos?
-
-
-
-
6. Considerando suas experiências no projeto de leitura, as atividades sugeridas dariam apoio ao sarau literário que ocorre mensalmente?
-
-

7. Que sugestões você apresenta para um melhor desenvolvimento das atividades de leitura que ocorrem na ala psiquiátrica?

8. Qual a relevância das atividades sugeridas para a recuperação da saúde dos pacientes, considerando as suas experiências no projeto de leitura desenvolvido na ala psiquiátrica?

APÊNDICE III
QUESTIONÁRIO GRUPO DE PROFISSIONAIS DA PSICOLINGUÍSTICA E
INTERFACES

Nome:

Atuação:

1. Quais são as suas percepções gerais sobre as atividades de leitura sugeridas para serem aplicadas na ala psiquiátrica?

2. As propostas sugeridas possuem a intenção teórica abordada no projeto de forma evidente (compreensão leitora e consciência textual com ênfase na progressão e manutenção temática)? Justifique sua resposta.

3. Qual ou quais propostas sugeridas trabalham a consciência textual (justificativa/protocolo verbal do que os pacientes podem ter pensando para chegar a uma determinada resposta) especificamente? Justifique sua resposta.

4. Qual ou quais propostas sugeridas trabalham a progressão temática especificamente?

Justifique sua resposta.

5. Qual ou quais propostas sugeridas trabalham a manutenção temática especificamente?

Justifique sua resposta.

6. Os textos escolhidos para as atividades (crônicas) possuem sequências narrativas dominantes?

Justifique.

7. Que sugestões você apresenta para um melhor trabalho na elaboração de atividades de compreensão leitora e consciência textual (manutenção e progressão temática) para pacientes psiquiátricos internados?

APÊNDICE IV

- Todas as propostas da pesquisa trabalham com a compreensão leitora e a consciência textual (manutenção e progressão temática) em crônicas narrativas. São sugeridas cinco propostas para serem trabalhadas em uma semana de trabalho (cinco encontros semanais) no projeto de extensão de leitura para pacientes psiquiátricos internados.

PROPOSTA I

SUGERIDA PARA PACIENTES PSIQUIÁTRICOS INTERNADOS

*Etapas da proposta:

1- Convite para a atividade passando pelos quartos da ala psiquiátrica e pela sala de TV contando adivinhas populares “o que é, o que é?”:

- O que é o que é que sempre se quebra quando se fala?

Resposta: o segredo

- O que é o que é feito para andar e não anda?

Resposta: a rua

- O que é o que é que dá muitas voltas e não sai do lugar?

Resposta: o relógio

- O que é o que é que sobe quando a chuva desce?

Resposta: o guarda-chuva.

- O que é? O que é? Que tem mais de 10 cabeças, mas não sabe pensar?

Resposta: uma caixa de fósforos.

- O que é o que é que enche uma casa, mas não enche uma mão?

Resposta: um botão

- O que é o que é que esta sempre no meio da rua e de pernas para o ar?

Resposta: a letra U

- O que é que corre a casa inteira de depois vai dormir num canto?

Resposta: a vassoura

- O que é? O que é? Tem pernas, mas não anda. Tem braço, mas não abraça?

Resposta: a cadeira

- O que é que está na ponta final do fim, no início do meio e no meio do começo?

Resposta: A letra M

Crônica:

Pneu Furado

O carro estava encostado no meio-fio, com um pneu furado. De pé ao lado do carro, olhando desconsoladamente para o pneu, uma moça muito bonitinha.

Tão bonitinha que atrás parou outro carro e dele desceu um homem dizendo "Pode deixar". Ele trocava o pneu.

- Você tem macaco? - perguntou o homem.

- Não - respondeu a moça.

- Tudo bem, eu tenho - disse o homem - Você tem estepe?

- Não - disse a moça.

- Vamos usar o meu - disse o homem.

E pôs-se a trabalhar, trocando o pneu, sob o olhar da moça.

Terminou no momento em que chegava o ônibus que a moça estava esperando.

Ele ficou ali, suando, de boca aberta, vendo o ônibus se afastar.

Dali a pouco chegou o dono do carro.

- Puxa, você trocou o pneu pra mim. Muito obrigado.

- É. Eu... Eu não posso ver pneu furado. Tenho que trocar.

- Coisa estranha.

- É uma compulsão. Sei lá.

(Luís Fernando Veríssimo. Livro: Pai não entende nada. L&PM, 1991).

2- Pacientes acomodados individualmente para o início da atividade:

a) vamos começar o jogo dominó. Cada participante ganhará cinco peças. Eu vou tirar uma peça do montante de peças e colocarei sobre a mesa. Cada um de vocês, um por vez, tentará encaixar uma peça retirada desse montante. Se a peça não encaixar, vocês passarão a vez para o participante ao lado e devolverão a peça não encaixada para o montante de peças. O participante que terminar de encaixar a última peça do montante de peças de forma correta será o vencedor.

* Dominó feito em cartolinas de diversas cores, com peças do tamanho de folhas A4.

b) agora vamos auxiliar vocês a colocarem as peças na ordem, fazendo com que elas formem um texto.

c) vamos ao debate: Porque vocês escolheram essa ordem para as peças? O que pensaram para escolher essa ordem?

d) agora vamos distribuir e ler em grupo a crônica na íntegra.

Modelo da atividade:

carro * dono * pneu	O carro estava encostado no meio-fio, com um pneu furado. De pé ao lado do carro, olhando desconsoladamente para o pneu, uma moça muito bonitinha.
boca -aberta * moça * ônibus	Tão bonitinha que atrás parou outro carro e dele desceu um homem dizendo "Pode deixar". Ele trocava o pneu.
estepe * homem * macaco * moça * pneu	<ul style="list-style-type: none"> - Você tem macaco? - perguntou o homem. - Não - respondeu a moça. - Tudo bem, eu tenho - disse o homem - Você tem estepe? - Não - disse a moça. - Vamos usar o meu - disse o homem. <p>E pôs-se a trabalhar, trocando o pneu, sob o olhar da moça.</p>
carro * homem * pneu	Terminou no momento em que chegava o ônibus que a moça estava esperando. Ele ficou ali, suando, de boca aberta, vendo o ônibus se afastar.
carro * meio - fio * moça * pneu	<p>Dali a pouco chegou o dono do carro.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Puxa, você trocou o pneu pra mim. Muito obrigado. - É. Eu... Eu não posso ver pneu furado. Tenho que trocar. - Coisa estranha. - É uma compulsão. Sei lá

PROPOSTA II
SUGERIDA PARA PACIENTES PSIQUIÁTRICOS INTERNADOS

*Etapas da proposta:

1- Convite para a atividade passando pelos quartos da ala psiquiátrica e pela sala de TV cantando a música “A Rã” de Caetano Veloso.

A Rã

Coro de cor
Sombra de som de cor
De mal-me-quer
De mal-me-quer de bem
De bem-me-diz
De me dizendo assim
Serei feliz
Serei feliz de flor
De flor em flor
De samba em samba em som
De vai e vem
De ver de verde ver
Pé de capim
Bico de pena pio
De bem-te-vi
Amanhecendo assim
Perto de mim
Perto da claridade
Da manhã
A grama a lama tudo
É minha irmã
A rama o sapo o salto
De uma rã

Fonte: <http://www.vagalume.com.br/tim-maia/a-ra.html#ixzz449XpKGNi>

Crônica:

A Princesa e o Sapo

Era uma vez... numa terra muito distante...uma princesa linda, independente e cheia de auto-estima.

Ela se deparou com uma rã enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo era relaxante e ecológico...

Então, a rã pulou para o seu colo e disse: linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito.

Uma bruxa má lançou-me um encanto e transformei-me nesta rã asquerosa.

Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir lar feliz no teu lindo castelo.

A tua mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavar as minhas roupas, criar os nossos filhos e seríamos felizes para sempre...

Naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã sauté, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria, pensando consigo mesma:

- Eu, hein?... nem morta!

(Luís Fernando Veríssimo. Disponível em: http://keylapinheiro.blogspot.com.br/2012/04/interpretacao-e-compreensao-do-genero_15.html#!/tcmcbck)

2- Pacientes acomodados para o início da atividade e divididos em trios:

a) cada trio se posicionará em frente de cada cartolina que está colada na parede. Cada trio receberá oito partes do texto para colar na ordem que julgarem serem corretas, duas partes não fazem parte do texto.

b) agora vamos analisar e confrontar as partes do texto coladas por cada trio.

c) vamos debater as respostas de cada trio. O que pensaram para escolher certas partes e esquecer outras na colagem? O que pensaram para chegar a esta ordem na colagem?

d) agora vamos ler a crônica em sua ordem correta e na íntegra.

Modelo da atividade:

A Princesa e o Sapo

Era uma vez... numa terra muito distante...uma princesa linda, independente e cheia de auto-estima.

Ela se deparou com uma rã enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo era relaxante e ecológico...

Então, a rã pulou para o seu colo e disse:

- Linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito.
Uma bruxa má lançou-me um encanto e transformei-me nesta rã asquerosa.
Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir lar feliz no teu lindo castelo.
A tua mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavar as minhas roupas, criar os nossos filhos e seríamos felizes para sempre...

Naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã sauté, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria, pensando consigo mesma:

- Eu, hein?... nem morta!

Os sapos são anfíbios, assim como as rãs e as pererecas. Existem mais de 4.500 espécies de sapos espalhadas por todo o mundo.

Tempere as rãs com o sal, ervas manjerona, pimenta e o suco de limão e deixe descansar por 30 minutos.

PROPOSTA III

SUGERIDA PARA PACIENTES PSIQUIÁTRICOS INTERNADOS

*Etapas da proposta:

1- Convite para a atividade passando pelos quartos da ala psiquiátrica e pela sala de TV contando piadas de papagaio:

O papagaio de dona Joana, a boleira de Campina Grande

Existia, na cidade de Campina Grande, uma mulher que era conhecida na cidade como dona Joana, a mesma tinha um papagaio danadinho. Todo dia, ela fazia bolos para vender, quando num certo dia o danado do papagaio meteu o bico no bolo. Dona Joana deu o flagrante na hora, e disse ao papagaio: - Se você meter o bico de novo no meu bolo eu te coloco pregado na parede. Passados alguns dias... Não é que o papagaio resolveu meter o bico no bolo de Dona Joana! Dessa vez Dona Joana não teve pena, e pregou o papagaio na parede. O papagaio gemendo de dor olhou pro lado e viu a imagem de Jesus crucificado. - Pelo jeito que estou, não é só eu que meti o bico no bolo não.

Papagaio inteligente

Um cara chamou um amigo para ver seu papagaio:

-Olha, Samuel, meu papagaio sabe falar em um monte de línguas, por exemplo, se você levanta a perna direita ele fala em Inglês e se você levantar a perna esquerda ele fala em Espanhol!

Então o amigo diz:

-Que legal! Mas e se eu levantar as duas pernas?

De repente o papagaio fala:

-Aí você cai, seu trouxa!

Fonte: <http://www.piadas.com.br/piadas/papagaios>

Crônica:

Papagaio Congelado

Ricardo Azevedo

Um dia, um sujeito ganhou de presente um papagaio.

O bicho era uma praga. Não demorou muito, logo se espalhou pela casa.

Atendia telefone.

Gritava e falava sozinho nas horas mais inesperadas.

Dava palpite nas conversas dos outros.

Discutia futebol.

Fumava charuto.

Pedia café, tomava, cuspiam, arregalava os olhos, esparramava semente de girassol e cocô por todo lado, gargalhava e ainda gritava para o dono de casa: "Ô seu doutor, vê se não torra faz favor!"

Uma noite, a família recebeu uma visita para jantar.

O papagaio não gostou da cara do visitante e berrou: "Vai embora, ratazana!" e começou a falar cada palavrão cabeludo que dava medo.

Depois que a visita foi embora, o dono da casa foi até o poleiro. Estava furioso:

— Seu mal-educado, sem-vergonha de uma figa! Estou cheio! Agora você vai ver o que é bom pra tosse.

Agarrou o papagaio pelo cangote e atirou dentro da geladeira:

— Vai passar a noite aí de castigo!

Depois, fechou a porta e foi dormir.

No dia seguinte, saiu atrasado para o trabalho e esqueceu o coitado preso dentro da geladeira.

Só foi lembrar do bicho à noite, quando voltou para casa.

Foi correndo abrir a geladeira.

O papagaio saiu trêmulo e cabisbaixo, com cara arrependida, cheio de pó gelado na cabeça.

Ficou de joelhos.

Botou as duas asas na cabeça.

Rezou.

Disse pelo amor de Deus.

Reconheceu que estava errado.

Pedi perdão.

Disse que nunca mais ia fazer aquilo.

Jurou que nunca mais ia fazer coisa errada, que nunca mais ia atender telefone e interromper conversa, nem xingar nenhuma visita.

Jurou que nunca mais ia dizer palavrão nem "vai embora, ratazana".

Depois, examinando o homem com os olhos arregalados, espiou dentro da geladeira e perguntou:

— Queria saber só uma coisa: o que é que aquele franguinho pelado, deitado ali no prato, fez?

2- Pacientes acomodados para o início da atividade e divididos em duplas:

a) cada dupla ganhará 10 cartões, sendo cinco cartões as partes da crônica e cinco cartões as figuras que retratam cada uma dessas partes.

b) vocês irão fazer um jogo da memória, relacionando cada parte do texto com a figura correspondente.

* Durante o jogo, através de um protocolo verbal oral, os pacientes serão questionados sobre o que pensaram ao relacionar determinada parte do texto à determinada figura.

c) após o término do jogo, coloquem as partes da crônica em ordem cronológica.

d) agora iremos analisar e confrontar as ordens da crônica elaboradas por cada dupla.

e) vamos debater as respostas de cada grupo. Por que vocês relacionaram essas partes do texto com essas figuras? O que pensaram para a escolha dessas relações?

f) agora vamos ler a crônica em sua ordem correta e na íntegra.

Modelo da atividade:

	<p>Um dia, um sujeito ganhou de presente um papagaio.</p>
---	---



O bicho era uma praga. Não demorou muito, logo se espalhou pela casa.
Atendia telefone.
Gritava e falava sozinho nas horas mais inesperadas.
Dava palpite nas conversas dos outros.
Discutia futebol.
Fumava charuto.
Pedia café, tomava, cuspia, arregalava os olhos, esparramava semente de girassol e cocô por todo lado, gargalhava e ainda gritava para o dono de casa: "Ô seu doutor, vê se não torra faz favor! ”.



Uma noite, a família recebeu uma visita para jantar. O papagaio não gostou da cara do visitante e berrou: "Vai embora, ratazana!" e começou a falar cada palavrão cabeludo que dava medo.
Depois que a visita foi embora, o dono da casa foi até o poleiro. Estava furioso:
— Seu mal-educado, sem-vergonha de uma figa! Estou cheio! Agora você vai ver o que é bom pra tosse.
Agarrou o papagaio pelo cangote e atirou dentro da geladeira:
— Vai passar a noite aí de castigo!
Depois, fechou a porta e foi dormir.



No dia seguinte, saiu atrasado para o trabalho e esqueceu o coitado preso dentro da geladeira. Só foi lembrar do bicho à noite, quando voltou para casa.
Foi correndo abrir a geladeira.
O papagaio saiu trêmulo e cabisbaixo, com cara arrependida, cheio de pó gelado na cabeça.
Ficou de joelhos.
Botou as duas asas na cabeça.
Rezou.
Disse pelo amor de Deus.
Reconheceu que estava errado.
Pediუ perdão.
Disse que nunca mais ia fazer aquilo.
Jurou que nunca mais ia fazer coisa errada, que nunca mais ia atender telefone e interromper conversa, nem xingar nenhuma visita.
Jurou que nunca mais ia dizer palavrão nem "vai embora, ratazana".



Depois, examinando o homem com os olhos arregalados, espiou dentro da geladeira e perguntou: — Queria saber só uma coisa: o que é que aquele franguinho pelado, deitado ali no prato, fez?

PROPOSTA IV

SUGERIDA PARA PACIENTES PSIQUIÁTRICOS INTERNADOS

*Etapas da proposta:

1- Convite para a atividade passando pelos quartos da ala psiquiátrica e pela sala de TV contando piadas cuja personagem se nomeie por “Pedrinho”:

Pedrinho na escola

A professora dando aula perguntou para o aluno :

“Pedrinho qual foi a primeira coisa que D.Pedro fez quando chegou ao trono?”

“Sentou nele, professora”

Pedrinho e a Professora

A professora diz aos alunos:

- Quem se acha burro que se levante!

Após alguns minutos Pedrinho se levanta e professora pergunta:

- Você se acha burro Pedrinho?

Pedrinho responde:

- Não, professora, é que eu não quero deixar a senhora de pé sozinha...

Pedrinho e a Geografia

A mãe pergunta para o filho: - Pedrinho, o que você está estudando?

- Geografia, mamãe.

- Então onde fica a Inglaterra?

- Aqui, mãe, na página 68!!!

Pedrinho

A professora pergunta ao Pedrinho:

- Pedrinho, o que é matéria?

- Essa é fácil de responder, professora: matéria é tudo aquilo que eu não sei.

Fonte: [Http://www.piadascurtas.com.br](http://www.piadascurtas.com.br)

Crônica:

Garoto linha-dura

Deu-se que Pedrinho estava jogando bola no jardim e, ao emendar a bola de bico por cima do travessão, a dita foi de contra uma vidraça e despedaçou tudo. Pedrinho botou a bola debaixo do braço e sumiu até a hora do jantar, com medo de ser espiado pelo pai.

Quando o pai chegou, perguntou à mulher quem quebrara o vidro e a mulher disse que foi Pedrinho, mas que o menino estava com medo de ser castigado, razão pela qual ela temia que a criança não confessasse o seu crime.

O pai chamou Pedrinho e perguntou:

— Quem quebrou o vidro, meu filho?

Pedrinho balançou a cabeça e respondeu que não tinha a mínima idéia. O pai achou que o menino estava ainda sob o impacto do nervosismo e resolveu deixar para depois.

Na hora em que o jantar ia para a mesa, o pai tentou de novo:

— Pedrinho, quem foi que quebrou a vidraça, meu filho? – E, ante a negativa reiterada do filho, apelou: – Meu filhinho, pode dizer quem foi que eu prometo não castigar você.

Diante disso, Pedrinho, com a maior cara-de-pau, pigarreou e lascou:

— Quem quebrou foi o garoto do vizinho.

— Você tem certeza?

— Juro.

Aí o pai se queimou e disse que, acabado o jantar, os dois iriam ao vizinho esclarecer tudo. Pedrinho concordou que era a melhor solução e jantou sem dar a menor mostra de remorso. Apenas – quando o pai fez ameaça – Pedrinho pensou um pouquinho e depois concordou.

Terminado o jantar o pai pegou o filho pela mão e – já chateadíssimo – rumou para a casa do vizinho. Foi aí que Pedrinho provou que tinha idéias revolucionárias. Virou-se para o pai e aconselhou:

— Papai, esse menino do vizinho é um subversivo desgraçado. Não pergunte nada a ele não. Quando ele vier atender a porta, o senhor vai logo tacando a mão nele.

Fonte: Stanislaw Ponte Preta. A palavra é... humor. Contos selecionados por Ricardo Ramos. São Paulo: Scipione, 1989.

2- Pacientes acomodados para o início da atividade e organizados em duplas:

a) cada dupla se posicione em frente de uma cartolina com a crônica “Garoto linha-dura” afixada. No texto estão faltando duas partes. Colem no local indicado as partes que faltam no texto, tirem essas duas partes do montante de trechos que está sobre a mesa.

b) agora vamos analisar e confrontar as partes do texto coladas por cada dupla.

c) vamos debater as respostas de cada dupla. Por que vocês colaram esses trechos? O que pensaram para a escolha desses trechos?

d) agora vamos distribuir a crônica na ordem correta e vamos lê-la em grupo.

Modelo da atividade

Garoto linha-dura

P1: Deu-se que Pedrinho estava jogando bola no jardim e, ao emendar a bola de bico por cima do travessão, a dita foi contra uma vidraça e despedaçou tudo. Pedrinho botou a bola debaixo do braço e sumiu até a hora do jantar, com medo de ser espinafreado pelo pai.

Quando o pai chegou, perguntou à mulher quem quebrara o vidro e a mulher disse que foi Pedrinho, mas que o menino estava com medo de ser castigado, razão pela qual ela temia que a criança não confessasse o seu crime.

O pai chamou Pedrinho e perguntou:

__ Quem quebrou o vidro, meu filho?

Pedrinho balançou a cabeça e respondeu que não tinha a mínima idéia. O pai achou que o menino estava ainda sob o impacto do nervosismo e resolveu deixar para depois.

Na hora em que o jantar ia para a mesa, o pai tentou de novo:

__ Pedrinho, quem foi que quebrou a vidraça, meu filho? – E, ante a negativa reiterada do filho, apelou: – Meu filhinho, pode dizer quem foi que eu prometo não castigar você.

Diante disso, Pedrinho, com a maior cara-de-pau, pigarreou e lascou:

__ Quem quebrou foi o garoto do vizinho.

__ Você tem certeza?

__ Juro.

Aí o pai se queimou e disse que, acabado o jantar, os dois iriam ao vizinho esclarecer tudo. Pedrinho concordou que era a melhor solução e jantou sem dar a menor mostra de remorso. Apenas – quando o pai fez ameaça – Pedrinho pensou um pouquinho e depois concordou.

Terminado o jantar o pai pegou o filho pela mão e – já chateadíssimo – rumou para a casa do vizinho. Foi aí que Pedrinho provou que tinha idéias revolucionárias. Virou-se para o pai e aconselhou:

P5: __ Papai, esse menino do vizinho é um subversivo desgraçado. Não pergunte nada a ele não. Quando ele vier atender a porta, o senhor vai logo tacando a mão nele.

Trechos de outros textos a serem utilizados na atividade:

Deu-se que Pedrinho estava brincando de carrinho no jardim com o seu amigo e, ao entrar em casa, o carrinho acabou caindo no chão. Pedrinho botou o carrinho debaixo do braço e sumiu até a hora do jantar, com medo de ser espinafado pelo pai.

__ Papai, acho melhor não irmos viajar! Está chovendo! Ficaremos dentro do hotel quase o tempo todo.

Deu-se que Ana estava brincando de boneca na sala com a sua vizinha. Sem querer ela esbarra na mesa ao lado do sofá. A menina estava nervosa, ela tinha quebrado o vaso de flores da sua mãe. Ana botou o vaso debaixo do braço e sumiu até a hora do jantar, com medo de ser espinafada pelo pai.

__ Mamãe, podemos ir ao vizinho outra hora. Eles devem estar almoçando, não seria bom atrapalhar.

__ Papai, a filha da vizinha é extremamente mimada, a mãe dela faz tudo o que ela quer, não adianta ir lá e contar o que ela aprontou!

__ Papai, esse meu primo é um subversivo desgraçado. Não pergunte nada a ele não. Quando ele vier atender a porta, o senhor vai logo falando com o meu tio.

PROPOSTA V

SUGERIDA PARA PACIENTES PSIQUIÁTRICOS INTERNADOS

*Etapas da proposta:

1- Convite para a atividade passando pelos quartos da ala psiquiátrica e pela sala de TV recitando frases que abordem o tema “infância”:

“Pegamos o telefone que o menino fez com duas caixas de papelão e pedimos uma ligação com a infância.” Millôr Fernandes

“A Maravilha da infância é que para eles tudo é maravilha”. Gilbert Keith

“Na infância... Bastava Sol lá fora e o resto se resolvia”. Fabrício Carpinejar

“Nunca ninguém conseguirá ir ao fundo de um riso de criança”. Víctor Hugo

“A infância é o tempo de maior criatividade na vida de ser um humano”. Jean Piaget

“Só as crianças sabem o que procuram”. Antoine de Saint - Exupéry

“Ser criança é fazer amigos antes mesmo de saber o nome deles”. Gilberto dos Reis

Fonte: <http://www.mensagenscomamor.com/frases-de-infancia>

Crônica:

A Fuga

Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala, fazendo um barulho infernal.

- Pára com esse barulho, meu filho - falou, sem se voltar.

Com três anos já sabia reagir como homem ao impacto das grandes injustiças paternas: não estava fazendo barulho, estava só empurrando uma cadeira.

- Pois então pára de empurrar a cadeira.

- Eu vou embora - foi a resposta.

Distraído, o pai não reparou que ele juntava ação às palavras, no ato de juntar do chão suas coisinhas, enrolando-as num pedaço de pano. Era a sua bagagem: um caminhão de plástico com apenas três rodas, um resto de biscoito, uma chave (onde diabo meteram a chave da despensa - a mãe mais tarde irá dizer), metade de uma tesourinha enferrujada, sua única arma para a grande aventura, um botão amarrado num barbante. A calma que baixou então na sala era vagamente inquietante. De repente, o pai olhou ao redor e não viu o menino. Deu com a porta da rua aberta, correu até o portão:

- Viu um menino saindo desta casa? - gritou para o operário que descansava diante da obra do outro lado da rua, sentado no meio-fio.

- Saiu agora mesmo com uma trouxinha - informou ele.

Correu até a esquina e teve tempo de vê-lo ao longe, caminhando cabisbaixo ao longo do muro. A trouxa, arrastada no chão, ia deixando pelo caminho alguns de seus pertences: o botão, o pedaço de biscoito e - saíra de casa prevenido - uma moeda de 1 cruzeiro. Chamou-o, mas ele apertou o passinho, abriu a correr em direção à Avenida, como disposto a atirar-se diante do ônibus que surgia à distância.

- Meu filho, cuidado!

O ônibus deu uma freada brusca, uma guinada para a esquerda, os pneus cantaram no asfalto. O menino, assustado, arrepiou carreira. O pai precipitou-se e o arrebanhou com o braço como a um animalzinho:

- Que susto você me passou, meu filho - e apertava-o contra o peito, comovido.

- Deixa eu descer, papai. Você está me machucando.

Irresoluto, o pai pensava agora se não seria o caso de lhe dar umas palmadas:

- Machucando, é? Fazer uma coisa dessas com seu pai.

- Me larga. Eu quero ir embora.

Trouxe-o para casa e o largou novamente na sala - tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, como ele fizera com a da despensa.

- Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.

- Fico, mas vou empurrar esta cadeira. E o barulho recomeçou.

Fonte: Fernando Sabino. Para gostar de ler, crônicas. SP, Ática, 1978

2- Pacientes acomodados para o início da atividade e organizados em dois grupos devido à extensão da crônica:

a) cada grupo receberá a crônica dividida em cinco partes e um montante de palavras soltas.

*Tantas as partes como as palavras serão impressas e plastificadas em folhas A4 e fonte de grande tamanho, para fácil manuseio e maior interatividade entre os pacientes.

b) coloquem a crônica na ordem cronológica dos fatos, para cada ordem correta um ponto será dado ao grupo.

c) agora elaborem uma frase para cada parte do texto, essas partes estarão soltas e misturadas, cada frase tem que resumir o que acontece em cada parte do texto e para cada frase correta um ponto também será dado.

*Será feito um placar entre o grupo A e o grupo B, propiciando uma competição saudável e o trabalho em equipe.

d) agora vamos analisar e confrontar as partes do texto colocadas por cada grupo e suas respectivas frases.

e) vamos debater as respostas de cada grupo. Por que vocês colocaram essas partes do texto? O que pensaram para a escolha dessas partes? E as frases, como pensaram na escolha das palavras soltas para elaborá-las?

f) agora vamos distribuir a crônica na ordem correta, com as respectivas frases encaixadas e vamos lê-la em grupo.

Modelo da atividade

A Fuga

Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala, fazendo um barulho infernal.

- Para com esse barulho, meu filho - falou, sem se voltar.

Com três anos já sabia reagir como homem ao impacto das grandes injustiças paternas: não estava fazendo barulho, estava só empurrando uma cadeira.

- Pois então para de empurrar a cadeira.

- Eu vou embora - foi a resposta.

O menino começou	a fazer barulho	empurrando a cadeira,	a	o pai pediu para ele parar,	o menino disse	que ia ir embora.
------------------	-----------------	-----------------------	---	-----------------------------	----------------	-------------------

Distraído, o pai não reparou que ele juntava ação às palavras, no ato de juntar do chão suas coisinhas, enrolando-as num pedaço de pano. Era a sua bagagem: um caminhão de plástico com apenas três rodas, um resto de biscoito, uma chave (onde diabo meteram a chave da despensa - a mãe mais tarde irá dizer), metade de uma tesourinha enferrujada, sua única arma para a grande aventura, um botão amarrado num barbante. A calma que baixou então na sala era vagamente inquietante. De repente, o pai olhou ao redor e não viu o menino. Deu com a porta da rua aberta, correu até o portão:

- Viu um menino saindo desta casa? - gritou para o operário que descansava diante da obra do outro lado da rua, sentado no meio-fio.

- Saiu agora mesmo com uma trouxinha - informou ele.

O menino	juntou	as suas coisas	e saiu pela porta.
----------	--------	----------------	--------------------

Correu até a esquina e teve tempo de vê-lo ao longe, caminhando cabisbaixo ao longo do muro. A trouxa, arrastada no chão, iam deixando pelo caminho alguns de seus pertences: o botão, o pedaço de biscoito e - saíra de casa prevenido - uma moeda de 1 cruzeiro. Chamou-o, mas ele apertou o passinho, abriu a correr em direção à Avenida, como disposto a atirar-se diante do ônibus que surgia à distância.

- Meu filho, cuidado!

O ônibus deu uma freada brusca, uma guinada para a esquerda, os pneus cantaram no asfalto. O menino, assustado, arrepiou carreira. O pai precipitou-se e o arrebanhou com o braço como a um animalzinho:

O pai	Achou	o filho	na rua	e o resgatou.
-------	-------	---------	--------	---------------

<p>- Que susto você me passou, meu filho - e apertava-o contra o peito, comovido. - Deixa eu descer, papai. Você está me machucando. Irresoluto, o pai pensava agora se não seria o caso de lhe dar umas palmadas: - Machucando, é? Fazer uma coisa dessas com seu pai. - Me larga. Eu quero ir embora.</p>				
---	--	--	--	--

O pai	comovido	Abraça	o filho.
-------	----------	--------	----------

Trouxe-o para casa e o largou novamente na sala - tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, como ele fizera com a da despensa.

- Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.

- Fico, mas vou empurrar esta cadeira. E o barulho recomeçou.

O pai	trouxe o filho	para casa	e o barulho	da cadeira	recomeçou.
-------	----------------	-----------	-------------	------------	------------